

Chamas de Norte a Sul do País

Incêndios rondaram a capital

O regresso do calor a Portugal facilita a onda de incêndios que tem causado estragos em todo o país. Ontem, as chamas estiveram às portas de Lisboa, ameaçando mesmo a fábrica de cerveja, em Vialonga e o campo de golfe da Carregueira. Entretanto, um parque de campismo em Mira foi evacuado face à ameaça de um incêndio que esta manhã rondava a própria vila. Pág. 6



Hospitais de Atenas continuam superlotados

VÍTIMAS AUMENTAM NA GRÉCIA E ITÁLIA

Morrer de calor: como, porquê?

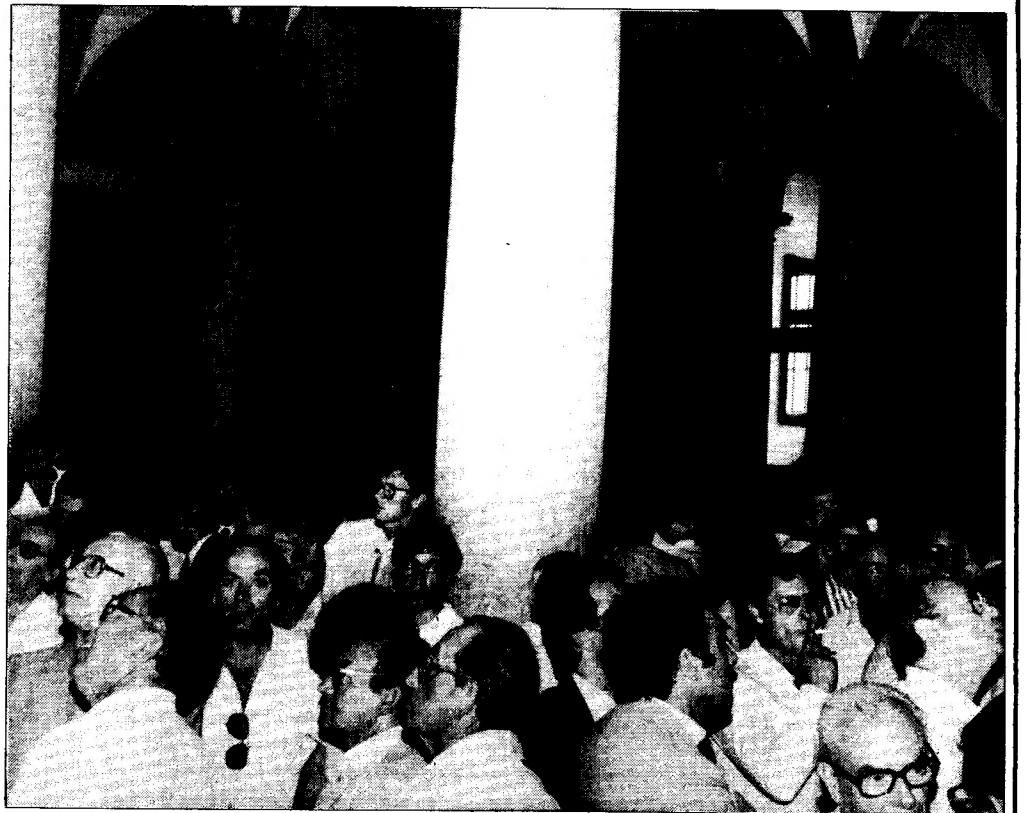
O organismo humano resiste mal às fortes temperaturas e, aos períodos de canícula, corresponde sempre uma mortalidade mais elevada. Particularmente atingidos são as crianças, os idosos, os cardíacos e os obesos. O perigo advém, no essencial, da elevação da temperatura do corpo e da desidratação. Convém, no entanto, distinguir o «golpe de sol» do síndrome mais grave do «golpe de calor». Este último manifesta-se quando o organismo ultrapassa as suas capacidades de termoregulação.

Continua na pag. 24

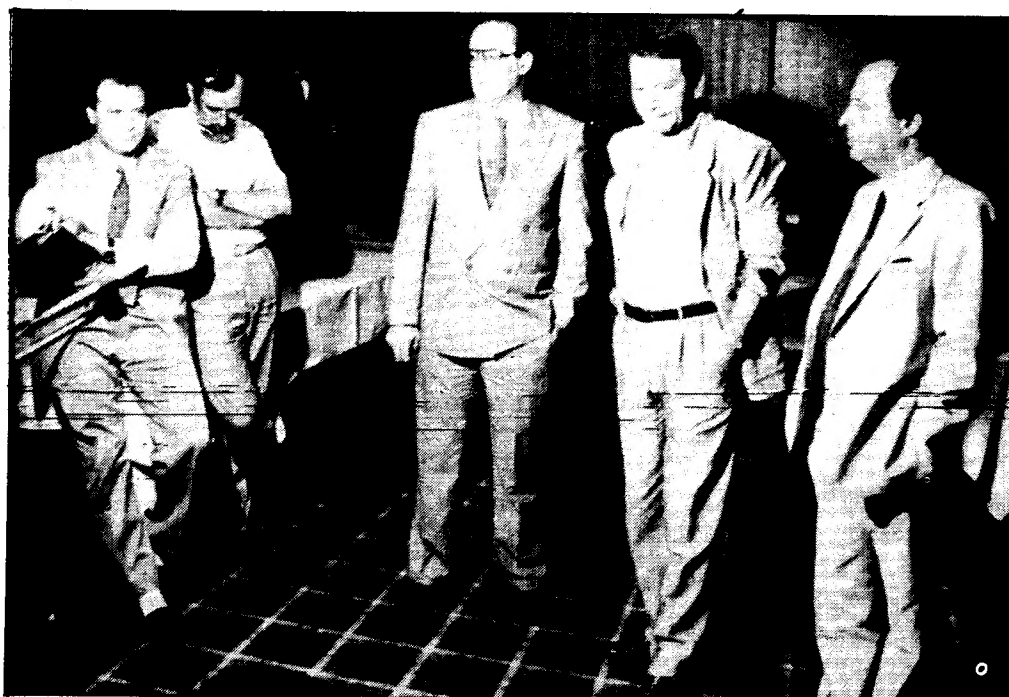
"Boom" mantém-se mas...

BOLSA SEPARA TRIGO DO JOIO

A separação entre o trigo e o joio no que se refere à Bolsa de Lisboa já foi notória na sessão de ontem, em que se movimentaram 2,3 milhões de contos de acções. A selecção dos melhores «papéis» é mesmo uma previsão dos especialistas que esperam uma subida das cotações por «algum tempo». Depois, dizem, a tendência será a de acalmia e a selecção da melhor oferta.



Pág. 14 Afluência à Bolsa de Lisboa mantinha-se esta manhã elevada



Ivic já está nas Antas

O técnico jugoslavo Tomislav Ivic, que sucedeu a Artur Jorge na chefia do plantel dos «dragões», já está no Porto. Visitando as Antas (na companhia de Jorge Nuno Pinto da Costa, Teles Roxo e Luís César) ficou completamente inteirado das instalações de um Futebol Clube do Porto que quer revalidar o mais belo título europeu.

Pág. 15

EM TORNO DA INTEGRAÇÃO DE PORTUGAL NA CEE — 2

Maria Alfreda Cruz

Construir o futuro é planejar alcançá-lo coerentemente.

O que significa perfilar objectivos, priorizá-los no âmbito de um relacionamento coerente que defina, em traços gerais, o caminho a percorrer, para preservar a identidade portuguesa no contexto internacional.

Mas significa igualmente consolidar e ajustar à caminhada pretendida o caminho que, por etapas, formos sendo capazes de fazer.

Significa dominar a via do planeamento estratégico, como instrumento para ultrapassar a situação presente de dependência e contrariar a eventual tendência do seu reforço.

Não «como exercício supersticioso de previsão do futuro» como, entre outros, o anatemizou M. Murteira, mas como espaço de tomada de disciplina de decisões, como reconhece a Constituição da República Portuguesa, a qual desde 1976, revoga o modelo corporativista que tutelou a nossa economia durante os 30 anos precedentes.

Todavia as opções que Portugal possa assumir não podem ignorar a Ordem Económica Internacional em que se situa e o elo de entrosamento da nossa Constituição à Ordem Económica Internacional comporta já a opção europeia na perspectiva liberal. Com a adesão à CEE, o País subscreve a ideologia do mercado aberto, no quadro da multiplicação dos centros de decisão económica e da disfuncionalidade comprovada dos mecanismos de regulação financeira e creditícia dos Estados Unidos, em cuja área de influência se situa. Mas por outro lado, perfilha o modelo constitucional baseado na disciplina da planificação que conta com a valorização dos recursos endógenos e com a apropriação colectiva dos meios estratégicos de produção como factores de desenvolvimento e da distribuição de rendimentos que minimize a exploração do trabalho.

E é nesta charneira que nos situamos hoje.

Os atributos básicos da situação portuguesa são portanto, **identidade nacional, estado democrático e economia dependente.**

Nesta trilogia, uma política nacional tem de ser definida como suporte dessa identidade de feição cultural, potenciando a estrutura do Estado prevista na Constituição da República e animando-a de acordo com os meios e potencialidades do País.

É nesta dupla perspectiva que temos de estruturar uma estratégia de desenvolvimento, garantindo, no seu enquadramento a inter-acção entre a vontade deliberativa, uma política integrada de investigação, educação e cultura e a sua aplicação em ordem à criação de situações futuras.

Tudo isto se realiza tanto mais eficazmente quando maior for a participação dos vários níveis de decisão envolvidos quer do poder político, quer dos outros agentes específicos dos sectores económicos em presença, e quanto mais alargada e profunda for a participação destes na tarefa colectiva de reconstrução do País.

No seu âmbito, a transformação das situações a ultrapassar passa pelo domínio de uma instrumentação técnico-científica que, partindo da avaliação do real, a qualquer nível a que se situe e se analise, possa diagnosticar causas, definir objectivos e metas de mudança, equacionar perspectivas e prognósticos, caminhos e recursos, que, em iteração contínua, promovam acções coerentes com as finalidades orientadoras do processo.

Por outro lado, inserir a dimensão qualitativa só tem sentido se estimular a participação das camadas sociais em presença e das instituições locais, com relevo para as entidades autárquicas.

Só assim as autarquias e as populações locais integrarão a reanimação

da actividade produtiva em termos que permitam resistir à fluidez das conjunturas.

Tudo isto apela à reforma da educação, quer na formação de recursos humanos para o próprio sistema de ensino, quer no processo de formação permanente dos trabalhadores, podendo assumir características privilegiadas da animação sociocultural que expandam a procura da educação não formal e estimulem uma investigação que sustente o desenvolvimento.

Naturalmente que isto só tem sentido com uma orgânica de relacionamento interinstitucional que estimule a criatividade e a iniciativa responsável e que esta seja aferida a todos os níveis de decisão no contexto explícito e ajustável das metas assumidas. O mesmo é dizer: uma avaliação que tenha por duplo objectivo o respeito do indivíduo como ser humano, que não deixa de ser enquanto trabalhador, e como componente activo do sistema.

Para isso impõem-se medidas que garantam a sua formação contínua.

Tendo em atenção as realidades locais, em que frequentemente subsistem taxas elevadas de analfabetismo, a formação deve assumir, nas suas várias vertentes, a responsabilidade de tomar em consideração esse facto, com suporte no estudo das potencialidades que os indivíduos nessas circunstâncias, e apesar delas, possuem.

Nesse âmbito, em em todos os que compõem a **educação não formal**, é preciso eliminar a marginalização e defender a cultura popular como factor de vivificação do todo educativo, na medida em que a cultura estimula e suporta a procura social deste, quer a partir dos estratos etários a que o ensino se dirige, quer através da desejável recorrência ao percurso escolar, a partir de experiências insuficientemente sucedidas na vida activa ou como meio de aprofundar uma vocação.

Contribuir para realizar um tal projecto de mudança significa privilegiar no seu contexto uma comunicação responsável, pôr ao seu serviço as novas tecnolo-

gias de tratamento da informação, detectar e propor os ajustamentos que o próprio sistema de oferta de ensino justificar onde não for caso de os realizar descentralizadamente.

Significa organizar o subsistema formal da educação inserindo-o no informal, que é como quem diz organizá-lo a partir da realidade vivida e do prognóstico da evolução desta.

Significa garantir a organização remota do percurso escolar, tomando esse prognóstico como nível de base para que flui o percurso escolar, estruturando neste, em referência àquele, os cursos de ensino superior e as áreas, opções e formações do secundário, que apoiem e estimulem os educandos na busca da sua vocação.

Significa pugnar pela engenharia de um novo ambiente, em que a qualidade de vida — na dupla dimensão da habitabilidade do espaço e da vivência do próprio trabalho — não seja mais uma expressão vã.

Significa ganhar consciência para um projecto cultural de sociedade.

Mas esta é uma questão que só um Poder Democrático pode subscrever, em ordem à gestação de uma democracia socialista.

O que vimos dizendo assenta assim em 4 linhas de força:

- A primeira é de que a integração de Portugal no contexto europeu tem de ser assumida a partir da deliberada preservação da identidade nacional, definida como capacidade autónoma de criar e de decidir.
- A segunda é de que a estratégia do desenvolvimento que perfilharmos tem de observar tal identidade nacional como finalidade, e para isso é necessário apostar na nossa capacidade adaptativa à situação nova que a nossa adesão à CEE criou, privilegiando os movimentos sociais alternativos na identificação e mobilização em torno dos problemas concretos.
- A terceira é a de que essa capacidade adaptativa comporta um impor-

tante vector cultural, sem eximir o Estado às suas responsabilidades na orientação do processo.

— A quarta é que o Estado terá de reformular-se em termos que garantam a consolidação da Democracia definida na Constituição da República e terá igualmente que apetrechar-se com os meios processuais de planeamento que ela prevê.

A reestruturação do Estado que aliás se iniciou com o 25 de Abril, devolvendo o poder às Autarquias Locais, está ainda por acabar de cumprir.

Com a regionalização do Poder Político, assente nos princípios que temos vindo a anunciar, será possível dar um grande passo em frente na evolução política, económica e cultural do País.

Será possível o desenvolvimento harmonioso de todo o espaço nacional, corrigindo assimetrias a partir da valorização dos recursos endógenos, com prioridade aos recursos humanos.

Será possível então e **só então** aproveitar as potencialidades da adesão à CEE inerentes à política regional que a Comunidade vem há 12 anos definindo, sem que essa adesão implique a extroversão da economia portuguesa, ou seja: a «importação» das decisões que lhe dizem respeito.

Porque, sendo a civilização o conjunto de valores e de técnicas de relação com a natureza e de organização do espaço, este País terá de ser o todo integrado das suas regiões, plurais e adultas, que saibam realizar os caminhos mais adequados ao bem-estar do seu povo e ao respeito pela natureza que ele habita e que constitui afinal a «casa» da sua própria civilização. Comunicação apresentada ao Seminário «Aspectos ecológicos e sociais da Integração de Portugal na CEE» (Lisboa, 27/28 de Junho de 1987), organizado pelo MDP/CDE.

* Geógrafa. Vereadora da Câmara Municipal de Lisboa.

Conquista do espaço: o atraso dos EUA

Pedro Lazaro

Exclusivo EFE/«DL»

Por esta altura — e nunca esta expressão foi melhor utilizada — é evidente para qualquer observador habitual do espaço, que a chamada «corrida espacial» entre as duas superpotências tem, de momento, um vencedor: a URSS. De facto, os EUA, devido a várias circunstâncias, estão tão atrasados em relação ao seu único concorrente como na época em que os soviéticos surpreenderam os americanos — e o resto do mundo — com o lançamento do primeiro Sputnik.

Enquanto queos americanos estão praticamente ausentes no espaço exterior, os soviéticos dispõem já de uma autêntica estação espacial, a **Mir**. Enquanto se continua a falar de «guerra das estrelas» nos EUA os astronautas soviéticos trocam de veículo espacial no vácuo como quem troca de casa.

Nos EUA, os críticos afirmam que o programa espacial americano carece de imaginação. Saliem que países com um or-

çamento de 4 biliões de dólares deveriam ter mais espírito de aventura. A estação espacial americana está ainda em projecto nos computadores da NASA. De momento, pressupõe-se que resultará da montagem de elementos transportados para o espaço em 32 viagens do vaivém. O custo da operação, calculado há anos em 8000 milhões de dólares de dólares, aumentou para 12 000 milhões.

Os dois programas espaciais

americanos, o da NASA e do Pentágono, o civil e o militar, ainda não recuperaram completamente das catástrofe sucessivas dos «Titans» militares, em Agosto de 1985 e Abril de 1986, e do vaivém Challenger, também em 1986. O lançamento do último «Titan» no passado mês de Fevereiro, o 3-B, não alterou realmente o desequilíbrio existente entre ambos os projectos espaciais.

Protão e Cosmos

Isto não quer dizer que o programa soviético se desenvolva sem problemas. Embora não haja informações oficiais específicas, fontes ocidentais assinalam dois fracassos recentes do referido programa. Em primeiro lugar, o fracasso do lançamento de um foguetão Protão, similar ao «Titan» americano, no passado mês de Janeiro, quando se tentava pôr em órbita um satélite de comunicações. A revista especializada **Aviation Week and Space Technology**, responsável por esta informação, revelou

também queos soviéticos foram obrigados a fazer explodir em pleno espaço um satélite de reconhecimento militar, o Cosmos-1813, em consequência de uma falha que poderia fazer com que caísse nas mãos dos EUA!

Contudo, os astronautas Romanenko e Leveikine estão confortavelmente instalados a bordo da estação **Mir**, onde dispõem de camarotes individuais, ginásio, e vegetais frescos, cultivados a bordo em condições de estufa. Em Julho deste ano, está projectado o aumento da tripulação da base, pois, em princípio, deverão dirigir-se à **Mir** mais dois astronautas a bordo de uma nave tipo Sojuz. Os habitantes da estação soviética têm um programa rígido de experiências médico-biológicas, astrofísicas, geofísicas e relativas a outras tecnologias, inclusive a militar, embora não hajam quaisquer confirmações a nível oficial.

Promessas de aliados

No que diz respeito à estação,

americana, ainda não se sabe quando se efectuará, embora Washington tenha conseguido arrancar a ferros promessas de cooperação por parte dos seus aliados. Assim, a Agência Espacial Europeia concordou em contribuir com um módulo de laboratório, cujo custo está estimado em 2000 milhões de dólares. O Japão prometeu contribuir no momento certo com componentes não especificadas, mas cujo valor se calcula em mil milhões de dólares. Esta cooperação foi posta em causa inesperadamente quando, no final de 1986, o Departamento de Defesa manifestou o seu desejo de intervir num programa que, até ao momento, era completamente civil.

Outro aspecto que se reflecte negativamente no programa espacial norte-americano é a incerteza quanto ao futuro da situação política da África do Sul. De facto, os EUA dependem deste país para os seus processos de construção de alta tecnologia, in-

cluindo os mais indispensáveis de toda a indústria aeroespacial.

Por isso, as sanções económicas contra a África do Sul efectuada pela administração americana no passado mês de Outubro, excluía explicitamente dez minerais e outras matérias-primas indispensáveis para a indústria espacial e aeronáutica, os quais só se produzem nos solos da URSS e da África do Sul. Alguma matéria-prima, como certo tipo de amianto indispensável para a construção de submarinos e foguetes espaciais só se encontra no Zimbabwe, mas a sua exportação só se pode efectuar através da África do Sul.

Em 1986, o Congresso foi forçado a intervir no último momento para impedir que o Governo Reagan vendesse todas as reservas de plutónio do país — outro metal estratégico — para a aumentar as suas reservas de divisas. Como se pode constatar, há demasiados obstáculos em terra para um programa espacial que ainda não levantou do solo.

A palavra confiante do engenheiro Eurico de Melo

A vitória eleitoral do Partido Social Democrata e o sucesso pessoal do seu presidente, doutor Aníbal Cavaco Silva, não poderão ser apreciados apenas em termos quantitativos. A «maioria parlamentar» alcançada oferece a possibilidade de alterações qualitativas. E, embora Aníbal Cavaco Silva tenha adoptado um discurso moderado na hora do triunfo, não deixou já de reafirmar o propósito de prosseguir na linha de orientação que caracterizou os seus dezoito meses de Governo. E a declaração de que a vitória social-democrata não implica ruptura com o «25 de Abril», se formalmente é óbvia, essencialmente releva de uma interpretação subjectiva: a cada um o seu «25 de Abril».

Todavia, no pensamento dos vencedores de 19 de Julho, o «período revolucionário» está encerrado. Por estas, ou outras palavras, disse-o o engenheiro Eurico de Melo: «a Revolução acabou». E este povo — «O Povo Português é um povo inteligente» —, pretende «liberdade», «estabilidade», «progresso». É o que se propõe, conquistada uma confortável maioria parlamentar, o Partido Social Democrata, segundo afirmou o engenheiro Eurico de Melo, falando, no sábado, num programa da RDP. Em seu entender essa conquista de «progresso» terá que realizar-se em duas frentes: a do «progresso económico» e a do «progresso social». O engenheiro Eurico de Melo sublinhou que se trata de um esforço simultâneo. Que o propósito de criar riqueza está subordinado — para o PSD — à obtenção de «riqueza socialmente repartida» que outro, disse, não poderá ser o objectivo de um «partido de Centro-Esquerda».

Considerando o PSD, como declarou, um «partido de Centro-Esquerda», o eng. Eurico de Melo teve o cuidado de afirmar categoricamente: «e não partido de Direita, e não partido de Centro-Direita». Assim, e um entrevistador não se coíbiu de lho observar, o leque partidário português fica desprovido de «Direita». O PDC, o dito

Partido da Democracia Cristã irá hibernar até à Primavera de novos tempos de antena, e o CDS é, por força da designação, «centrista». Teremos, consequentemente, uma «Direita» reduzida a um decrescente «Centro-Direita», a posição do CDS.

Proclamando que os sociais-democratas do PSD repelem, por igual, os «extremistas da Direita» e os «extremistas da Esquerda», que são «moderados» mas socialmente preocupados, que consideram terminado o período revolucionário mas intocável a Democracia, que não desejam um «liberalismo desenfreado» e que não querem a «estatização», — a avaliar pelo que disse, no sábado, o engenheiro Eurico de Melo —, é-nos proposto um problema: E a Direita política e social? Onde está? Quem partidariamente a representa?

Para o engenheiro Eurico de Melo a resposta é simples, demasiado simples, e fácil, demasiado fácil: «A Direita começa a desaparecer em Portugal».

Parece-nos um pouco difícil compatibilizar esta afirmação com a realidade dos confrontos políticos e sociais, com o próprio programa de revisão constitucional do PSD, com o projecto de revisão já elaborado pelo CDS, com as reclamações arrogantes de certos dirigentes associativos da Indústria, do Comércio, da Agricultura, com as reivindicações que lhes são opositoras dos sindicatos e das duas centrais sindicais.

A campanha eleitoral foi apresentada à opinião pública como um confronto Esquerda-Direita. Esta é a realidade objectiva. E a Direita, em Portugal, não «começa a desaparecer», só porque o engenheiro Eurico de Melo argumenta que o PSD é um partido social-democrata e, no esquema político nacional, se posiciona no «Centro-Esquerda». Os partidos políticos podem adoptar designações a seu gosto, e pretenderem no hemiciclo parlamentar uma arrumação correspondente. «Mas, a verdade é que — como escreveu o dr. Joaquim Silva Pinto — um partido não é social-democrata ou socialista democrático só porque decide chamar-se assim.» (in «Tempo», 16/4/87). E não é por um homem político prudente achar que «a Direita, em Portugal, começa a desaparecer» que as forças políticas e sociais de Direita desarmam, desmobilizam, caducam.

As boas intenções — «não nos vamos apropriar do

Estado»; «vamos governar para todos os Portugueses» —, não modificam as regras de um jogo que tem condicionamentos e limites sociopolíticos e socioeconómicos. A «sociedade portuguesa» não é uma abstracção. Apresenta concretas estruturas, reais estratificações, iniludíveis dependências. Os homens políticos não são livres. Estão condicionados. O PSD está condicionado não só pelos interesses dos seus filiados, como pela extensão da vitória eleitoral.

Daí que ao sentimento de que, no nosso país, importa despartidarizar, no quotidiano, a política, se alie já, no pensamento expresso pelo engenheiro Eurico de Melo, a admissão de que é natural que o PSD venha a aumentar a participação da sua gente nos cargos do Estado, traduzindo a vitória conjuntural numa vantagem ocupacional. A contradição, entre as «boas intenções» e a inevitável partidização do aparelho do Estado e das alavancas da gestão, está na lógica da vitória partidária político-eleitoral.

Necessariamente — como é de prever — o novo Governo actuará para dar resposta a problemas nacionais, para constituir uma poderosa hegemonia política, para preparar a continuidade. Não deixará à Esquerda o repouso reparador. Irá impor-lhe o seu próprio ritmo, a sua calendarização da actividade política: as «autárquicas», as «presidenciais».

No horizonte político nacional as «eleições autárquicas» estão relativamente próximas; as «eleições presidenciais» estão relativamente distantes. Não nos iludamos, porém. Será em relação às «eleições autárquicas», e não só em relação à «revisão constitucional», que o PSD procurará entender-se com o PS. E será, tendo em vista 1991, que o Governo procurará, cultivar o relacionamento institucional com o Presidente da República.

Que conhece muito bem Mário Soares e Cavaco Silva e tem a certeza de que hão-de manter um bom relacionamento, vaticinou Eurico de Melo, exprimindo-se com grande serenidade e forte confiança. Que ambos têm a «noção de Estado» — disse.

Das suas opiniões que merecem registo, uma sugere reflexão crítica: «a Direita começa a desaparecer em Portugal». É o que, nos meses próximos, constituído e empossado o Governo, vamos ver.

Folhetim Artístico

Um pintor inesperado

José Augusto França

O vigésimo «pintor do mês» exposto no Centro Cultural da Fundação Gulbenkian em Paris, na propostada variedade dos nomes ali acolhidos, foi, ainda há pouco, e em fecho de temporada, um jovem artista de Fafe que ninguém praticamente conhece em Portugal, e ainda menos em Lisboa, onde passou pelas mãos da crítica, em seus pelouros. Chama-se Orlando Pompeu.

Tem trinta anos, fez poucos estudos de desenho e de pintura, expôs pelo Norte do país, desde 1979, e por ali, sobretudo, tem aparecido em colectivas sem grande relevo. Expôs também, uma vez, numa galeria de Paris, quadros abstractos algo inoportunamente fora da sua vocação, por desejo de fazer «mais moderno». Apareceu-me ele um dia com fotografias a cor, para eu ver, — e logo, sem querer saber mais nada, lhe propus uma das pequenas exposições que no Centro parisiense se fazem com regularidade e sem pompa, sejam quais forem, e têm sido, os artistas convidados, altamente cotados até, muitos deles, em Portugal. Nenhuma hierarquia, como já aqui expliquei, mas apenas uma parede igual para todos, em sua variedade e sua sorte, e, bem entendido, para além das preferências pessoais do di-

rector do Centro e do seu passado.

Pompeu ficou admiradíssimo pela rapidez da decisão, e não me parece que alguém jamais o convencerá de que é difícil expor onde expôs durante este mês de Junho, visto por muitas centenas de pessoas que frequentam as actividades do Centro, numerosas e bem variadas neste fim de temporada — ou mesmo, por feliz coincidência, especialmente ilustres em mui diversos meios de Paris...

Porquê ele foi exposto, tem fácil resposta na escolha livre de quem escolhe, sem possibilidade nem ilusões de programa mais ou menos panorâmico. Só o interesse que uma pintura apresenta é razão para convite, e um jovem estreante vale, no caso, tanto como uma celebridade nacional — e ainda bem.

Pompeu vive em Cepães, perto de Fafe, e ali trabalha com satisfação. Os três quadros de relativamente grandes dimensões que expôs, e mais outro que não coube na parede reservada para o efeito, são imagens do seu viver, e representam gentes da sua terra, minuciosamente pintadas, e tal e qual, com parecenças que o pintor me garantiu e se sentem nos pormenores de retratos logo identificados pelos vizinhos, numa cumpli-

dade que se acredita autêntica e gostosa.

Trata-se de uma pintura alheada dos centros de mercado, que tem, porém, o seu mercado próprio, algumas léguas ao redor. Para ele, aliás, Pompeu pinta ou desenha casas das aldeias, e vistas que os proprietários lhe encomendam. É uma prática local que em Portugal não tem curso, por falta de mão-de-obra, mas que, em França, por exemplo, existe, como ofício de habilidoso ou de reformado, espécie de «limner» como na América antiga existiu, e no Brasil, e no Haiti, e na Jugoslávia, com longa e abominável exploração turística. Por aí chegaríamos a classificar este pintor de Cepães-Fafe como um «naif» — o que importa evitar por inexacto, ou só parcialmente aplicável à sua diligência e à sua visão muito pessoalmente profissionalizada do estreito mundo cultural em que opera.

O interesse desta pintura vai mais longe, no caso meio paradoxal e bem curioso que representa, e por isso se poderia apresentar Orlando Pompeu em outros termos mais complexos, penetrando em suas intenções e gostos, e igualmente (ou sobretudo) na sua credibilidade — que credulidade é também, e necessariamente, para

que a sua pintura seja o que realmente é.

E então se diria, mais ou menos como segue, e algures será replubado: «Sobre o que sabe do seu dia-a-dia, e das gentes que o preenchem e vivem, e o que vê em imagens já inventadas, Orlando Pompeu faz uma pintura ingénua, ou «naïve», num grau «N» involuntário.

Fosse ele americano e teria sido «hyper-realista»: mas a emigração de carne e osso ou de espírito, não o tenta, e nos arredores de Fafe acha o nosso pintor suficiente salvação. Assim, entre os dois pólos, duma função estética sofisticada, pelo a pelo, pele a pele, ruga a ruga, e do conhecimento directo desses pelos, peles, rugas, meias feitas, de lá e piolhos catados, ou pirilais pendentes de crianças mal alimentadas — a arte de Pompeu tem a sua escolha necessária e suficiente. E insólita.

Não sei bem se há ou houve em Portugal hiper-realistas de imitação entre outras modas assim ou assadas, com ano e meio de duração média possível; deles não me teria eu importado. De Pompeu, porém, sim, vendo-lhe a pintura e ouvindo-lhe as explicações aplicadas, que vêm do fundo da sua aldeia, em pessoas e coisas. Por assim lembrar ele olha a verdade como o velho morgado camiliano da sua terra já a sabia, em



suas certezas que a cidade fictícia não podia abalar...

As mãos engelhadas que Pompeu, pintor, ou os cachafos tanados, as barbas por fazer, as filharradas rotas, têm e hão — de ter anos e anos de trabalhos — que de longe vêm e nunca assaz mudarão, nestes mundos de pobreza, fatalidade e resignação. A que o pintor se habituou por dentro da sua experiência lá nascida.

Nenhum projecto intelectual, de surrealizar o real com destaques extratextuais (credo!), nenhuma ideologia antropológica a espreitar (Deus nos livre!) — nada, senão o que pode passar em pintura com paciências artesãs de pincel, sobre as fotografias que o artista tire e monte.

E entre a foto de documento e a pintura refeita conforme, Pompeu pratica, com tranquila e amável convicção, uma arte que dá gosto e gozo ver. Como se reinventasse um mundo invisível na sua evidência quotidiana, modesta, teimosa, e só ao final, impertinente, porque ninguém a esperava assim, de Fafe para baixo — e até mesmo em Paris...

Em Lisboa, com a presença de Adriano Moreira

O PRESENTE E O FUTURO DO CDS EM DEBATE PÚBLICO ESTA NOITE

Adriano Moreira participa esta noite num debate público sobre o presente e o futuro do CDS, organizado pela «Penna Assessoria de Imprensa», no Clube de Empresários de Lisboa. Além do líder do partido participarão ainda outros dirigentes democrata-cristãos, nomeadamente Basílio Horta, Nogueira de Brito, Gomes de Pinho e o presidente da Juventude Centrista, Manuel Monteiro.

«Um debate, com a presença dos actuais principais dirigentes do CDS, além de outros militantes, após tudo o que se passou, reveste-se da maior importância para o futuro do partido» — disse à Lusa Basílio Horta, fundador do CDS e um dos quatro deputados eleitos para a Assembleia da República nas eleições de 19 de Julho.

O debate tem entrada livre.

Direcção da JC vai demitir-se

A Comissão Política da Juventude Centrista anunciou ontem que vai apresentar a demissão na reunião extraordinária do seu Conselho Nacional, que se realiza no próximo sábado.

De acordo com as informações vindas a público, esta posição dos responsáveis máximos da JC surge na sequência

dos maus resultados obtidos pelo partido nas eleições de 19 de Julho e é, também, uma forma de solidariedade com o seu presidente, Manuel Monteiro.

Este, em declarações publicadas esta manhã, pelo «DN», disse que a explicação do «voto útil» não pode ser eternamente invocada dentro do CDS, acrescentando: «Não podemos dar mais méritos a Cavaco Silva do que os que na realidade ele tem.»

Manuel Monteiro referiu também as «capelinhas» existentes dentro do CDS e necessidade de as dismantlar, em nome da unidade do partido. A propósito da sua demissão e dos dirigentes da Comissão Política da JC, Manuel Monteiro esclareceu que isso não significa qualquer ruptura com a liderança de Adriano Moreira, com quem, sublinhou, está solidário.



Eanes regressa a casa quinta-feira

O general Ramalho Eanes deverá sair do Hospital Militar da Estrela depois de amanhã, quinta-feira.

Submetido a uma intervenção cirúrgica de urgência (ablação do apêndice) na noite de 19 de Julho, Ramalho Eanes tem vindo a recuperar bem e deverá regressar a sua casa, na Madre de Deus, na manhã de quinta-feira. Aqui continuará, no entanto, em rigoroso repouso, não devendo recommençar tão cedo a sua actividade política e partidária.

No PRD membros das Direcção Nacional vão encontrar-se brevemente com as Comissões Políticas distritais do partido, ainda sem a presença de Eanes, para analisarem com todo o pormenor os resultados eleitorais. A data ainda não é conhecida, mas fontes dos renovadores disseram ao «DL» que tal reunião deverá ocorrer no princípio da próxima semana.

Contrariamente ao que tem sido ventilado, nos horizontes dos renovadores não está a realização a breve prazo de uma convenção nacional extraordinária do partido.

Em Coimbra CDU poderá ganhar mais um deputado

Só hoje à tarde é que será conhecida a decisão do juiz presidente da assembleia de apuramento geral do círculo de Coimbra sobre a convocação ou não de novas eleições na freguesia de Antanhol, onde foram utilizados, indevidamente, os cadernos eleitorais de 1987.

A decisão estará dependente da recontagem dos boletins que deverá ficar concluída cerca das 15 horas. Recordase-se que no círculo da Coimbra a CDU não elegeu o seu cabeça de lista por apenas onze votos, número esse que, entretanto, foi já reduzido para cinco após uma nova operação de repescagem. Segundo notícia hoje o «DN», a Coligação Democrática Unitária poderá vir a eleger Linhares de Castro, em prejuízo do sétimo deputado que o PSD conquistara naquele distrito.

Num breve contacto telefónico estabelecido esta manhã, o cabeça de lista da CDU disse ao «DL» que só no final da recontagem que tem vindo a realizar-se e que deverá ficar concluída ao princípio da tarde, é que se conhecerá o resultado. Socorrendo-se dos elementos fornecidos pela imprensa diária e pelas suas próprias fontes, Linhares de Castro adiantou que «é bem possível que a CDU venha efectivamente a eleger um deputado por Coimbra».

O homem de recursos inventivos tem vergonha de participar no campo da política

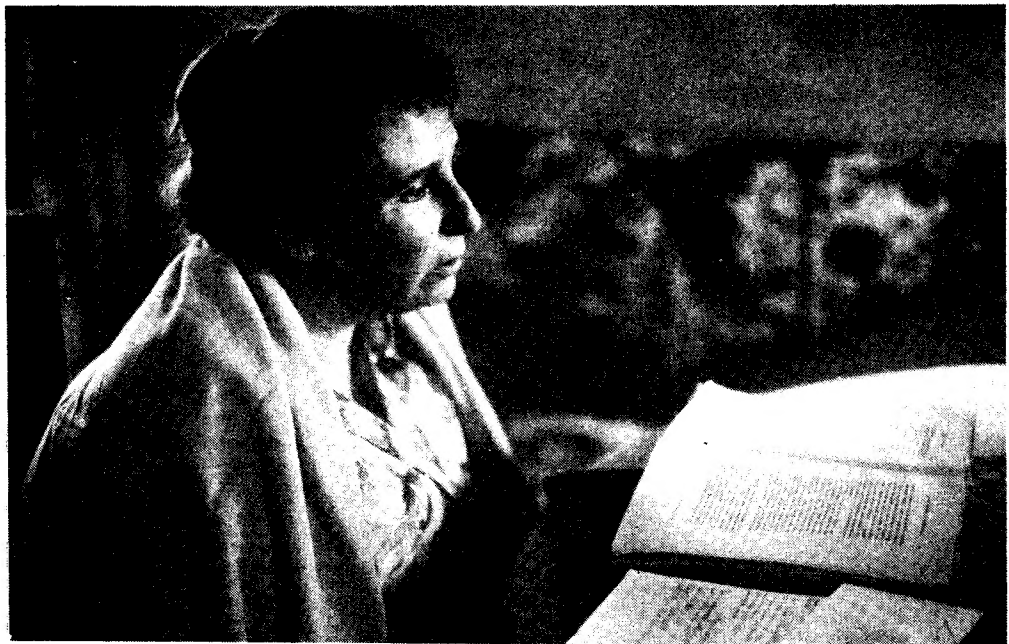
— considera Agustina Bessa-Luís

Agustina Bessa-Luís considera que «o homem de coração e de recursos inventivos tem vergonha de participar no campo da política que, de resto, tem sido ocupada quase unicamente por elementos obtusos e insatisfatórios».

A escritora, que proferiu ontem em Lisboa uma conferência subordinada ao tema «A desmobilização da culpa na mudança do século», reconheceu que «o cidadão sabe perfeitamente que dum modo geral os políticos são incompetentes, mas não sabe como eleger outros melhores». Para aquela prestigiada intelectual, «faz parte da profissão política conseguir ganhar eleições mesmo sem obter o respeito do eleitorado».

Na opinião de Agustina Bessa-Luís — uma das maiores escritoras dos nossos dias — «uma sociedade doída da culpa e da compaixão tem poucas probabilidades de sobreviver», «considerando-se que o repouso da nossa responsabilidade na dinâmica tecnológica nos levará a criar o vácuo emocional como já criámos o vácuo religioso». Ao referenciar o

comportamento das várias civilizações e sociedades, ao longo dos séculos, Agustina disse que «a desculpabilização tem uma etapa a percorrer e não é de todo um facto a ignorar», e que «a inocência não é uma maneira de resistir à culpa». Procedendo ainda a uma análise do comportamento social, a escritora salientou que «a ditadura corresponde a um desejo profundo das multidões, porque ela devora as responsabilidades e cria uma espécie de vácuo onde a passividade tem o seu reino». Para a oradora, «a democracia apresenta-se como a única forma de proteger a sociedade da sua situação de ignorância, porque a democracia distribui os valores independentemente das inclinações aristocráticas que são próprias até mais das naturezas colectivas do que das naturezas enérgicas e com ideais e objectivos próprios».



Na sua oração, Agustina nunca fez qualquer referência às recentes eleições gerais. Disse no entanto que «vota-se à esquerda para defender a liberdade e vota-se à direita para defender a igualdade».

Quanto ao seu pensamento sobre o século XXI, a escritora afirmou que o homem desse tempo encarará a vida «sem culpa que o inspire, sem compaixão que o mova», alcançando uma inocência que porá em causa todas

as noções do direito e que será uma ruptura com todo o passado da Humanidade. Confessando-se uma «optimista envergonhada», Agustina Bessa-Luís disse, a concluir, que respeita tudo o que é imutável.

Citações apresentadas resultaram de conversa informal

BELÉM DESMENTE ENTREVISTA DE SOARES A "LA REPUBLICA"

Uma nota da Presidência da República, divulgada ao fim da manhã, desmente que Mário Soares tenha concedido qualquer entrevista a um jornalista do diário italiano «La Repubblica», a qual surgiu hoje na imprensa portuguesa, em extractos enviados pela agência «Lusa».

Segundo as citações publicadas, o Presidente da República, Mário Soares, teria afirmado, entre outras coisas, que «como homem e como político», Cavaco Silva «não é propriamente de direita e poderá reservar algumas surpresas».

A entrevista, apresentada como tendo sido feita pelo enviado especial daquele jornal a Lisboa, teria sido realizada durante a última viagem do Presidente da República ao Norte do País, e foi publicada ao lado de uma detalhada análise dos resultados das últimas eleições.

Na verdade, segundo apurou o «DL», tratou-se de uma conversa informal entre Soares e o jornalista italiano, realizada no carro do Presidente, entre Lisboa e Pomal.

A nota da Presidência esclarece que, dado o carácter informal deste contacto, as afirmações que são atribuídas ao Presidente da República não podem ter-se como exactas.

Ainda segundo o jornalista italiano, que achou Mário Soares «sereno e bastante optimista», este ter-lhe-ia negado que «a espectacular vitória do PSD e de Cavaco Silva constitua um perigo para a democracia, como vêm repetindo os comunistas e também alguns expoentes do Partido Socialista».

Segundo Mário Soares, citado pelo jornalista italiano, «trata-se de uma derrota das esquerdas», mas não «uma derrota da democracia».

Na opinião do entrevistador a atitude de Mário Soares em relação a Cavaco Silva «é de estima».

«O que é certo é que o País está em movimento, os sinais de crescimento económico são evidentes, nasce uma nova classe de empreendedores activos e imaginativos, multiplicam-se as iniciativas de desenvolvimento, já não é o tempo dos grandes debates ideológicos, é o momento de trabalhar e de se ocupar da economia portuguesa» afirma o Presidente da República.

O jornalista refere-se ao crescimento dos negócios na Bolsa de Lisboa e «ao primeiro sinal de optimismo dos industriais portugueses em 13 anos».

Na sua opinião, os quatro anos de estabilidade governativa prometidos pelo Primeiro-Ministro, poderão transformar-se em oito, justificando-se o optimismo dos empresários pelo facto de «o PSD nunca ter escondido que está ao lado dos empreendedores e propor uma gestão efficientista da economia: em duas palavras, um Governo de centro-direita».

Afirma também que «as pessoas que afluíram ao PSD de todos os quadrantes sociais, inclusivamente do Partido Comunista, desejam sobretudo estabilidade, mas também «autoridade, para não dizer autoritarismo».

A concluir, o enviado especial de «La Repubblica» nota no Primeiro Ministro «uma arrogância tatcheriana em relação aos interlocutores, uma total distanciação do bavardage político, uma grande capacidade de trabalho e, nisto, o modelo político que se vende melhor no ocidente no momento», mas



salienta que «a sua aversão pela política politiqueria não basta, todavia, para garantir o sucesso do próximo Governo de Lisboa».

A nota da Presidência

É do seguinte teor a nota emitida pela Presidência da República:

«O Presidente da República não deu qualquer entrevista

ao jornal italiano «La Repubblica», ao contrário do que noticia a Imprensa de hoje. As afirmações que lhe são atribuídas não podem, assim, ter-se como exactas.

«Aliás, como sempre tem sido regra do Presidente da República quando quer comunicar com o povo português falo directamente ou então por exclusivo intermédio do seu porta-voz».

PSR atribui à fraqueza da esquerda a vitória de Cavaco

O PSR é da opinião que «a chave de uma modificação» da situação criada pelas eleições de 19 de Julho está na «transformação da esquerda», cujas «fraquezas» permitiram a vitória eleitoral do PSD.

Numa conferência de imprensa realizada para divulgação das conclusões aprovadas pelo comité central, dirigentes do partido afirmaram que «a clara viragem à direita da política nacional» se deve «menos à força da direita e mais às fraquezas da esquerda». Na reunião com a Imprensa, à qual estiveram presentes Francisco Louçã, Alfredo Frade e João Cabral Fernandes, foi destacada a necessidade de se «enfrentar a realidade» que os dirigentes do PSR descreveram como

«um período de um governo Cavaco reforçado, com um PSD hegemónico, com a ambição de intervir em vários domínios institucionais e sociais para dar seguimento a velhas reivindicações patronais».

Depois de considerarem «derrotas» os resultados obtidos pelo PRD, PS e PCP, os dirigentes do PSR afirmaram que «o recuo da esquerda foi o grande problema das eleições», sendo mesmo «o preço da falta de alternativa, das conciliações com a direita, das esperanças em acordos com cavalheiros do PSD, de uma oposição nos sindicatos reduzida às expectativas dentro ou fora do consenso de concertação social».

PC(R): vitória do PSD está cheia de contradições

O PC(R) considera que a votação do PSD nas últimas eleições «está prenhe de contradições». Na opinião dos seus dirigentes, «o PSD terá de responder pelas promessas que fez», disse o dirigente do partido Eduardo Pires, durante uma conferência de imprensa realizada para divulgação das conclusões da reunião do comité central.

Segundo o líder do PC(R), será difícil a Cavaco Silva manter as suas promessas de «manutenção das liberdades e melhoria das condições de vida, enquanto o grande capital lhe exigir a revisão das leis laborais, a privatização das empresas mais rentáveis, mais repressão política e sindical». «Esta enorme contradição - prosseguiu Eduardo

Pires - ir-se-ia tornando mais aguda à medida da evolução económica internacional e nacional, bem como da evolução política interna».

O PC(R) explica a vitória de Cavaco Silva por um conjunto de cinco razões, a primeira das quais a possibilidade que este governo teve - mais do que qualquer outro anterior - «de desacelerar o agravamento das condições de vida» da população. O mesmo dirigente acrescentou que os principais partidos da oposição - PS, PRD e PCP - «não conseguiram polarizar nenhuma alternativa» a Cavaco Silva. «Divididos como nunca, estes partidos mais do que combaterem o PSD, estiveram sistematicamente preocupados em degladiar-se entre si», concluiu.

Em Estrasburgo interessa a cor dos olhos dos eurodeputados

Um dos quesitos que os 24 euro-deputados portugueses têm de responder dia 14 de Setembro quando chegarem pela primeira vez a Estrasburgo diz respeito à... cor dos seus olhos.

Esta é, com efeito, uma das perguntas do questionário que lhes será entregue imediatamente após serem recebidos pelo presidente do Parlamento Europeu, lord Plumb, que lhes dirigirá uma mensagem de felicitações.

O questionário preenche uma série de dados pessoais que ficarão propriedade do Parlamento. Com o questionário, os 24 deputados portugueses recebem também uma nota explicativa sobre quanto e como vão ter acesso aos tão «badalados e famosos» ven-

cimentos europeus.

Em contrapartida, os euro-deputados assumem o compromisso em como não exercer qualquer actividade incompatível com as suas funções na Europa comunitária.

O complicado sistema de funcionamento interno do Parlamento, bem como os procedimentos de votação, os regulamentos relativos a despesas e a inscrição na «mailing-list», ser-lhes-á devidamente comunicado também através de um documento escrito.

Os serviços de segurança do Parlamento entregam depois o cartão de acesso a todo o edifício do Palácio da Europa a cada euro-deputado que receberá igual-

mente o cartão para a votação electrónica.

Cada parlamentar tem também direito a um passaporte de euro-deputado que lhe permite circular livremente nos restantes 11 países da CEE e ainda na Áustria e na Suíça.

Outra regalia: o deputado é coberto por um seguro de vida contra roubo e perda de bens, contra acidentes de doença, recebendo igualmente um cartão para a utilização livre de todos os telefones do Parlamento em toda a extensão das suas redes.

Finalmente, cada um dos deputados recebe no edifício dos grupos políticos as chaves do seu gabinete pelo serviço de segurança.

Tudo isto em meia-hora... às 17h00, o presidente do Parlamento comunica ao hemiciclo que recebeu do Ministério português dos Negócios Estrangeiros a lista dos 24 deputados de Lisboa. Os trabalhos da sessão começam imediatamente a seguir já com a participação dos representantes portugueses.

Um deles porém não vai estar presente. Trata-se de Anacoreta Correia, CDS, eleito em quarto e último lugar da lista de Lucas Pires. Acaba de ser nomeado para um lugar A-3 da Comissão Europeia em Bruxelas, funções por que optou.

Em sua substituição, sobe José Gama, o primeiro suplente.

Campinos em Coimbra: há muito que não existe a minoria no PS

Jorge Campinos, deputado europeu do Partido Socialista, coordenador nacional da moção apresentada por Jaime Gama no último congresso dos socialistas, afirmou ontem em Coimbra à Lusa que «a minoria há muito que não existe no seio do PS» e que «ninguém tem o direito de falar ou de querer representar essa mesma minoria para este ou aquele efeito, sobretudo se se tratar da satisfação de interesses meramente pessoais».

Campinos disse pensar que a inexistência de uma minoria construtiva e desinteressada no PS, desde o último

congresso até à data, «capaz de propor soluções alternativas e de alertar atempadamente para erros estratégicos constitui um dos factores que objectivamente contribuíram para a situação a que se chegou em 19 de Julho».

O deputado socialista considera «ainda oportuno reafirmar tal evidência, com vista a facilitar, através do diálogo e do espírito de solidariedade que sempre animaram os socialistas, a renovação que os resultados eleitorais de 19 de Julho a todos impõe, sem excepção ou descrença, tendo como objectivo o necessário engrandecimento do PS».

Mais dois fogos às portas de Lisboa

CHAMAS AMEAÇARAM CERVEJA DE VIALONGA E CAMPO DE GOLFE DA CARREGUEIRA

Mais de quatro centenas de bombeiros dos concelhos de Oeiras, Sintra, Vila Franca de Xira, Loures, Sobral de Monte Agraço e Arruda dos Vinhos combateram durante cerca de quinze horas dois violentos incêndios que haviam eclodido ao princípio da tarde de ontem na Quinta da Carregueira (Belas) e no Cabeço da Rosa (Alverca), às portas de Lisboa. Dois bombeiros de Vialonga tiveram que receber tratamento hospitalar a intoxicações ligeiras, retomando ainda esta madrugada os seus postos. O incêndio de Vialonga-Alverca foi extinto cerca das duas horas desta madrugada e o de Belas já ao princípio da manhã (7 horas).

Bombeiros de doze corporações dos concelhos de Vila Franca de Xira (Alhandra, Castanheira do Ribatejo, Alverca do Ribatejo, Póvoa de Santa Iria e Vialonga), Loures (Sacavém, Moscavide, Odivelas, Camarate e Bucelas), Sobral de Monte Agraço e Arruda dos Vinhos atacaram as chamas que deflagraram no Cabeço da Rosa e que o vento num ápice varreu pela encosta abixo até Vialonga e Alverca. A Central de Cervejas de Vialonga (fábrica) chegou a estar ameaçada pelo fogo, assim como casas de Vilonga e de Casais das Areias.

Parece não restarem dúvidas sobre origem criminosa deste fogo que eclodiu na Cabeço da Rosa e a meio da tarde de ontem chegou a atingir três frentes, entre Vialonga, Alverca e a auto-estrada do Norte. Por medida de precaução, a Brigada de Trânsito da GNR «cortou» a circulação inicialmente no sentido Sul-Norte e, depois, em ambos os sentidos, já com as chamas a avançarem na direcção da própria auto-estrada. Ao fim da tarde, o trânsito voltou a circular no sentido Sul-Norte, tendo a GNR estabelecido um percurso alternativo

pela Estrada Nacional n.º 10, Saavém-Póvoa de Santa Iria-Alverca, cujo caos nas horas de ponta foi ontem à tarde subitamente reforçado.

Um dos mais de cem bombeiros que ontem combateram as chamas a partir das 14 horas disse esta manhã ao «DL» não ter memória de um incêndio de tão grandes proporções como este, que só esta madrugada foi extinto e cujo rescaldo prosseguia à hora do fecho desta edição. O mesmo elemento afirmou-nos a sua convicção quanto à origem criminosa do fogo, cujos prejuízos estão naturalmente por avaliar.

O combate às chamas foi coordenado pelo comando operacional da zona, sob os ordens de José Manuel Peniche, dos BV de Alhandra. Mais de duzentos homens e cerca de meia centena de viaturas estiveram no «teatro do fogo».

Fogo em Belas extinto esta manhã

O pavoroso incêndio que desde as 16 horas de ontem devorava um matos nos terrenos anexos à Quinta da Carregueira, em Be-

las, perto do campo de golfe, foi esta manhã extinto. Controlado desde o princípio da madrugada, só à 7 horas de hoje foi completamente apagado.

Mais de duas centenas de bombeiros dos concelhos de Sintra e Oeiras combateram o violento incêndio que eclodiu em circunstâncias ainda por apurar e que num ápice se propagou aos limites da zona dos Bombeiros Voluntários de Belas.

Para o local foram movimentados todos os meios operacionais das corporações do concelho de Sintra e alertadas algumas do concelho vizinho de Oeiras. Mercê dessa conjugação de esforços as chamas estavam controladas de madrugada e o fogo extinto esta manhã.

A zona ontem (e esta madrugada) devastada pelas chamas desde há muito que está em vias de ser declarada «área protegida». Apesar das suas extraordinárias condições, tal resolução ainda não foi tomada pelas autoridades competentes.

Pombal, Óbidos, Gaia: o pior já lá vai

Os incêndios de Pombal, Óbidos e Ansião, no distrito de Leiria, e do concelho de Vila Nova de Gaia estavam esta manhã apagados. Um elemento dos Sapadores desta última cidade disse esta manhã ao «DL» que, depois de escassas horas de repouso — e já esta manhã —, os bombeiros tinham sido chamados para outro incêndio em Canelas.

As chamas que desde domingo lavravam na zona Jagarda-Redinha e que ontem de manhã haviam sido controladas, retomaram a sua voragem ontem à tarde mas esta manhã estavam extin-

tas, na faixa Pombal-Soure. A frente de Óbidos apresentava-se também apagada. Uma vasta área de pinhal (eucaliptos e mato) foi «engolida» pelo fogo. Calcula-se que cerca de quatrocentos hectares tinham sido destruídos, apesar dos esforços de uma centena de bombeiros da zona Soure-Pombal.

Outro grande fogo do distrito de Leiria, na linha Sobral-Charneca de Alvorger-Ansião, foi extinto mais cedo: às 17 horas de ontem. Trata-se de outro incêndio criminoso, segundo os Bombeiros Voluntários de Ansião na sequência de outros que nos últimos dias têm despido o pinhal da zona.

Canidelo, Coimbrões, Arcozelo e Avintes são algumas das freguesias do concelho de Gaia em que ontem se manifestaram incêndios, mobilizando a companhia de Sapadores Bombeiros de Gaia e as restantes corporações da cidade. Durante cerca de sete horas as chamas crepitaram em vários fogos. Situação idêntica se verifica no concelho da Maia, onde os incêndios também se têm sucedido. «Nos três últimos dias os bombeiros têm dominado as chamas, impedindo que alastrem às casas localizadas próximo das matas» — disse uma fonte dos bombeiros.

Os BV de Gondomar também têm evitado que as chamas se propaguem às habitações situadas nas proximidades das matas, casos de S. Cosme e de Jvím, dois fogos que entretanto extinguíram.

Loulé: Querença já não arde

O incêndio de Querença, no

concelho de Loulé, foi também apagado já pelos bombeiros. De médias proporções, eclodiu ao fim da manhã de ontem e chegou a ser dado por extinto antes do almoço. Reacendeu-se mais tarde, em três frentes, devido ao vento que soprava na região.

O fogo foi esta madrugada extinto, depois de haver sido considerado «sob controlo» numa primeira fase, ao fim da tarde. Combateram o sinistro os BV de Loulé, S. Brás de Alportel, Olhão e Albufeira.

Anda no Algarve: representantes de autarquias, administrações florestais, comandantes dos bombeiros do Algarve e comandantes da GNR e da PSP participaram numa reunião de trabalho

acerca das coordenações de acções contra fogos florestais, realizada no Governo Civil de Faro e à qual presidiu Cabrita Neto. A reunião foi coordenada pelo coronel Maia Costa.

A essência dos trabalhos incidu sobre prevenção de fogos, formação e informação das populações, e — tema fundamental — «prevenção, vigilância e detecção, combates e outras acções complementares».

Os incêndios de Rosmaninhal e de Monsanto da Beira, no distrito de Castelo Branco, foram ontem à tarde extintos. As chamas consumiram cerca de trinta hectares de pasto e mato. Também o foco de incêndio de Triga-is-Unhais da Serra foi apagado pelos BV da Covilhã.

Caso único em Portugal: bombeiro há 58 anos

O presidente da Federação de Bombeiros de Setúbal homenageou o ajudante de comando Manuel Sobral, «um caso único entre os bombeiros portugueses», como o qualificou o comandante Josefredo Serra.

«Com 74 anos de idade, 58 dos quais vividos como bombeiro, o ajudante de comando Manuel Sobral é, actualmente, o instrutor das novas gerações de bombeiros que ontem executaram com brilhantismo uma operação de simulacro de incêndio» — disse Josefredo Serra na cerimónia comemorativa do 93.º aniversário da corporação dos bombeiros de Sul e Sueste.

Medalhas de prata e de cobre foram também atribuídas a vários elementos da corporação, premiados respectivamente por 15 e cinco anos de assiduidade.

O vereador da Câmara Municipal do Barreiro, Ramiro Antunes, do pelouro dos Assuntos Sociais, prometeu que o executivo autárquico iria dar todo o seu apoio à construção de um novo quartel de bombeiros para aquela corporação, bem como à aquisição de uma escada «Magirus».

Melhoramentos em escolas dos Açores

Orça em 400 000 contos a segunda fase de construção da escola secundária das Laranjeiras, em Ponta Delgada.

Inaugurada em 1986, a segunda fase do empreendimento integrará a construção de um complexo desportivo, segundo disse Manuel Arruda, porta-voz do Conselho do Governo Regional.

O executivo açoriano, que esteve reunido em Ponta Delgada, decidiu ainda adjudicar outras obras escolares como a construção da escola primária da Faja dos Vimes (ilha de São Jorge), de passagens cobertas na escola preparatória de Angra do Heroísmo melhoramentos no edifício escolar primário do Pastelheiro (Faial) e expropriação de terrenos para ampliação a escola preparatória de S. Roque (Pico). O Gabinete de Mota Amaral

decidiu ainda o reforço dos financiamentos do plano da Região Autónoma ao apoio social aos estudantes e às dotações para reparações e pequenos melhoramentos nos edifícios das escolas preparatórias e secundárias.

O governo açoriano aprovou também a construção com financiamento público de um novo barco de pesca para os Açores, com um comprimento de 30 metros.

Segundo o governo, a construção desta nova nova embarcação insceve-se no plano de «ampliar a frota de pesca industrial e o aproveitamento da zona económica exclusiva» afecta à região.

Outra das obras aprovadas pelo conselho governamental a do posto de saúde de Rabo de Peixe, uma populosa freguesia piscatória da ilha de S. Miguel. Foi ainda adjudicada pela

reunião do governo (em que Mota Amaral não esteve presente por se encontrar doente) a empreitada de reparação de 12 habitações e execução de infra-estruturas de saneamento no lugar da Praia, igualmente em S. Miguel.

Na área da rede viária aprovou as empreitadas de um troço entre as Cinco Ribeiras e Santa Bárbara, freguesias da ilha Terceira, e o projecto da variante à cidade micalense da Ribeira Grande.

Por se tratar da primeira reunião, após as eleições legislativas, o governo açoriano analisou os resultados das eleições concluindo que elas conferem ao PSD «um mandato inequívoco e duradouro a nível nacional», o que permitirá «a estabilidade institucional que assegurará a mobilização do país e o envolvimento económico».

COMPRE MÓVEIS

COM GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

SEM ENTRADA E SEM JUROS

ATÉ 36 PRESTAÇÕES MENSAIS

NAS LOJAS DARTY MÓVEIS CONFIANÇA

E NOS NOSSOS AGENTES

LOJAS DARTY MÓVEIS CONFIANÇA
MONTEJO — Rua José Joaquim Marques, 40
ODIVELAS — Fábrica: R. Alfredo Ruas, 50-A
 Pedernais 982 60 54 / 58 (à Ponte da Bica)
LISBOA — Est. Benfica, 174-176 93 78 05 99
QUELUZ — Av. António Enes, 20-B 93 23 06
ALMADA — Av. 25 de Abril, 45 93 27 69 01
COVA DA PIEDADE — R. Conceição Sameiro
 Antunes, 13-B 93 27 54 92
PAIVAS — Est. Nacional 10, Lt. 30 93 22 10 67
V.F. XIRA — R. Alves Redol, 80-B 93 240 11
SETÚBAL — Av. D. Manuel I, 80
 (frente ao Centro Com. Duta)
BARREIRO — R. Dr. Manuel Pacheco, 92-A
 93 207 72 37
ALVERCA — Av. Capitão Meleças, 34-A
 93 258 24 03

COIMBRA — Av. Capitão Meleças, 34-A 93 26 185
FARO — R. Eça de Queirós, 2 93 27 580
LOULÉ — R. Ataíde de Oliveira, 18

LOJAS PICA - PAU
AMADORA — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 5-B
 93 494 56 91
MEM MARTINS — Rua Chabi Pinheiro, 8
 93 921 72 94
LISBOA — R. Luciano Cordeiro, 18-A 93 52 13 84

LOJAS UTILAR
CHARNECA — Estrada de Camarate, Lt. 4
 93 257 04 01 (junto à Esquadra da P.S.P.)
CAMARATE — R. Aveiro Salgado, Lt. 1
 (frente aos Bombeiros)
 Stands na Feira Popular

NOTA: As lojas de Lisboa, Camarate, Amadora, Queluz e Mem Martins estão abertas ao Sábado de tarde.



ASSOCIADOS:



07

AGORA A UTILAR EM CAMARATE

"PIXOTES À PORTUGUESA" LANÇAM O PÂNICO NAS RUAS

Nuno Ribeiro

Fotos de José Tavares

São jovens, na sua maioria antigos residentes de bairros de barracas que conquistaram tecto e paredes sólidas em Chelas, e têm do lugar onde passaram a infância recordações «sui generis». Várias vezes ao dia, voltam às ruas onde pediram e brincaram e atacam as vítimas: velhos, crianças, mulheres. É em Lisboa, na freguesia de S. João de Brito, onde os «pixotes» à portuguesa lançam o pânico nas ruas.

«O meu carro já foi roubado duas vezes e assaltado outras duas; agora roubaram-me os tampões, vão-me tirando as peças... aqui é quase diário ouvir gritar agarra que é ladrão». No intervalo de duas missas, o padre Luís lamenta a sorte do velho Cortina, e sintetiza numa frase o clima de insegurança e pânico que os moradores vivem desde há dois anos.

O pároco é um dos poucos que dá o nome pois, quase todos preferem o anonimato. «Há 15 dias fui ameaçado, pela simples razão de estar a velar, a vigiar junto da porta da Igreja», justifica um declarante a «opção» do anonimato.

«Tenho assistido aqui a cenas que nunca pensei ver», prossegue, enumerando um extenso rol: «desde roubarem pastas, relógios às crianças, assaltarem os adultos à entrada dos prédios e dos carros, à saída da missa...». «Olhe», diz elevando a voz, encontrado na memória um caso mais incrível que todos os outros, «aqui há dias assistei a uma cena que me fez pensar, com a filha de um morto que tinha acabado de dar entrada na casa mortuária, e que foi atacada ali mesmo por um mariola».

Ataque em grupo fuga em mota...

É no largo Frei Heitor Pinto, dominado pela presença da Igreja, à direita e à esquerda com as escadas da Rua

São João de Brito, que a acção começa.

Da presença da Igreja, com a grande escadaria que os velhos sobem lentamente, e com horas marcadas - as das missas - à passagem contínua de crianças de um jardim escola, da Escola Primária 111, e de alunos da Secundária Padre António Vieira, até à própria morfologia do terreno, tudo são «vantagens».

Sentados estrategicamente nos dois lados da praça, observando com a vontade a progressão das vítimas, sem barreiras que lhes cortem o contacto por sinais ou lhes dificultem a fuga, os jovens esperam pacientemente a sua hora, e atacam quando ninguém espera.

«Eles andam em grupos, no mínimo dois, mas a média é três», revela um morador. Para a vítima, a desorientação é criada, recorrendo mesmo à simulação, e então malas, fios, pastas são transportados rapidamente pelas escadas e, em caso de necessidade, uma mota aguarda na Avenida Rodrigo da Cunha e assegura uma fuga tranquila.

«Mata-o, mata-o...»

Os casos vão-se somando, e enquanto o repórter estabelecia contactos, à saída da missa das 16 horas do passado sábado, decorreu mais um assalto.

«Há cerca de dez minutos



Uma rua sem nome mas com história: a dos assaltos

foi uma senhora assaltada», relata um comerciante da praça: «os que fugiram agora eram três indivíduos que estavam ali encostados aos candeeiros».

«Desde há cinco anos que isto está assim, já estou farto... arrecadam os mais velhos, mas ficam os mais pequenos que vão crescendo». O pânico é tal que a recente prisão de dois dos jovens, um dos quais o Paulo da peixeira, com alcunha do «ruço», não chegou para acalmar os moradores, até porque os assaltos continuam.

«Há dias em que há aqui três», diz um passante que, mesmo sem ouvir a conversa desde o início está certo que ajuntamento no largo da

Igreja só para casamentos, enterros ou para comentar o mais recente assalto...

«Vou-lhe contar um, se não puser o meu nome». Aceite a condição, deambulando pelo cenário do crime, apontando para os locais da narrativa, a história começa: «há cerca de três semanas, um velhote de 70 e tal anos, contornou esta esquina (a da rua sem nome, junto à Escola Primária 111), e então vi dois tipos jovens atrás deles; fiquei a observar, os dois deram uma corrida, saltaram para cima do homem para lhe tirarem o dinheiro da algebeira». Depois de uma pausa para assinalar com exactidão o local, «ali naquela esquina», o relato prossegue: «corri, fui atrás deles a gritar, um afastou-se e dizia para o outro que procurava o dinheiro para matar o velhote, mata-o, mata-o».

«Têm letreiro na testa?»

«Uns ou andam drogados ou bêbados», sentença uma senhora para quem as cenas de correria e os gritos já são «prata da praça». Como os outros prefere o anonimato, «porque eles ameaçam», e como precaução deixou de sair à noite e, de dia tenta andar sempre acompanhada.

O receio tem fundamento, porque não é apenas na rua que os «pixotes» à portuguesa atacam. Outros, mais audazes, com conhecimento dos movimentos das pessoas, atacam as próprias casas. «Aqui entraram pela janela de um quarto de banho, e quando a irmã deu por ele, ameaçou», relata a freira Cecília, das Irmãs Missionárias



Um globo de plástico dá mais segurança, mas falta o polícia

da Consolata, cuja vivenda, no número 5 da Rua de São João de Brito, está agora protegida com grades nas janelas.

«Nunca saio à noite porque é perigosíssimo», diz apor-tuguesando ao máximo o italiano. «Eles escondem-se por aí, são sempre os mesmos, um grupo de adolescentes, de marginais». «Nem podemos deixar roupa estendida durante a noite porque eles roubam».

Em todos os relatos há pontos em comum: a surpreendente rapidez da acção, a idade dos jovens, «tudo rapazes que eram de uns bairros de barracas daqui e que agora moram em Chelas», e a ausência de ... polícia.

O único que se encontra de semana na zona, está à porta de um banco, com ordens expressas de não abandonar o seu posto, e os moradores quando confrontados com situações delicadas não têm recebido resposta. «Uma vez apanhei um que me estava a ameaçar, dei-lhe uma sova, telefonei para a esquadra e disseram-me que não era nada com eles», desabafa um comerciante.

«Aqui há tempos telefonei para a polícia a dizer que estavam aqui três jovens preparados para roubar, e de lá perguntaram-me se eles agora têm letreiros na testa», conta outro.

Vinte e cinco mil sem segurança

A presença de um agente uniformizado seria dissuasora pois, como recorda a irmã Cecília, «no domingo das eleições esteve por aqui um guarda e não houve assaltos».

Só que a freguesia de São João de Brito, com os seus 25 mil habitantes, ruas e ruas de moradias, e recantos com jardins, tem um «defeito»: é fronteira entre as esquadras da PSP do Campo Grande e Arco do Cego, cabendo a esta última a jurisdição daquela área.

«Temos feito tudo quanto está ao nosso alcance e na Rua de S. João de Brito pusemos candeeiros anti-bandidismo, com o globo em plástico, para evitar que acabassem com a luz», revela Ortigão Bentes, secretário da Junta de Freguesia.

A onda de assaltos, que provocou há cerca de quatro meses um abaixo assinado com 20 páginas e 300 assinaturas, levou que a Junta diligenciasse junto do Ministério da Administração Interna e do Comando da PSP para que ali fosse instalada uma esquadra. Feita uma vistoria, foi acordado que a actual sede da Junta de Freguesia tinha as condições necessárias para a instalação de uma esquadra tipo A, o que irá acontecer mal o novo edifício da autarquia esteja construída.

Como a solução definitiva não é fácil, «no próximo dia 29, (amanhã, quarta-feira) vou ter uma reunião com o Governador Civil para haver policiamento à paisana», revela Ortigão Bentes: «vamos solicitar dois agentes e um carro à paisana, para pôr cobro aos assaltos».

Por agora, são 25 mil os que estão intimidados ao ponto de, muitas vezes, não apresentarem queixa na polícia, e é com apreensão que o repórter ouviu uma pergunta: «como vai ser a partir de Outubro, com o jardim infantil, a escola primária e o Liceu a funcionarem?».



As escadas da fuga

Pela primeira vez desde que Salazar cedeu a BA11 aos alemães

AVIÕES PORTUGUESES INSTALARAM-SE EM BEJA PARA "COMPENSAR" A CHEGADA DOS AMERICANOS?

Manuel Geraldo

Numa altura em que se fala na possibilidade de Beja se oferecer como alternativa à presença da poderosa esquadra norte-americana de aviões F-16 de Torrejon, em Espanha, (no dia a seguir à vitória de Cavaco Silva, o influente «New York Times» reforçava significativamente essa hipótese), e quando se aproxima a data das negociações de Portugal com a RFA, sob a presença da esquadra alemã na capital sul-alentejana, a Força Aérea Portuguesa (FAP) acaba de instalar-se pela primeira vez de forma regular na BA11 desde que, há cerca de 20 anos, Salazar cedeu a utilização do aeródromo ao chanceler Kissinger.

Segundo revela o «Diário do Alentejo», citando fontes militares, em notícia posteriormente confirmada pelo «DL», a deslocação para Beja da Esquadra 103, de Monte Real (15 aparelhos de instrução T-33 e 12 unidades T-38) ficou a dever-se a duas razões. Por um lado porque a base do distrito de Leiria, está «supercongestionada e se pretende que a mesma venha a ser uma infra-estrutura para aviões de combate puros como o A-7 e talvez para receber uma esquadra de interceptores cuja aquisição está em discussão». Por outro lado, a transferência de 27 aparelhos para Beja prende-se com «a necessidade há muito sentida, de afirmar a soberania nacional numa base que é portuguesa e onde existe a presença de uma força aérea estrangeira». A mesma fonte sublinhou ainda o facto da base de Beja ser a única no Sul do País, e de não dispor até agora de meios aéreos, quando os responsáveis militares consideram hoje que as principais ameaças externas para a segurança dos países da NATO provêm precisamente do Sul, através do Norte de África.

Ainda de acordo com a notícia veiculada pelo jornal que se publica em Beja, os T-33, são aviões de instrução complementar de pilotagem, enquanto os T-38 são já aparelhos supersónicos muito mais poderosos, tendo a esquadra sido transportada primeiro, em regime de destacamento, estando neste momento já perfeitamente integrada na orgânica da BA11. A

sua fixação envolveu o estabelecimento de uma esquadra de voo (comandada pelo major piloto aviador Morgado) e uma esquadra de material (comandada pelo major engenheiro Lopes). No total são cerca de cem militares que foram para Beja dos quais 22 são oficiais pilotos, mas o número global de efectivos, vai ainda aumentar com a chegada de mão-de-obra indirecta necessária à assistência de aeronaves.

A esquadra passou a utilizar hangares até à data ocupados pela Força Aérea Alemã, facto que terá inicialmente provocado algumas fricções, dado que as relações luso-germânicas nem sempre têm sido fáceis e esta maior afirmação portuguesa em vésperas do início das conversações para a revisão dos acordos entre os dois países não parece ter sido especialmente bem acolhida por parte da RFA.

Recorde-se, a propósito, que tal como foi dito, há meses na tomada de posse do novo comandante do destacamento alemão em Beja, a RFA mostra interesse em aumentar significativamente as suas facilidades na BA11 e noutras infraestruturas militares portuguesas.

Voos rasantes a menos de 80 metros

Ao construirem inicialmente a base em Beja, os alemães pensaram-na para uma força que

envolvesse 20 mil homens e não os 450 que actualmente têm em Beja (a força portuguesa é de 400 efectivos). No entanto, as alterações verificadas na política da RFA com a liderança de Willy Brandt — conduzindo a um maior desanuviamento Leste/Oeste — prejudicaram esses planos e conduziram à desactivação na prática da BA11 entre 1973 a 1980, com a permanência na capital sul-alentejana de apenas pessoal de manutenção das instalações. Mas a partir de 1980, a situação voltou a alterar-se tendo a RFA começado a utilizar Beja como base de treino de uma esquadra de «Alpha-Jet», aviões de ataque ao solo de instrução, mas que podem transportar bombas, os quais já têm provocado alguns sustos e prejuízos materiais (nas searas e animais de criação) às populações não só do Alentejo como também do Algarve, com o seu voo a baixas altitudes, inclusive sobre estradas e praias.

Entretanto, nas negociações já abertas, e através de discursos de responsáveis da BA11, os alemães já mostraram o seu empenhamento em deslocar para Beja mais uma esquadra de «Alpha-Jet», pretendendo ainda ampliar a carreira de tiro de Alcochete, e criar uma carreira de tiro mais desenvolvida em Santa Margarida, bem como conseguir autorização para fazer voos de treino ainda a mais baixa altitude (actualmente o mínimo autorizado é de 80 metros, embora muitas vezes não respeitado como atrás escrevemos).

Mas se a situação com a presença em Beja de «escassos» 450 alemães já não é «pacífica» para a população local, o que não será se vier a verificar-se a transferência para a BA11 dos 72 aviões F-16 instalados em Torrejon, nos arredores de Madrid (seriam 3.400 efectivos militares, que com os seus familiares totalizariam cerca de 10 mil norte-americanos, uma lotação já próxima da idealizada por Salazar quando cedeu a base a Kissinger)?

Só que com a vitória maioritária de Cavaco Silva esta hipótese parece ser cada vez mais credível, pois como escrevia o insuspeito «New York Times» «tal facto ampliou a oferta de Portugal como uma alternativa para colocação de tropas e aviões de combate norte-americanos, se a Espanha mantiver a decisão de ver reduzido o seu número e de mandar retirar a esquadilha de aviões F-16.»

Resta-nos a esperança ainda que remota de que Beja possa vir a ser poupada, face às hipóteses também aventadas da transferência dos F-16 para as bases de Gibraltar (inglesa) e da Rota-Cádiz (americana), e mesmo para território marroquino. Mas não tenhamos muitas ilusões, pois face ao subaproveitamento de Beja pelos alemães, a BA11 será quase de certeza a escolhida, pese embora a réstia de «amor pátrio», que, em parte, representa a aportagem dos T-33, e dos T-38 à capital sul-alentejana!...



Um avião T-33 estacionado na base de Beja, sobrevoado à distância por um T-38

Roubou os pais no Estoril e gastou o dinheiro na droga

Um jovem de 21 anos foi ontem presente ao juiz de Instrução Criminal de Cascais acusado de ter furtado aos seus pais artigos no valor de 1115 contos, cujo produto, ao que tudo indica, se destinou à compra de droga.

Na acção desenvolvida pela PSP num anti-quário do Estoril e em dois receptores em S. João do Estoril e Alcântara, foram recuperados um casaco de peles, dois blusões, vários discos, um par de óculos de sol, dois quadros, diversas louças Vista Alegre, livros antigos, um paliteiro de marfim, uma caixa de prata, vários anéis e três mesas, uma delas de jogo, tudo objectos que o jovem transaccionara a preços muito abaixo do seu valor.

Vereador do PRD em Meda alvejado com uma bala

No Hospital da Universidade de Coimbra continuava esta manhã em estado desesperado o vereador da Câmara Municipal de Meda, António Augusto Amaral Rebelo Martins Brandão, de 32 anos, eleito pelo PRD, encontrado na madrugada do passado domingo, com um tiro na cabeça, na garagem da sua residência.

Martins Brandão, que partici-

pou activamente na campanha eleitoral do seu partido para as últimas legislativas, foi descoberto pela mulher pouco depois de ter chegado a casa, vindo de uma aldeia vizinha, apresentando um projectil de pistola 6.35 alojado junto à testa, não tendo sido possível até ao momento à equipa médica qualquer intervenção cirúrgica para a sua extracção.

Dois operários afogados quando pescavam na Azambuja

Dois operários fabris, que andavam à pesca no rio Tejo, próximo do Mouchão do Palácio, na Azambuja, morreram afogados quando o pequeno barco em que seguiam se voltou devido à força da corrente. Mergulhadores do Batalhão

de Sapadores Bombeiros de Lisboa conseguiram recuperar o corpo de João Paulo, de 19 anos, mas até ao momento continua desaparecido Manuel Cavaco, de 21 anos.

Mário
Castrim



O custo de vida tem baixado sensivelmente nos últimos tempos. É formidável. Isto prova a vontade de. Seja do que for, mas prova inequivocamente a vontade de. No que me diz respeito, isto prova sobretudo a vontade de acabar esta crónica depressa, para ir apanhar um pouco de sol cujo preço há cinco biliões de anos se mantém inalterável. Aprende-se com o sol o que é lutar contra a inflação!

Mas, como se dizia nos romances de capa e espada, não nos desviemos do nosso assunto. Falava era do custo de vida que tem baixado nos últimos tempos. Veja-se o que sucede com a comunicação telefónica. E não comecem a torcer o nariz. Comunicar é essencial para a manifestação da personalidade. Quem não se comunic, não se identifica.

Por exemplo, nas comunicações telefónicas urbanas. Todos sabem como são difíceis e caras. Em muitos casos até se diz que é mais fácil ir, do que telefonar. A más línguas do costume...

Para colocar os telefones ao alcance de todos, são mais baratas as comunicações nocturnas. As telefonadelas para a província ficam facilitadas. Dar uma à noite é mais cómodo e mais barato. Sei mesmo de alguns casos de

empresas que vão mudar o seu horário de trabalho; em vez de laborarem de dia, passam a laborar à noite. A economia com o telefone compensa, à larga, eventuais contrariedades. Consta que na próxima legislação laboral, a CIP exigirá que os

trabalhadores deixem de dormir umas horas, a fim de telefonarem à noite para a província. Serão depois compensados com o alargamento do horário diurno e com a supressão da semana inglesa.

As facilidades aumentam ainda no serviço internacional. As chamadas, por exemplo, para os Estados Unidos e para o Canadá sofrerão uma redução de 15 por cento. Espectacular! O mesmo sucederá nas chamadas para a Austrália, Indonésia, Nova Zelândia e Papuária.

Se o leitor quiser telefonar para o Nepal, para o Tibet ou para as ilhas Galápagos pagará uma ninharia. Se não quiser, é lá consigo. Mas lá que é uma excelente medida, isso é. E que dá bem à medida da nossa desmedida vontade de comunicar!

**Teria ou não sido pedido um resgate
de 15 milhões de pesetas?**

PRESO UM DOS RAPTORES DA MULHER DO EX-CÔNSUL

A Polícia Judiciária prendeu um dos raptadores de Maria Cândida Dias Freire da Costa, companheiro do ex-cônsul da Libéria no Porto. A partir de agora espera-se o esclarecimento de todo este caso, até porque existem informações contraditórias sobre se teria ou não sido pedido um resgate de 15 milhões de pesetas.

Um cidadão português, de nome Carlos, com cerca de 38 anos, conhecido pelas autoridades policiais de casos de droga, foi antontem à noite detido pela Polícia Judiciária em plena Praça da República, em Coimbra, como sendo um dos raptadores de Maria Cândida Dias Freire da Costa, devendo ser apresentado esta tarde ao Juiz de Instrução Criminal.

Segundo círculos próximos do detido, Carlos tinha sido visto ultimamente na companhia de dois cidadãos espanhóis, possivelmente mem-

bro do grupo que na manhã de sexta-feira raptaram a companheira do ex-cônsul da Libéria da Quinta do Touçal, em Fornos, Castelo de Paiva.

Espera-se que com esta prisão se faça finalmente luz sobre este caso, ainda envolto em mistério, embora autoridades policiais afirmem que a acção tinha como objectivo o ex-cônsul. No entanto, na altura, Granhão Vila Real não estaria em casa, razão pela qual os raptadores levaram, sob a ameaça de armas, Maria Cândida até à freguesia de Melres, em Gondomar,

onde abandonaram o «Ford Sierra», propriedade da rapta-da, e seguiram num «Opel» cor azul, viatura de que é proprietário o indivíduo detido em Coimbra.

Houve ou não pedido de resgate?

A acção dos raptadores terá sido prejudicada pelo facto da fotografia de Maria Cândida Dias Freire da Costa ter aparecido em alguns jornais, dificultando assim a mobilidade necessária.

Segundo algumas das versões, o trio não chegou a contactar Fernando Granhão Vila Real, a quem pretendiam pedir um resgate de 15 milhões de pesetas, um pouco mais de 15 mil contos, embora, segundo outras notícias veiculadas pela Impren-

sa, na Quinta do Touçal uma das empregadas tenha atendido uma chamada nesse sentido...

Por outro lado, só o desconhecimento da existência de um mandado de captura passado contra Maria Cândida, por alegados cheques sem cobertura, que já estará em posse da PSP, mas com a morada do Porto e não de Castelo de Paiva, terá levado a que a Polícia Judiciária acabasse por deixar em liberdade a mulher do ex-cônsul.

Este facto, leva também a outra interpretação: a que na eminência de ser detida, o rapto teria sido simulado.

No entanto, só após a audição do indivíduo detido, e do desenvolvimento das investigações, é que será possível limar as «arestas» deste caso.

Guitarrista Jorge Fontes hospitalizado em S. José

O guitarrista Jorge Fontes, de 53 anos, encontra-se esta manhã em «estado delicado» no Pavilhão de Traumatizados Cranioencefálicos do Hospital de S. José, onde deu entrada na noite de antontem, depois de ter atentado contra a vida no restaurante típico «O Forcado», ao Bairro Alto, onde actuava com o seu conjunto.

Segundo amigos próximos, o artista, que há algum tempo vinha evidenciando sinais de um estado depressivo agudo, tendo inclusive sido submetido a tratamento psiquiátrico, dirigiu-se inesperadamente no domingo à noite à casa de banho daquele



estabelecimento onde desfechou um tiro de pistola na cabeça. A arma pertencia a um dos empregados da casa, localizada na Rua da Rosa.

Assalto a ourivesaria "rendeu" cinco mil contos

Durante a noite de domingo para segunda-feira assaltaram, por meio de arrombamento, a Ourivesaria Camilo Henrique situada na Estrada de Benfica, 427, em Lisboa, de onde levaram vários artigos de ouro e prata, bem como relógios. Num primeiro balanço foram avaliados pelo comerciante numa importância que se situará entre quatro a cinco mil contos.

O estabelecimento situa-se a escassos dez metros da esquadra da Polícia de Segurança Pública, na zona do Calhariz de Benfica. Nem essa aproximação impediu o assalto que, por ser cometido por arrombamento, terá produzido algum ruído, mas não o suficiente para interromper o repouso dos civis.

Também durante a ausência dos locatários, outros apreciadores dos mesmos artigos entraram numa residência da Rua do Sol ao Rato, 106, e apoderaram-se de várias pratas e jóias estimadas pelo ofendido em valor que oscilará entre cinco a seis mil contos.

Fascínio cortou os ares



Deslumbrante, aquele espectáculo de fascínio e arte, segurança e talento, habilidade e domínio de todos os sentidos, proporcionado pelo triunvirato de fabulosos pilotos (Jacques Bothelin, Jean-Louis Jordano e Michel «Hogo» Veran) que, compondo a «Patrulha Martini», fizeram ontem prodígios de acrobacia aérea sobre as praias de

Carcavelos e da Costa de Caparica, deleitando todos os representantes da Comunicação Social que estiveram (de tribuna) no Hotel Praia-Mar e, obviamente, milhares de outros espectadores que travaram o banho ou o repouso para admirarem (de credo na boca) as figuras desenhadas pelos três aviões, docilmente obrigados aos mais difíceis arabescos e às

mais temerárias manobras. Um completo êxito para a Infoplan (saliência para Carlos Pina) que foi a entidade escolhida pelo dr. Fernandes Nunes (director-geral da Martini) para promover o sensacional «show», que teve ainda no capitão Mário Angelo (ex-Asas de Portugal) o mais abalizado cicerone. Hoje, a festa repetiu-se em Espinho e Matosinhos.

Fuga dos "Cavacos" foi há um ano

Romagem às campas dos guardas mortos em Pinheiro da Cruz

Os guardas prisionais vão concentrar-se esta tarde às 15 horas junto à Cadeia de Pinheiro da Cruz, de onde partirão para uma romagem às campas de Arlindo Pereira dos Santos, em Melides, e de Luís Ambrósio e

Manuel Matos Espada, em Grândola, os seus três companheiros mortos a tiro há precisamente um ano durante a fuga de Faustino Cavaco, e mais cinco reclusos, daquele estabelecimen-

to. A concentração foi convocada pelo Sindical Nacional do Corpo da Guarda Prisional.

Recorde-se que Faustino Cavaco e os restantes evadidos foram mais tarde recapturados.

FRANCISCO XAVIER

MAIS UM NOVO HOSPITAL E UM NOVO SERVIÇO DE URGÊNCIA

O novo HOSPITAL DE S. FRANCISCO XAVIER vem proporcionar um novo serviço de urgências, abrangendo a população das freguesias de:

Ajuda • Alcântara • Belém • Prazeres • S. Francisco Xavier • Santa Condestável e ainda de todo o concelho de Oeiras.

Em caso de urgência, recorra agora ao HOSPITAL DE S. FRANCISCO XAVIER.

Temos urgência para crianças e maternidade. Contamos com o mais sofisticado equipamento de cuidados intensivos. O nosso sistema informático central garante a segurança e rapidez da acção médica.

HOSPITAL DE S. FRANCISCO XAVIER — um exemplo no caminho da humanização.

H.S. FRANCISCO XAVIER

MINISTÉRIO DA SAÚDE



Suicídios

Indicam os números haver, no distrito de Beja, um índice elevado de suicídios, colocando-se, por isso, à cabeça das percentagens apuradas no País. De toda a sua área, no concelho de Odemira, onde as pessoas mais acabam com a vida. Normalmente são a **corda** e o **veneno** os meios escolhidos para a prática deste acto. Confirmou-se num simpósio sobre a depressão e o suicídio que, recentemente, decorreu em Beja, com a presença de psicólogos, psiquiatras, clínicos e sociólogos, que os alentejanos têm pulsões de morte.

Porquê? «Factores endógenos», disseram os especialistas, o que significa depressão provocada por falecimento de familiares, conflitos, desgostos afectivos ou doenças físicas. Outros, contudo, inclinam-se para causas de carácter psicológico. O desemprego, a estrutura da propriedade, o isolamento também podem criar uma conjuntura favorável ao suicídio. Que o alentejano se fecha, não é expansivo, que magia de mais, é ensimesmado, que se deixa abater facilmente pelas adversidades talvez seja uma versão simplista e esquemática.

No simpósio, houve quem visse no sobreiro, árvore dominante na paisagem, um factor de influência no estado psicológico do indivíduo que pensa suprimir-se do número dos vivos. Olha em redor de si e sempre aquela monocromia. Há ainda quem fale da acção do vento levante, o **suão**, que pressiona os nervos, criando descontrolo. Verdade é que, no Alentejo, quando uma pessoa manifestava sinais de **stress**, se dizia: «Anda com o levante, hoje não se pode aturar...»

Segundo as estatísticas, os homens matam-se mais do que as mulheres, e os meses de maior **risco** são Junho, Julho e Agosto. É, por outro lado, dentro da faixa etária dos 60 aos 64 anos, que a vaga suicida se desenrola com mais frequência. «Provavelmente porque os idosos se sentem abandonados pelos filhos ou por se convencerem de que são um peso para as famílias...», adianta o presidente da Câmara Municipal de Odemira, que, por acaso, é médico.

Ora, em Vila Nova de Milfontes, no mês de **Maio**, suicidaram-se três pessoas, atrás umas das outras, de idades e sexos diferentes e sem quaisquer vínculos entre elas. Dois homens (um já velho e outro com cerca de trinta anos) e, ainda, uma rapariga inglesa casada com um pescador. Tanto a mulher como o sujeito idoso recorreram ao enforcamento, enquanto o indivíduo mais jovem optou pelo «605 Forte», produto altamente tóxico.

Mas porquê? Sabe-se lá que demónios apoquentam as pessoas!

VILA NOVA DE MILFONTES

O **emblem** do concelho ostenta, em desenho naif, duas espigas, dois sobreiros e três peixes — cortiça, trigo e pescado. Falta-lhe o esboço de um turista para o quadro ficar completo. Evidentemente que o concelho reúne condições, deveras agradáveis: catorze praias, rio, barragem, serra, sol, vegetação... e espaço. Ora, o turista que se preze não resiste a tanta coisa boa e cai lá, na época balnear, aos montes. Vila Nova de Milfontes é a vítima privilegiada das invasões, na medida em que dispõe de pensões, parques de campismo, restaurantes, o mínimo (ou máximo, depende dos pontos de vista) que se exige para passar férias.

Mas começa a constituir uma fonte de preocupações para a autarquia. Cresceu descomodamente: constrói-se a um ritmo assustador e os pedidos de mais e mais, acumulam-se na Secretaria da Câmara, afogada em papelada. António Quaresma, licenciado em História, professor do ensino secundário e autor de um livro sobre Vila Nova de Milfontes, na abordagem que dela faz, recua à sua fundação, em 1486, acto do rei D. João II. Em 1512 D. Manuel concede-lhe foral, e ainda no mesmo século é atacada pela pirataria norte-africana. Da cronologia, respeitante aos acontecimentos mais notórios, destaca a construção do forte de S. Clemente, em 1600, para a defesa do porto e da vila, o nascimento de Custódio Brás Pacheco, a 27 de Novembro de 1828, «fundador e director do jornal 'Voz do Operário'», a partida, em 7 de Abril de 1924, do avião «Pátria» que

voou até Macau, tripulado por Brito Pais e Sarmento Beires.

Nos anos 30 e 40, Milfontes era frequentada por um turismo de elite, «grandes proprietários rurais e uma burguesia de Lisboa» que tinham ali as suas casas de praia. «Nos anos 60, ainda sem impacto surge uma classe média, mas a explosão deu-se depois de 1975 por motivos claramente exógenos, relacionados com as modificações verificadas na sociedade portuguesa. Depois, a construção da ponte também contribuiu para o boom... Entretanto, foi invadida por gente do interior e emigrantes que vieram para aqui montar negócios. O turismo desencadeou um ciclo de prosperidade e a cultura dos pescadores submergiu, confrontada por todo este clima que se vive.»

Para enfrentar a nova situação, nasceu a Associação dos Amigos de Milfontes, de que António Quaresma é membro fundador. Óbvio que depara

com alguma animosidade num meio onde reina a mira do lucro. Uma certa dissolução dos valores desenha-se já com bastante nitidez. Os preços dos restaurantes ultrapassam, de longe, os que praticam em Lisboa, o aluguer das casas atinge cotações superiores às do Algarve (noventa, cem contos), e as pensões ignoram as tabelas estipuladas. «Constróem-se casas com anexos e sótãos para alugar... e os comerciantes têm medo que a Associação se intrometa no seu progresso».

Das tascas antigas, persistem, sem alterações, a do Raminhos que é agente da Rodoviária, e a do Augusto Cartaxinho. Os cafés, sem excepção, submetem-se a um estilo incharacterístico, igual ao que se vê em todo o País. «O desenvolvimento produziu uma população que não sente a terra em termos culturais. Quanto à juventude reflecte a nova face de Milfontes, curte as estrangeiras e a praia, nem sequer se apoquentam com o desemprego, coisa que aqui não há. Quando lhe apetece trabalha na pesca ou na construção civil, não escasseiam oportunidades...» Bronzeia-se, corteja as alemãs e mais esplanada, discoteca e umas drogazecas para estar no tom. Nada do outro mundo e, muito menos, numa terra de praia.

Com 150 sócios e «sem fazer campanha para mais angariar», a Associação dos Amigos de Milfontes surgiu na al-

tura crítica, como consequência do debate sobre a instalação, naquele território, de uma central nuclear. «Desenvolvemos um trabalho pedagógico: passeios, colóquios, exposições, levantamentos e recuperações das tradições locais. Quando se falou de central nuclear o pessoal daqui chateou-se mesmo... depois, se a gente critica o Xavier de Lima, acusam-nos de sermos contra o progresso, se dizemos que as dunas estão a ser agredidas, pelo campismo selvagem, chamam-nos uma série de nomes».

Dentro do espírito de preservação do património cultural, a Associação tentou, nas festas de S. João, reproduzir o ritual antigo dos mastros, da maneira mais genuinamente possível. «Tinha a ver com a fertilidade da terra, era um ritual agrícola, enfeitavam-se os mastros com fruta, hera, junco e bolos da massa do pão. Levavam, ainda, uns arcos colocados, longitudinalmente, e, no topo, uma cruz...». Cantigas, danças e o pão que se distribuía pelas pessoas — era, em suma, a história dos mastros.

Ecologia

São, por enquanto, o rio Mira sofre a ameaça dos esgotos, da carga excessiva dos meses de Verão e da escorência, proveniente das zonas agrícolas, sob a forma de resíduos dos pesticidas e da matéria orgânica lançada pelas fábricas de tomate. Todavia, nele ainda se pescam raías, solhas, en-

guias, achegãs, robalos, azevias, linguados e outras espécies próprias dos rios. «Dantes as corvinas subiam até Odemira, a última de que há notícia pesava 40 quilos e foi morta a tiro. Aparecem as cegonhas que nidificam no mar, as lontras, a águia pesqueira e o abelharuco, espécies que, se não forem tomadas medidas, dentro de meia dúzia de anos desaparecerão».

No seu discurso ecológico, António Quaresma menciona o sapal do Mira, fundamental para o funcionamento do rio, e os projectos de piscicultura que se propunham ocupá-lo, utilizando-se de uma riqueza pública. «Emitimos um parecer desfavorável e a empresa que queria tomar o sapal até ao Moinho do Loural, perante a recusa da Câmara, não teve outro remédio senão desistir. Há o caso do esteiro do Gama, propriedade comunitária, vendido no princípio do século a um particular... Transformaram-no em salinas, o que gerou uma certa polémica entre os pescadores que sempre o tinham utilizado livremente».

No Mira vivem cágados, aos milhares, ostras grandes e rugosas, amêijoas, caranguejos. Encontra-se ainda um ou outro moinho de maré, património em declínio. «O holandês que fez as urbanizações do Moinho da Asneira e da Duna da Pedra estragou um moinho de maré adaptando-o a bar...»

António Quaresma habita numa vivenda branca e ocre,

integrada na urbanização da Eira da Pedra, à qual a Câmara impôs um projecto-tipo. Não destoa, não choca, não incomoda. Notam-se, porém, algumas novidades aberrantes que colidem com a escola simples da povoação.

Logo à entrada deparamos com o mau gosto das «maisons», dos alumínio que inundam restaurantes e supermercados. Na marginal interpõem-se, entre os transeuntes e o rio, edifícios de apartamentos que impedem o usufruto da vista. «Sim, com efeito, a parte nova está descaracterizada...»

Da imagem moderna de Milfontes ressalta o café turco, de inspiração árabe, com risco do arquitecto Alberto Nunes. É uma obra interessante, discordo daqueles que a arrastaram, reputando-a de hostil à paisagem. Insere-se perfeitamente, estabelece diálogo com a luz e a aridez, da costa alentejana. Aprovada. Assim acontecesse com outras construções medíocres que por ali proliferam.

Repito: há que prestar atenção ao crescimento de Vila Nova de Milfontes, cuidá-la, ordenar o que de caótico contém. O milagre económico floresceu para os seus habitantes, importa agora não matar a galinha de ovos de ouro, refrear os ímpetus da ambição. Incurrer nos erros do Algarve não se me afigura o mais curial, os erros pagam-se mais tarde ou mais cedo.

Câmara vai manter aberto até à meia-noite o Castelo de S. Jorge

MAIORIA RESSUSCITA 74

Nuno Ribeiro

Não foi só pelo facto da temperatura exterior ser elevada que uma sessão que se adivinhava morna se tornou subitamente quente. Depois da constatação que o Castelo de S. Jorge fecha às nove da noite, deixando à porta as divisas que as campanhas de promoção atraem, após vários serviços da Câmara terem passado uns para os outros os entulhos da cidade, a reunião pública da Câmara de Lisboa aqueceu. Era inevitável quando uma semana depois da vitória de Cavaco Silva, a maioria ressuscitou o «espectro» de 1974 — o PREC, as ocupações, a violação da propriedade privada — para contestar e derrotar uma proposta.

«Uma maioria circunstancial recusou uma proposta humana e socialmente justa; os senhores perderam a autoridade para dizerem à população que não têm meios para intervir em situações de emergência». A declaração de voto do vereador Rui Godinho, em nome do grupo do PCP, concluiu um debate onde, a propósito de uma proposta de 26 de Maio de 1986, a maioria ressuscitou os tempos de 1974 e 75.

De súbito, mais pela clareza da posição assumida pelo presidente, do que os motivos técnicos e ressaltas até então avançados pelos vereadores socialistas e sociais-democratas, acordámos, uma semana depois da vitória

ria laranja, no «Verão quente».

Em causa estavam dois pontos de uma proposta subscrita pela então APU na qual se recomendava «às Juntas de Freguesia o levantamento e inventariação localizada de todas as casas de habitação devolutas sem contrato de arrendamento», e se propunha «negociar com os proprietários das habitações devolutas detectadas o realojamento temporário de famílias transitórias deslocadas das suas habitações permanentes».

Durante o debate foram apontadas as vantagens e inconvenientes de uma tal solução. Nas primeiras, os proponentes sublinhavam a ne-

cessidade do Município estar previamente dotado de instalações para casos de emergência que ocorrem na cidade. E, nos últimos anos, mais de 50 prédios ruíram e os incêndios têm sido uma constante, com um cortejo de realojamentos urgentes.

Quanto aos segundos, desde a incapacidade técnica das Juntas de Freguesia em procederem a tal levantamento, ao clima emocional que rodeou a apresentação da proposta, «dias depois de uma catástrofe» — o incêndio de uma pensão na Avenida da Liberdade —, passando pelo receio de que os realojados não libertariam facilmente as casas alugadas, e pela constatação, à qual ninguém pôs reservas, de que os senhorios dificilmente negociariam alugueres em tais condições, vários foram os «ses» e os «mas» avançados.

«Acabou com as barracas três vezes»

O debate estava morno e a questão de fundo, a de saber qual a responsabilidade e actuação da Câmara neste domínio, tinha sido apenas afluído, criando uma divi-

são clara entre os que defendem uma intervenção camarária nestes casos — embora com uma análise cuidada —, e os que sustentam, como os vereadores socialistas, que «a Câmara dispõe de recursos suficientes para situações de emergência», embora este optimismo não seja sempre confirmado na prática.

As «casas volantes», designação técnica que lhes é dada, não chegam muitas vezes para as encomendas, como tem sido demonstrado ao longo de várias sessões públicas, onde a superação das dificuldades de realojamento é conseguida com grande esforço.

Mas, avançando com argumentos que, segundo os proponentes não estavam subjacentes aos termos da proposta, Nuno Abecasis recordou 1974, — «os tempos de que nos livrámos graças a Deus», segundo o democrata-cristão Pedro Feist —, a «violação da propriedade privada», o «Poder Popular», um PREC que se adivinhava em 1987, como que se uma acção a ser centralizada por uma Câmara pudesse ser comparada aos movimentos de há 13 anos.

A inexistência de uma base constitucional para esta tarefa, avançada pelo vereador social-democrata Vitor Reis, esquecia um dos termos da proposta: negociar, e não, obviamente, decretar. E negociar não a posse, mas um aluguer transitório e temporário, embora a prática pudesse trazer problemas adicionais que a secunda da formulação não previa.

Mas, no «flash-back» que se fez, e por ironia Vasco Gonçalves não foi agora citado, a debate perdeu a necessária serenidade e ponderação, e o que não era passou a ser, da mesma forma que a memória foi transformada em futuro, o passado em receio.

Pelo caminho ficaram, no entanto, pistas importantes.

Abecasis adiantou uma solução para acabar com os fogos devolutos: a de uma contribuição geométrica crescente a partir de um ano de desocupação, substituindo a actual legislação que, pura e simplesmente, não prevê contribuição nenhuma.

Ribeiro Teles, referiu o que hoje já é um dado adquirido na Câmara de Lisboa: muitas das casas devolutas estão à espera da derrocada, de mais — valias compensadoras, da

substituição da habitação por escritórios.

Vitor Reis declarou a pouca disponibilidade dos senhorios em Alfama e Mouraria para negociarem com a Câmara; Ana Sara de Brito referiu que, no parque municipal, a existência de casas devolutas é uma realidade preocupante; Rui Godinho, ironizando com o protocolo estabelecido entre a Câmara e o Governo, avançou que Nuno Abecasis já «acabou com as barracas por três vezes, sempre antes de eleições, em 1983, 85 e 87».

E, para os turistas que não percebem porque a cidade vai caíndo, porque os entulhos estão na rua, porque o cheiro nem sempre é o da sardinha assada, resta a consolação de, a partir de Agosto, poderem ver a cidade até à meia-noite do Castelo de S. Jorge.

É que, até agora, às 21 horas, cumprindo um ritual burocrático, o melhor miradouro da cidade fechava as portas de ferro, num país hospitaleiro, onde «a simpatia vale ouro», como proclama a Direcção Geral de Turismo, sem que a Câmara de Lisboa tenha entendido a mensagem.



Quatro dos falecidos foram pescadores acabados de desembarcar

Seis mortos e seis feridos graves em choque de viaturas na Maia

Em circunstâncias ainda não apuradas, uma camioneta de carga que se dirigia para o Porto saiu da sua faixa de rodagem, em Guardelinas (Maia) e foi abalroar frontalmente uma carrinha de caixa descoberta, em trânsito de Leões para Caxina (Vila do Conde), causando a morte de seis dos seus passageiros e ferimentos graves em igual número.

Os mortos foram o mestreda motora «Mar Céltico» e três pescadores, acabados de chegar do mar, e familiares.

A identidade dos falecidos, cujos corpos foram conduzidos para a casa mortuária do Hospital de S. João, é a seguinte: O mestre Américo Jesus Gomes Marafona, de 40 anos, José António de Oliveira Granjo, de 39 anos, pescador, que conduzia a carrinha sinistrada, uma «Toyota Dyna», Manuel Albertino Santos Ribeiro, de 42 anos, pescador, Luís Vareiro Teixeira, de 19 anos, e Josefina Gomes Marafona Pereira, de 45 anos. O casal Marafona deixou três filhos órfãos, o mais novo dos quais com apenas três anos saiu ileso do acidente.

Quanto aos feridos são José Manuel Braga, de 25 anos, António João Lima Ventura, de 32 anos, António Fernando Gomes Bicha, de 22 anos, Paulo Manuel Silva, da mesma idade, todos ocupantes da carrinha, e ainda o motorista da camioneta, uma «Volvo», Manuel Ferreira da Costa, de 48 anos, e o seu ajudante, Vicente Almeida Rocha, de 33 anos.



ATENDIMENTO MÉDICO IMEDIATO!

Se mora na área da Grande Lisboa e em caso de emergência, o 115 presta-lhe um novo serviço, com apoio médico imediato. Agora, ao ligar 115, é atendido por um médico que lhe proporciona:

- conselhos médicos
 - indicações quanto a primeiros socorros
 - informação sobre o local onde dirigir-se.
- Se necessário uma ambulância recolherá o doente.

Estamos aqui. Podemos salvar vidas. Em caso de emergência, não hesite. LIGUE 115.

MINISTÉRIO DA SAÚDE

Calor continua a matar na Europa do Sul

Temperaturas elevadas estão a provocar morte e destruição no Sul da Europa forçando os coveiros na Grécia a trabalhar exaustivo para responderem ao aumento do número de vítimas mortais.

Em França, 800 bombeiros, apoiados por aviões de combate a incêndios, enfrentaram a noite passada um fogo que destruiu centenas de hectares de floresta, na zona costeira de Var e de Bouches-du-Rhône, no Sueste do país.

Sol intenso e temperaturas que ultrapassam os 40 graus centígrados causaram racionamento de água no Sul da Itália, onde pelo menos 80 pessoas já morreram e onde deflagraram dezenas de incêndios.

Em contraste, os europeus do Norte defrontam-se com céu cinzento e com um dos Verões mais frios de que há memória, levando ao êxodo de centenas de pessoas para praias mediterrânicas.

Na Grécia, uma temperatura recorde de 47 graus centígrados forçou o governo a prolongar o estado de emergência para fazer face aos problemas que se têm registado.

Um porta-voz governamental disse que o número de vítimas alcançou os 750 durante o fim-de-semana e que se prevê que aumente.

Fontes hospitalares informaram que a maioria dos mortos são idosos com problemas cardíacos e respiratórios e que até agora já deram entrada nos hospitais 1500 pessoas.

Um recorde oposto foi batido na Bélgica, onde um porta-voz do Instituto Meteorológico de Bruxelas, informou que

o país registou em Junho o menor número de horas de sol deste século.

Na Dinamarca ocorreu o mesmo fenómeno, o que levou os dinamarqueses a suportarem longas filas de espera para comprarem bilhetes aéreos enquanto prospera o mercado negro de viagens turísticas para paraideiros mais soaisheiros.

Atendendo ao contraste de temperatura, o ministério sueco dos Negócios Estrangeiros apressou-se a informar os que apressou-se a Meditrrâneo sobre os cuidados a ter.

«Os turistas devem permanecer em casa durante a parte mais quente do dia e beber bastantes líquidos com excepção de álcool», disse um porta-voz do Ministério.

Na Grã-Bretanha, o mercúrio desceu para 11 graus centígrados, enquanto o país era

atingido por tempestades com fortes chuvas e ventos.

Mau tempo na Coreia do Sul e no Irão

Entretanto, as chuvas torrenciais que assolam a Coreia do Sul causaram ontem 68 mortos e 14 desaparecidos, em Seul e nas províncias meridionais, disse a Polícia sul-coreana.

O rio Han, que atravessa o centro da capital, está prestes a transbordar e teme-se que parte das instalações olímpicas possam ficar cobertas pela água.

Por outro lado, inundações na parte norte de Teerão, no Irão mataram 141 pessoas e feriram 346, anunciou um comando de emergência na capital iraniana.



Winnie Mandela faz o sinal do poder negro durante o funeral de Sello Motau, que foi abatido a tiro na Sua zilandia. O funeral, realizado por dezenas de polícias. As autoridades sul-africanas autolimitaram a 200 e não haver discursos «slogans».

Alegado cabecilha de golpes detido nas Filipinas

A presidente Corazón Aquino ordenou hoje às autoridades militares que mantenham sob vigilância apertada, 24 horas por dia, um oficial superior considerado o cabecilha de várias tentativas de golpe de Estado contra ela nos últimos meses.

O coronel Rolando Abadilla, um importante apoiante do antigo presidente Ferdinand Marcos, é o antigo chefe de um serviço de informações acusado de ter torturado e morto milhares de presos políticos durante o regime de Marcos.

Aquele oficial foi capturado a

noite passada no local de uma companhia de camiões de que é proprietário, situada perto de uma base militar em Manila, ao fim de seis meses de buscas.

O porta-voz presidencial Teodoro Benigno disse que Aquino ordenou aos comandantes militares que tenham um «cuidado extraordinário» para que Abadilla «não tente matar-se ou fugir».

«É suspeito de ter estado envolvido em tentativas para desestabilizar o governo de Aquino, como um dos chefes,

se não o chefe disse Benigno aos jornalistas.

Aquino conseguiu manter-se no poder depois de se terem registado pelo menos quatro tentativas de golpe de Estado e motins desde que chegou ao poder em Fevereiro de 1986, quando o presidente Ferdinand Marcos foi deposto por uma rebelião militar apoiada por civis.

Abadilla foi detido na altura em que Aquino estava a falar na sessão de abertura do novo Congresso filipino.

Na sua mensagem sobre o Es-

tado da nação, a senhora Aquino exortou o Congresso a reforçar o exército para combater as tentativas de golpe de direita, a crescente rebelião comunista e as ameaças dos separatistas musulmanos na ilha de Mindanao.

Benigno disse que Abadilla era suspeito, entre outros actos, de envolvimento numa tentativa de ocupação de um hotel de Manila por 300 soldados rebeldes e noutra tentativa de golpe ocorrida em Janeiro, quando 200 soldados ocuparam uma estação de televisão de Manila.

Primeiro-ministro também se opõe

MANIFESTAÇÕES VIOLENTAS PROVOCARAM OITO

Oito pessoas morreram e 40 ficaram feridas quando a Polícia carregou hoje sobre manifestantes que protestavam de forma violenta no centro de Colombo contra um previsto acordo de paz para o Sri Lanka - disseram fontes hospitalares. Dezenas de autocarros, camiões e automóveis foram incendiados, assim como o Ministério dos Assuntos Femininos e dos Hospitais, enquanto os distúrbios continuaram com a mesma intensidade durante cinco horas. Testemunhas disseram igualmente que grupos de jovens danificaram e saquearam lojas na rua Chetnan, uma importante artéria comercial próxima do palácio presidencial.

Entre os mortos contam-se dois monges budistas que participavam na manifestação contra a assinatura de um acordo com a Índia tendente a pôr

fim aos conflitos étnicos no Sri Lanka. As cerca de cinco mil pessoas que se concentraram na capital do Sri Lanka para pro-

Trinta mortos em confrontos no Paquistão

Pelo menos 30 pessoas morreram e 60 ficaram feridas durante cinco dias de combates violentos entre muçulmanos sunitas e xiitas, revelou o governo provincial de Peshawar, no Paquistão.

Notícias não oficiais indicavam que o número de baixas ascendiam a mais de 200, enquanto forças do exército e paramilitares se dirigiam para aldeias envolvidas nos combates.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE 2640 MAFRA ANÚNCIO

Proc. 208/87 — CP 2.ª Secção

No dia 12 de Outubro de 1987, pelas 14 horas, no Tribunal desta comarca nos autos de carta precatória, vinda do 2.º Juízo do Tribunal Judicial de Torres Vedras — 1.ª Secção, extraída do processo de execução sumária n.º 32/85 em que é exequente Carlos Bernardes & Filhos, Lda, e executado Firmo José Plácido Martins, solteiro, residente em Lagoa — Mafra, há-de ser postos em praça pela primeira vez para serem arrematados ao maior lance oferecido acima do valor indicado o seguinte prédio apreendido àquele executado: Direito a metade indivisa do prédio urbano, sito em Lagoa, freguesia de Santo Isidoro, Mafra, descrito na conservatória do registo Predial de Mafra sob o n.º 30.664, a folhas 39 do Livro B-82, inscrito na matriz sob o artigo n.º 886. Vai à praça no valor de 750 000\$00.

Mafra, 9 de Julho de 1987

A Juiz de Direito
Maria do Rosário Correia Oliveira
A Escrivã Adjunta
Maria de Lurdes Sádo Batalha
DL 28/7/87 — 1.ª Pub.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE TORRES VEDRAS ANÚNCIO

Pelo 1.º Juízo 2.ª Secção do Tribunal Judicial de Torres Vedras, na Acção com processo Especial n.º 99/86, movida pelo Autor Carlos Bernardes & Filhos, Lda, com sede em Bairro Vila Moreira, Torres Vedras, contra João José Esteves Simões e mulher Ana Belmira Simões, residente em parte incerta e com última residência em Merceana, Aldeia Galega, comarca de Alenquer, é esta ré citada, para contestar, apresentando a sua defesa no prazo de 10 dias, que começa a correr depois de finda a dilação de trinta dias, contada da segunda publicação do anúncio, sob a cominação de vir a ser condenada no pedido, o qual consiste em entregar à Autora a posse material e efectiva do estabelecimento, sito na Rua Dias Neiva, 36-E, em Torres Vedras, o qual foi adjudicado ao Autor em 8/4/86, por Arrematação em hasta pública.

Torres Vedras, 22 de Julho de 1987
O Secretário Judicial
Agostinho Fernandes Abreu
A Escrivã de Direito
Maria da Piedade Santos Silva
DL 28/7/87 — 1.ª Pub.

FERNANDO J. CARVALHO, LIMITADA

Certifico que, por escritura de 29 de Outubro de 1986, exarada de folha 91 a folha 92, verso, do livro de notas para escrituras diversas n.º 19-G, do 1.º Cartório Notarial de Lisboa a cargo da notária licenciada Zulmira da Natividade Martins Neto Lino da Silva, Fernando José de Carvalho e Maria Helena de Oliveira Mendes Carvalho deixaram de fazer parte da sociedade comercial por quotas com a firma em epígrafe, que tem a sua sede em Lisboa, na Rua José Ricardo, número onze-D, renunciaram à gerência, tendo o primeiro autorizado que o seu nome «Fernando J. Carvalho» continue a ser usado na firma social, mas apenas pelo prazo máximo de seis meses a contar da data desta escritura.

Pela mesma escritura Acácio Augusto Francisco Teixeira e Adalberto Moreira Reis foram nomeados gerentes da referida sociedade.

Está conforme ao original.
1.º Cartório Notarial de Lisboa aos 9 de Julho de 1987.

O Ajudante
Alberto Vila Rodrigues
-DL- 28/7/87

Estados Unidos de interferência no

O departamento norte-americano de relações exteriores de que um diplomata dos Estados Unidos afirmou que os assuntos internos do Panamá.

Na última escalada da crescente administração Reagan e os líderes do jornal panamiano controlado pelo governo contra os Estados Unidos, acusando a embaixada norte-americana de interferência no país.

O porta-voz do Departamento de Estado afirmou: «Rejeitamos as acusações de interferência dos Estados Unidos na administração do Panamá».

Referindo-se ao encerramento de Redman apelou «ao governo panamiano toda a censura à imprensa. Os problemas devem ser resolvidos com a supressão de interferência dos Estados Unidos».

A semana passada, o governo panamiano terá ignorado uma oferta de uma compensação de 106 000 dólares da embaixada norte-americana, durante o mês de Junho.

«DISCOSSETE — ESTÚDIOS DE GRAVAÇÃO E EDIÇÃO MUSICAL, LIMITADA» CERTIFICADO

Que, por escritura de 28 de Maio de 1987, lavrada de folhas 49 a folhas 51 v.º, do livro de notas para escrituras diversas número 336-A, do Primeiro Cartório Notarial de Almada, a cargo do notário licenciado José Manuel Cabral de Matos Oliveira, Florentino Goulart Nogueira dividida a sua quota de quatrocentos e noventa e cinco mil escudos que possuía no capital da sociedade com denominação em epígrafe e sede na Rua Dr. Faria de Vasconcelos, quatro-A, em Lisboa, em três novas quotas de cento e sessenta e cinco contos, cada; que cedeu uma a João Nuno da Silva Simões Serra; outra a Luís António da Silva Simões Serra; e outra a Maria Helena da Silva Simões Serra.

Que, pela mesma escritura, deliberaram aumentar o capital social para dois mil contos, sendo o aumento no montante de mil e quinhentos contos subscrito pelos sócios nos montantes respectivos de quinze mil escudos por Maria Helena Cardinalli da Silva Simões Serra e quatrocentos e noventa e cinco contos por cada um dos restantes sócios, João Nuno da Silva Simões Serra, Luís António da Silva Simões Serra, e Maria Helena da Silva Simões Serra, e foi alterado o artigo quarto do pacto social, que passa a ter a redacção seguinte:

ARTIGO QUARTO — O capital social, integralmente realizado em dinheiro e outros valores, é de dois milhões de escudos e corresponde à soma de quatro quotas; uma no valor de vinte mil escudos da quota Maria Helena Cardinalli da Silva Simões Serra e três no valor de seiscentos e sessenta mil escudos cada uma, uma de cada um dos sócios João Nuno da Silva Simões Serra, Luís António da Silva Simões Serra, e Maria Helena da Silva Simões Serra.

É certidão que fiz extrair e está conforme.

Almada aos vinte e nove de Maio de mil novecentos e oitenta e sete.

O notário:
José Manuel Cabral M. Oliveira

-DL- — 28/7/87

«ALSTHOM INTERNATIONAL, EQUIPAMENTOS ELECTROMECÂNICOS, LIMITADA»

anteriormente

«CGE ALSTHOM AGMEL, LIMITADA»

Sede: Avenida Elias Garcia, n.º 123 e 131 — Lisboa

Capital: 11 200 000\$00

Matrícula: 20.407, a fls. 191 v.º do Livro C-53, da Conservatória do Registo Comercial de Lisboa.

DÉCIMO SEGUNDO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA A CARGO DA NOTÁRIA LICENCIADA LÍDIA RODRIGUES MAIA DEVEZA.

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 22 de Julho corrente, lavrada de fls. 22 e 23 v.º do livro de notas para escrituras diversas n.º 187-B, deste Cartório, foi substituída a denominação da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada «CGE ALSTHOM AGMEL, LIMITADA», pela de «ALSTHOM INTERNATIONAL, EQUIPAMENTOS ELECTROMECÂNICOS, LIMITADA», e mudado o objecto social pelo que os artigos primeiro e terceiro do respectivo pacto social foram alterados ficando com a seguinte redacção

ARTIGO PRIMEIRO

— A sociedade adopta a denominação ALSTHOM INTERNATIONAL, EQUIPAMENTOS ELECTROMECÂNICOS, LIMITADA.

ARTIGO TERCEIRO

— A sociedade tem por objecto o comércio de material eléctrico e electrónico e de quaisquer produtos industriais em geral.

Está conforme — Lisboa e Décimo Segundo Cartório Notarial, aos vinte e três de Julho de mil novecentos e oitenta e sete.

O 3.º Ajudante,

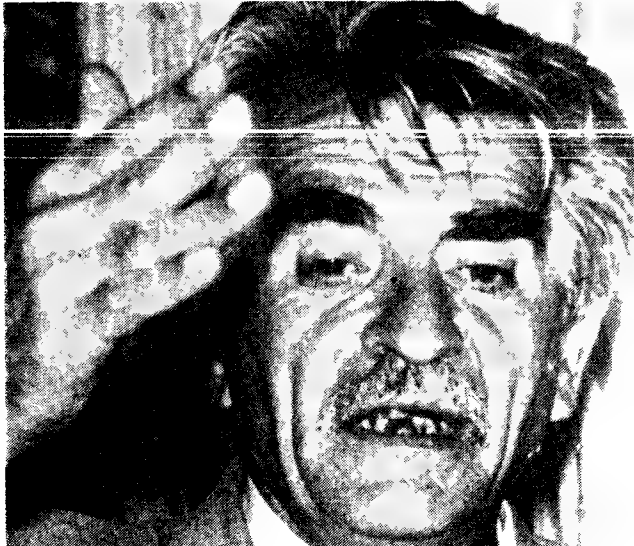
(Maria Antonieta Cordeiro da Silva Socima)

DL — 28/7/87



funeral do membro do ANC, realizado no Soweto, foi autorizado o funeral com a presença de políticos, bandeiras ou

Um combate de três horas entre uma cobra-capelo e uma serpente, disputado no exterior de um hotel de uma localidade de Goa, fez parar o trânsito, disseram testemunhas. «As cobras lutaram das três às seis horas da tarde». Houve engarrafamento de trânsito e os espectadores bloquearam as ruas, parando os seus carros e motocicletas para assistir», afirmou John Borges, empregado do hotel, situado na localidade de Mapuçá. Os hindus consideram as cobras-capelo sagradas e acreditam que se interferirem com elas podem sofrer uma consequente punição divina. Talvez por essa razão, a Polícia recusou-se a interferir e ninguém quis pagar 50 rupias (equivalentes a 560 escudos) que um encantador de cobras cobrava para as separar. Os répteis acabaram por suspender o combate, que terminaria com um empate.



«Não sei quanto tempo as manifestações poderão durar, mas o certo é que vamos continuar a lutar», disse aos jornalistas o líder activista tártaro Reshat Dzhebilov (na foto), após um encontro com o Presidente soviético Andrei Gromiko. Os tártaros, com dos quais se manifestaram anteriormente junto ao Kremlin, em Moscovo, reivindicam a restauração da sua pátria, a Crimeia, de onde foram retirados à força em 1944 por Estaline. Dzhebilov disse que Gromiko não lhe apresentou nenhum plano concreto de realização imediata.

VIOLENTAS CONTRA PLANO DE PAZ 10 MORTOS NO SRI LANKA

testar contra o acordo gritavam nomeadamente «Abaixo J.R.J.», numa referência ao Presidente Junius Jayewardene, que deverá assinar o acordo com o Primeiro-Ministro indiano, Rajiv Gandhi.

Outros manifestantes empunhavam cartazes onde se podia ler «Lutaremos para derrubar o assassino Jayewardene».

Segundo testemunhas, a dirigente do principal partido da oposição, Sirimavo Bandaranaike, e o seu filho Anura, líder da oposição parlamentar, contavam-se entre os manifestantes, bem como 1.500 monges budistas.

Muitos membros da comunidade cingalesa do Sri Lanka opõem-se à prevista concessão de uma região autónoma no Norte e no Leste do país à minoria tamil.

A manifestação realizou-se enquanto as forças de segurança mantinham um alerta especial para proteger Gandhi, que chega amanhã a Colombo acompanhado da mulher, Sônia.

As forças armadas estarão atentas para evitar distúrbios e mais de 600 polícias fardados e à paisana estarão encarregados de proteger o líder indiano - informaram fontes governamentais.

O Primeiro-Ministro do Sri Lanka, Ranasinghe Premadasa, que se opõe à assinatura do acordo, disse numa reunião especial do gabinete que também

não era a favor da visita de Gandhi.

Premadasa tem criticado o papel da Índia como mediadora na disputa entre cingaleses e tameses e tem acusado o dirigente indiano de apoiar os guerrilheiros separatistas tameses.

Enquanto Jayewardene enfrenta a oposição ao acordo da maioria cingalesa do país, o principal grupo separatista tamil, os «Tigres de Libertação do Eelam Tamil» afirmava às autoridades indianas que ia continuar com a sua luta pela criação de um estado independente no Norte e Leste do Sri Lanka.

Velupillai Prabhakaran, líder do grupo, classificou o acordo

como «uma punhalada nas costas dos tameses» - noticia a agência indiana PTI.

Citando fontes tameses, a mesma agência afirmou que os responsáveis indianos não tinham dito aos dirigentes tameses que prosseguiriam e assinariam o acordo, embora os guerrilheiros tivessem reservas sobre algumas das propostas.

O plano apoiado por Nova Deli, que tem mediado entre os tameses e o Governo do Sri Lanka, visa o estabelecimento de um conselho autónomo para as províncias Norte e Leste, onde vive a maioria dos tameses.

Navios de guerra franceses e dos EUA no Golfo

Petroleiro atingido por mina vai carregar ramas no Kuwait

Os Estados Unidos autorizaram hoje o petroleiro «Bridgeton», atingido na semana passada por uma mina no golfo Pérsico, a carregar ramas de petróleo.

O «Bridgeton» vai carregar no Kuwait cerca de 260 000 toneladas de ramas.

O petroleiro gigante foi rebaptizado na semana passada sob pavilhão norte-americano depois de um pedido do Kuwait para que os Estados Unidos protejam a navegação comercial no golfo, vítima da guerra Irão-Iraque.

O «Bridgeton» precisava de autorização da guarda costeira dos Estados Unidos para navegar, depois de ter sido atingido por uma mina de origem desconhecida que fez um rom-

bo mas não provocou danos pessoais.

Informadores da Secretaria da Defesa dos Estados Unidos disseram que o governo de Washington está a ponderar a hipótese de enviar para o golfo helicópteros de acção antiminas para assegurar que os petroleiros naveguem no golfo sem correrem o mesmo risco que o «Bridgeton».

Os três navios da Marinha de Guerra dos Estados Unidos que estão no golfo a proteger directamente o «Bridgeton» e outros 10 petroleiros do Kuwait rebaptizados não têm capacidade para detectar e desactivar as minas.

Os navios mais pequenos da Armada americana — que correriam graves riscos se ba-

tessem numa mina — seguiram atrás do «Bridgeton», utilizando-o como draga-minas.

A França, que recentemente cortou relações diplomáticas com o Irão, enviou também para o golfo uma força naval composta pelo porta-aviões «Clemenceau», duas fragatas e um navio de abastecimento que permanecem na região em «stand by».

Uma semana depois de o Conselho de Segurança da ONU ter ordenado um cessar-fogo imediato na guerra do golfo, esta continua inabalável, o mesmo não acontecendo com a «guerra dos petroleiros», bastante mais calma desde a criação, na passada semana de uma escolta norte-americana de protecção à navegação.

Cargueiro malaio atingido por míssil

Um cargueiro malaio que afirma ter sido atingido por um míssil de origem desconhecida ao largo da ilha japonesa de Okinawa está a ser rebocado com danos por um rebocador japonês. Um tripulante do cargueiro ficou ferido e o navio está incapaz de seguir viagem, segundo as informações de bordo que não puderam ainda ser confirmadas pela agência de segurança marítima do Japão. O «Pomex Saga», com 21 marinheiros filipinos a bordo, está a ser rebocado para o porto de Naha, a capital de Okinawa.

«Irangate»: Meese vai ser interrogado

O responsável pelo Departamento de Justiça norte-americano, Edwin Meese, depõe hoje na Comissão de Investigação do Congresso para o escândalo Irão-«contras». Meese, o responsável pelas primeiras investigações do caso Irão-«contras», amigo íntimo e colaborador do presidente Reagan, testemunhou já em privado perante a Comissão do Congresso que investiga o escândalo, limitando-se a respostas vagas. Com este antecedente e várias críticas pela sua actuação nas primeiras investigações do caso, Meese vai agora revelar a sua actividade no fim-de-semana anterior ao rebentamento do escândalo, no passado dia 25 de Novembro.

Desarmamento: nova proposta da NATO

Os 16 países membros da NATO apresentaram uma proposta para novas conversações sobre reduções de armas convencionais na Europa, revelaram fontes diplomáticas. A proposta foi feita em Viena num encontro dos 23 países da NATO e do Pacto de Varsóvia, que mantém contactos informais na capital austríaca desde Fevereiro, no âmbito da Conferência Sobre Segurança e Cooperação Europeia. As mesmas fontes adiaram que a proposta visa concretizar a segurança na Europa eliminando a desigualdade militar entre os dois blocos e a possibilidade de cada um deles lançar um ataque-surpresa.

JUNTA DE FREGUESIA DE ALCÂNTARA

Criação do Brasão da Freguesia de Alcântara

EDITAL

José das Neves Godinho, Presidente da Junta de Freguesia de Alcântara:

Faz público que por deliberação desta Junta, sancionada pela Assembleia de Freguesia de 26/03/87, foi aprovado o seguinte:

1. Está aberto concurso público para artistas nacionais para a criação do brasão, a ser também inserido na bandeira, da Freguesia de Alcântara.
2. Neste concurso serão atribuídos prémios no valor de 50 000\$00, 30 000\$00 e 20 000\$00 para os três melhores trabalhos.
3. O Júri atribuirá menções honrosas que o valor dos trabalhos apresentados justifique.
4. Cada concorrente, individual ou em grupo, poderá concorrer com mais que um trabalho.
5. As propostas devem ser assinadas sob pseudónimo, acompanhadas de um envelope fechado e lacrado contendo a identificação do concorrente, morada e telefone e com identificação exterior do pseudónimo.
6. As propostas e o envelope de identificação deverão ser entregues em envelope fechado e lacrado na Junta de Freguesia de Alcântara, até ao dia 31 de Outubro de 1987.
7. Cada proposta compõe-se de um estudo, com indicação de cor e metais do brasão, devendo os elementos ser apresentados sobre cartolina branca com as dimensões de 0,30x0,30.
8. As propostas deverão obedecer às regras de Heráldica e ter como base os seguintes critérios:
- Bairro operário (Indústria), Ponte 25 de Abril e Capela de Santo Amaro.
9. A apreciação dos trabalhos será feita por Júri de cujas decisões não haverá recurso.
10. Os trabalhos premiados passarão a constituir propriedade da JFA que deles poderá fazer o uso legítimo que entender.
11. Com os trabalhos apresentados a concurso realizará a JFA uma exposição pública.
12. Outras informações poderão ser prestadas na Junta de Freguesia de Alcântara - R. dos Lusíadas, 13 - Lisboa - Telefone: 63 76 19. Para constar se publica o presente Edital e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Alcântara, 1 de Julho de 1987

**Pel'a Junta de Freguesia
O Presidente
(José das Neves Godinho)**

Desmentem o Panamá

cano de Estado rejeitou acusar Estados Unidos teria interferido na

ente guerra de palavras entre a es militares panamianos, um Governo prosseguiu a campanha acusando John Misto, número de interferência na política

de Estado, Charles Redman, os e vimos com muita preocupação.

de vários jornais da oposição, panamiano para que ponha fim a problemas do Panamá não podem de elementos da Imprensa do

m norte-americano suspendeu económica, depois de os líderes exigência de Washington de danos por danos causados a bens durante manifestações toleradas

Concertação e diálogo querem os TSD

O Secretário Nacional dos Trabalhadores Sociais Democratas (TSD) afirmou que se esforçará «para que as grandes decisões políticas que se avizinhem, e que aos trabalhadores digam respeito, sejam tomadas num franco espírito de diálogo e concertação».

No final de uma reunião sobre a situação decorrente da vitória eleitoral do PSD, realizada no fim-de-semana o Secretariado dos TSD, considerou que do sufrágio de 19 de Julho «resultaram condições

mais favoráveis para prosseguir e aprofundar os caminhos do desenvolvimento e do progresso» e que «o diálogo e a concertação social entre o governo e os parceiros sociais constitui uma peça-chave para o sucesso dessa política».

Os dirigentes da estrutura laboral do PSD, anunciaram que vão lançar um «conjunto de medidas visando a dinamização da organização e a sua influência» no movimento sindical.

Por anúncio nos jornais

Empresa japonesa pede desculpa aos Estados Unidos

A «Toshiba Corp.» do Japão publicou anúncios em três grandes jornais norte-americanos pedindo desculpas aos Estados Unidos pela venda por uma das suas subsidiárias de alta tecnologia à União Soviética.

Nos anúncios de página inteira publicados nos jornais «New York Times», «Washington Post» e «Wall Street Journal», a companhia japonesa afirmou «partilhar o choque e consternação do povo norte-americano, da administração e do Congresso» causados pelo negócio envolvendo a «Toshiba Machine Company» (TMC).

O equipamento da TMC foi

vendido à URSS no princípio dos anos 80 através da empresa norueguesa de fabrico de armas «Kongsberg Vappenfabrik».

Os Estados Unidos reagiram furiosamente ao negócio porque o equipamento vendido foiado para tornar os submarinos soviéticos virtualmente indetectáveis.

Como protesto, o Senad norte-americano aprovou um projecto de lei proibindo todas as importações de equipamento da Toshiba pelo menos durante dois anos.

Nos anúncios publicados, a Toshiba garantiu novamente que não teve conhecimento da acção da TMC.

BOLSA: JÁ COMEÇOU A SELECÇÃO DOS PAPÉIS

O mercado de capitais de Lisboa movimentou ontem 2,3 milhões de contos mas na euforia da compra de títulos de quatro empresas—subscreções públicas da Sociedade Portuguesa de Seguros e da Terner e Operações Públicas de Venda das Carnes Nobre e da Hotelagos—foi possível detectar sinais de uma selecção natural dos melhores papéis, tendência que o esperado aumento da oferta vai acentuar no futuro.

Segundo disse ao DL o dr. Abílio Sousa, síndico dos corretores da Bolsa de Lisboa, é de aguardar a continuação da subida das cotações «durante mais algum tempo, com destaque natural para os melhores papéis». A prazo, a Bolsa passará por «um período de acalmia e selecção dos melhores papéis, de que já houve, aliás, sinais nas sessões de quinta e sexta-feira passadas», acrescentou Abílio Sousa.

Por enquanto a tendência é ainda altista por três ordens de razões: o Governo saído das eleições é extremamente favorável à iniciativa privada, o que incute confiança aos investidores; a dimensão do mercado é ainda pequena; e o clima actual é de euforia do público que frequenta a Bolsa.

Factores externos

A hipótese de «estoíro» que alguns admitem, dada a sobrevalorização da maioria das acções em praça, foi, no entanto, afastada por aquela fonte do Diário de Lisboa. Admite-se, sim, um mero «movimento descendente das cotações, causado pelo aumento da oferta». Esse movimento resulta da continuação da maré de subscreções públicas, das OPV's e da

eventual admissão à cotação de acções de empresas públicas que venham a ser total ou parcialmente abertas ao capital privado. Essa admissão depende, no entanto, do uso que o Governo fizer das restrições constitucionais actuais ou da capacidade de introduzir alterações no texto da Constituição, com a revisão prevista para a actual legislatura.

Há ainda factores externos que podem contribuir para a referida acalmia no mercado nacional de capitais, alguns dos quais foram expressamente mencionados pelo dr. Abílio Sousa:

«Há indícios de que os Estados Unidos não estão a conseguir controlar a inflação»-disse.

Se vierem a confirmar-se as tendências recentes de subida do petróleo e da inflação nos EUA, assistiremos também a uma subida do dólar e das taxas de juro internacionais, que fariam subir a taxa de juro e a inflação em Portugal.

«Tais factos—concluiu o síndico dos corretores—reforçariam a eventual tendência decrescente do mercado de títulos».

Ao preço base pela primeira vez

Na sessão de ontem da Bolsa de Lisboa deu-se, pela primeira vez desde que se iniciaram as Operações Públicas de Venda, um facto indiciador da selecção natural dos papéis colocados no mercado que, com maior ou menor brevidade, vai fazer-se.

Na OPV das 300.000 acções da Hotelagos, a empresa proprietária do Hotel de Lagos, no Algarve, os últimos cinco lotes, num total de 10.550 acções, foram vendidos ao preço mínimo

de 1.500 escudos. No entanto, o valor médio das acções vendidas situou-se nos 1.764\$80 o que permitiu à empresa recolher capitais de 529 mil contos para expandir o hotel. A Hotelagos prevê ver as suas acções admi-tidas à cotação, na Bolsa de Lisboa, em Agosto.

Em contrapartida, as 250 mil acções das Carnes Nobre, correspondentes a 25 por cento do capital social, foram vendidas em meia hora e os últimos lotes, num total de 38.600 acções, comprados ao preço de rateio de 2.800 escudos cada acção. O preço base era de 2.450.

Nesta operação, o valor máximo atingido foi de 4.250 escudos e o preço médio das acções transaccionadas fixou-se em 2.971 escudos, o que proporcionou à empresa um encaixe de quase 743 mil contos.

Quanto às duas subscreções, ontem também lançadas nos bancos, estava previsto durarem até quarta-feira mas esgotaram-se logo no primeiro dia.

A Sociedade Portuguesa de Seguros emitiu 180 mil acções no valor nominal de 2.500 escudos correspondentes ao aumento de capital social de 750 mil para 1,2 milhões de contos. A Terner, uma sociedade de exploração de terminais, procedeu à subscrição pública de 170 mil acções de valor nominal de mil escudos e ao preço unitário de 1.600. Com esta recolha de fundos a empresa aumenta o seu capital social de 400 mil para 650 mil contos.

Quer a Sociedade Portuguesa de Seguros quer a Terner solicitaram a admissão das acções à cotação nas Bolsas de Lisboa e Porto.

Empréstimo de 35 milhões refinancia dívida da CNP

A Companhia Nacional de Petroquímica (CNP) assina hoje em Londres o acordo para a concessão de um empréstimo de 250 milhões de dólares (cerca de 35,5 milhões de conto).

O empréstimo, destinado a refinar outras dívidas da companhia, tem um período de oito anos sendo os primeiros cinco de carência.

O acordo tem uma taxa de juro de referência no mercado londrino (Libor), acrescido de uma taxa de 0,125 por cento nos primeiros quatro anos, e mais 0,15 por cento nos últimos quatro.

Os «Lead-Managers» neste acordo, organizado pelo Bank of América e pelo Manufacturer's Hanover, são o Banco Totta e Açores, o Bank of Tokyo, Commerzbank, DKB, IBJ e Taiyo Kobe, para um total de 17 bancos credores.

Entrepasto Industrial: trabalhadores contra despedimentos

A Comissão de Trabalhadores do Entrepasto Industrial, em Setúbal, acusou ontem o administrador da empresa, Dias da Cunha, de ter assumido uma posição «hipócrita» no tempo de antena do PS protestando contra os despedimentos na região.

«Ele próprio quer despedir 300 trabalhadores da sua empresa», acusou Alberto Garcia da Comissão de Trabalhadores.

Os órgãos representativos dos trabalhadores do Entrepasto Industrial manifestaram-se em conferência de Imprensa, na sede do Sindicato dos Rodoviários do Sul, contra os 300 despedimentos que desde Abril a administração do Entrepasto pretende fazer com a finalidade de encerrar o sector da metalomecânica da empresa.

No Entrepasto há dois meses de salários em atraso e a empresa somente está a laborar no sector do frio, com cerca de 300 trabalhadores.

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS



CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	47\$25	53\$25
ALEMANHA FED. (marco)	77\$40	78\$60
ÁUSTRIA (xelim)	11\$00	11\$20
BÉLGICA (franco)	3\$536	3\$786
BRASIL (cruzado)	2\$100	3\$600
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	107\$60	110\$50
(notas de 5 a 1000)	108\$10	110\$60
DINAMARCA (coroa)	20\$40	20\$80
ESPAÑA (peseta)	1\$101	1\$221
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	143\$80	147\$30
(notas de 5 a 1000)	144\$30	147\$80
FINLÂNDIA (marka)	31\$95	32\$55
FRANÇA (franco)	23\$25	23\$95
HOLANDA (florim)	68\$70	69\$80
IRLANDA (libra)	208\$50	212\$50
ITÁLIA (lira)	\$097	\$112
JAPÃO (iene)	\$913	\$968
NORUEGA (coroa)	21\$00	21\$50
REINO UNIDO (libra)	230\$70	235\$20
SUÉCIA (coroa)	22\$20	22\$70
SUÍÇA (franco)	93\$40	94\$90
VENEZUELA (bolívar)	4\$40	5\$40

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Saldo comercial da Alemanha dá indícios de baixa

O excedente comercial alemão federal diminuiu 16 por cento em Junho deste ano em relação a Junho de 1986 para se estabelecer em 8.300 milhões de marcos — anunciou hoje em comunicado o gabinete federal de estatística.

Apesar desta diminuição o

excedente atingiu um nível recorde no conjunto do primeiro semestre de 1987, atingindo 55.500 milhões de marcos, uma subida de 9,4 por cento em relação aos 50.700 milhões do primeiro semestre de 1986.

A RFA realizara já em 1986 o

maior excedente comercial da sua história com 112 mil milhões de marcos para todo o ano.

As importações totalizaram em Junho de 1986, e as exportações ascenderam a 42,0 mil milhões de marcos, uma diminuição de 5,2 por cento.

7,6 por cento a partir de sábado

Portagens mais caras nas auto-estradas

A partir do próximo sábado (1 de Agosto), as taxas de portagem das auto-estradas concessionadas pela Brisa serão aumentadas, em média, 7,6 por cento, anunciou ontem a empresa.

A Brisa, Auto-Estradas de Portugal, explicou que se trata da actualização das taxas em vigor desde 1 de Agosto de 1986, a qual resultou da «aplicação directa dos meios legais previstos no contrato de concessão vigente».

Salienta que o aumento médio das taxas (7,6 por cento) é inferior à taxa de inflação verificada no período (Agosto-86/Agosto-87).

São as seguintes, em escudos, as taxas de portagem em vigor a partir do próximo sábado, comparadas com as actuais:

CLASSES	1	2	3	4
Lisboa/V. Franca de Xira	70 (65)	120 (110)	155 (140)	170 (155)
Alverca/V.F. de Xira	70 (65)	120 (110)	155 (140)	170 (155)
V.F. de Xira/Carregado	40 (40)	70 (65)	95 (85)	105 (95)
Carregado/Aveiras Cima	70 (65)	120 (110)	155 (140)	170 (155)
Condeixa/Coimbra	70 (65)	120 (110)	160 (160)	215 (215)
Coimbra/Mealhada	55 (50)	95 (90)	125 (115)	135 (130)
Albergaria/Estarreja	55 (50)	95 (90)	125 (115)	135 (125)
Estarreja/Feira	80 (75)	145 (130)	185 (170)	205 (190)
Feira/Carvalhos	95 (90)	170 (155)	215 (200)	240 (220)
Foguetinho/Coima	55 (50)	95 (90)	125 (115)	135 (125)
Coima/Palmela	55 (50)	95 (90)	125 (115)	135 (125)

Antas: Ivic no comando

Embora apenas no sábado principiem os treinos dos campeões europeus, a verdade é que o técnico sucessor de Artur Jorge (o jugoslavo Tomislav Ivic) já se encontra no Porto e, em declarações ao nosso colega «O Jogo», adiantou o primeiro comentário:

— O FC Porto joga de maneira diferente de quase todas as equipas europeias. Defende em zona e não em linha, como é corrente ver-se por todo o continente, mas entendo que deverá fazê-lo mais próximo da área adversária. E joga bonito, em técnica, em todo o campo, subindo como um bloco, quando normalmente se vê as equipas jogarem em profundidade.

E adianta:

— Vou manter a defesa à zona, mas defendendo mais no campo adversário.

Entretanto, vários jogadores portistas anteciparam os testes médicos: Gomes, Lima Pereira, Eduardo Luís, Eurico, Domingos, Rui Barros, Bandeirinha, Inácio e, ainda, Rui Neves (ex-Estarreja) e Barriga (ex-Paços de Ferreira).

Salesianos ciclistas em Madrid

Os dez jovens portugueses que pretendem fazer o percurso Lisboa-Amsterdão em bicicleta, para chamar a atenção dos deficientes portugueses, passaram em Madrid, onde foram recebidos na Câmara Municipal e Embaixada de Portugal. Os dez jovens (alunos das Oficinas de São José, em Lisboa) que são acompanhados por um professor salesiano holandês, saíram de Lisboa no dia 18 e pretendem chegar a Amsterdão no dia 22 de Agosto.

O objectivo destes ciclistas é o de chamar a atenção e conseguir fundos para o atendimento dos deficientes. A comitiva reinicia hoje o percurso.

Brasil: justiça interfere no futebol

A Justiça ordinária do Rio de Janeiro anulou uma sentença do Tribunal Desportivo, que condenava o Fluminense a perder cinco pontos por utilizar indevidamente um jogador na 3.ª fase do campeonato carioca de futebol, Alexandre Macedo (director do Fluminense) anunciou que um juiz do Rio de Janeiro ratificou o direito do clube utilizar o seu defesa Eduardo nos jogos da 3.ª fase do campeonato estadual, que começou no dia 18. Eduardo fora punido pelo Tribunal de Justiça Desportiva (do Rio de Janeiro) com três meses de suspensão, por ter agredido um fiscal de linha durante um jogo particular realizado em Junho. O Fluminense recorreu para a Justiça ordinária, que anulou o castigo ao futebolista, utilizado pelo clube nos dois primeiros jogos desta fase do campeonato, frente ao Bangü e ao Vasco da Gama. No início da semana passada, o Bangü protestou pela utilização de Eduardo: e o Fluminense foi castigado com a perda de cinco pontos, decisão agora anulada.

O Fluminense, que joga hoje com o Flamengo, pode ser o vencedor da 3.ª fase e ganhar (inclusive) o título carioca: e, posteriormente, perder tudo nos tribunais, o que provocaria a repetição da fase final do torneio.

A luta pela presidência da Confederação Brasileira de Futebol entre o vice-presidente, Nabi Abi Chedid, e Ricardo Teixeira (genro do presidente da FIFA), é a causa da crise no futebol brasileiro, disse o «Folha de São Paulo».

Um dos juniores dispensados pelo Benfica

Pedro Borges parece interessar ao Estoril



Pedro Borges («Pita»), um dos juniores dispensados pelo Benfica, parece estar nos planos do Estoril Praia, para a época que se avizinha.

Treinado por Ângelo (nas duas últimas épocas) Pedro Borges, um «libero» com 1,89 de altura e óptima compleição física, que uma lesão afastou alguns meses dos relvados, vive na Dmaia (em cuja equipa de juvenis iniciou a sua carreira), não sendo pois de admirar que dada a proximidade da sua residência possa também vir a ingressar no Amadora, dado que sendo aluno do 12.º ano não lhe interesse um clube longe de Lisboa, de onde já têm surgido alguns convites.

RIO AVE: PARA JÁ OITO BRASILEIROS

O Rio Ave, que garantiu a permanência na 1.ª divisão (ao ganhar o Torneio de Competência) apresentou o seu «plantel», que integra oito futebolistas brasileiros. O comando técnico da equipa sénior pertence igualmente a um brasileiro (Mário Jualiato) que não esteve presente por se encontrar no Brasil para fazer mais uma ou duas aquisições.

O «plantel» do Rio Ave conta com 23 jogadores, mas está prevista a aquisição de mais dois jogadores brasileiros se fracassarem as hipóteses de comprar um jogador português. Os dirigentes do Rio Ave afirmaram ser preocupação dos vila-condenses acabar com os problemas e prometeram dar o seu apoio para o clube não voltar a passar por situações de aflição.

A direcção do Rio Ave prescindiu de alguns jogadores influentes (como Chico Faria e Juanico, que ingressaram no Belenenses) e de Carvalho (agora no Espinho) e Moreira de Sá (contratado pelo Felgueiras). Outros dois (Santos e Sérgio) saíram do Rio Ave mas ainda não têm clube.

O «plantel» para a próxima época é o seguinte:

- Guarda-redes: Figueiredo, Paulino, Pimenta (ex-América) e Maravalhas (ex-Águeda)
- Defesas: Santana, Antero, Chico Zé, Nando, José Augusto, Paulo César e Edson (ex-Náutico).
- Centro-campistas: Marinho, Hernâni, Bragança, Carlos Manuel, Lourival (ex-Guarani) e Dema (ex-Santos).
- Avançados: Álvaro, Jaime Graça, Virgílio, Paulinho, Jairo (ex-Olaria), Isaias (ex-Remo de Pará) e Carrasco (ex-Elvas).

Costa da Caparica: escalada inédita

Está de parabéns o Grupo Desportivo dos Pescadores da Costa da Caparica, que pela primeira vez no seu historial vai disputar o campeonato secundário do futebol português, onde integrará a Zona Sul. Continuam no clube os seguintes jogadores: Cabrita, Grazina, Ricardo e Rafael, defesas; Arnaldo, médio; Gustavo, avançado. Reforçam a equipa: Ramalho (ex-Olivais e Moscavide) e Mário Rui (ex-Atlético), ambos guarda-redes; Vasques (ex-Olivais e Moscavide), Ma-

nuel (ex-Vialonga), Silva (ex-Amora) e João António (ex-Torreense), defesas; Jorge Abreu (ex-Belenenses), Araújo (ex-Quimigal), Bé (ex-Vitória de Lisboa) e António Pedro (ex-Amora), médios; Venâncio (ex-Belenenses), Fortes (ex-Amora), Edel (ex-Sacavenense), Cardoso (ex-Viseu e Benfica), avançados. Foram promovidos a seniores Edgar, Júlio, Inácio, Évora, Alvazim, Cabé e José Ricardo. Saíram do clube: Botelho (Seixal), João Maria (Sesimbra), Paulo Balbino (Cova da Piedade), Paulo Vilar (Juventude e Évora), Peixinho e Gabriel (ambos para o Sacavenense), Nelo (Seixal), Vítor Jesus (Águeda), Brito (Cova da Piedade), Rocha (Marinhais), Eugénio, Paulo José, Maradona, Avelar e Adriano. Como treinador continuará Luís Mira, que levou os Pescadores do «Distrital» de Setúbal ao escalão secundário em apenas duas épocas. O departamento de futebol sénior é chefiado por José Barros, a equipa médica é constituída pelo dr. Mário Rocha e pelo massagista Armando Gonçalves. O plantel dos caparicanos está orçamentado em 1200 contos mensais.

Alverca: «plantel»

O Futebol Clube de Alverca acaba de anunciar a formação do seu «plantel» futebolístico. Treinador principal: Romeu Oliveira; treinador adjunto: José Manuel; médico: dr. João Prata; massagista principal: Amadeu; massagista adjunto: Sanona; departamento de futebol: Albino Grilo e Adelino Francisco. Jogadores (renovações): José Luís, Trincalhetas, Marinho I, Marinho II, Orge, Paulo Cária, Ribeiro, Romana, Galaricha, Moniz, Raul, Jorge Humberto e Vaz. Aquisições: Edgar (ex-Fanhões), Luís Aldeia, Nascimento, Murtinheira, Lobo, João Luís (ex-Samora), Sousa, Serafim (ex-Vialonga), Paulo Rato (ex-Monte Agrado) e Tónota (ex-Santa Iria). Juniores promovidos: Luís Santos, Costa Pereira, José Fernando, Mário Rui e Eduardo Romana. Coordenador do futebol juvenil: António Estêvão. Técnicos: António Estêvão (juniores), prof. Rufino (juvenis), José Bento e Carlos Chorão (iniciados).

Amora na dúvida faz apetrechamento

O Amora está na encruzilha-



Muito asisadamente, o Sporting escolheu as magníficas instalações do Instituto Nacional dos Desportos (em Lamego) para o seu estágio.

da: irá jogar no 2.º escalão ou permanecerá na série F da divisão 3? De qualquer modo, após garantir a continuidade da dupla técnica constituída por Francisco Mário (treinador) e Francisco Santos (preparador físico), a direcção contratou os seguintes jogadores: Mário Rui, Arnaldo Silva e Jorge Duarte (ex-Seixal), Rui Cardante (ex-Almada), Adrião (ex-Sesimbra), Augusto (ex-Juventude de Évora), Cabé (ex-Estrela da Amadora), Carlos Vicente (ex-União da Madeira) e Inaldo (brasileiro que regressa ao clube). O Amora contará ainda com alguns jogadores a dispensar pelo Boavista, dentro do acordo de transferência do brasileiro Márcio para os «axadrezados».

Renovaram o contrato por mais uma temporada os jogadores Manuel, Babalito, Tô-Zé, Pascoal, Sarmento, Carlos Henriques, Descalço e Guerreiro. O guarda-redes júnior Nuno Russo subiu a sénior. Em relação a saídas, são já conhecidas a de Gaião (Cova da Piedade), Ferreira (Amarante), Vieira (Benfica de Castelo Branco), Fortes, António Pedro e Silva (todos para o Costa de Caparica), Brandão (Atlético do Cacém), Cícero (União de Santarém), Paquito, Agostinho e Hélder. O Amora faz a apresentação do seu plantel no próximo sábado, às 9 e 30, no Campo da Medideira.

Benfica «pesca» na Jugoslávia

Os dirigentes benfiquistas dr. Marcel de Almeida e José Gomes Machado encontram-se na Jugoslávia, provavelmente para concluírem a contratação de um ponta-de-lança, que o técnico Ebbe recomendou para a Luz.

Sporting tenta Cascavel

Confirma-se o interesse do Sporting no recrutamento (urgente) de um «fazedor de golos», dada a súbita abdicação de Manuel Fernandes e o esperado adeus de Raphael Meade. Nome mais cobiçado em Alvalade: o do vimaranense Paulinho Cascavel. «É tudo uma questão de dinheiro em cima da mesa!» — deve retorquir o dr. Pimenta Machado, presidente do Vitória minhoto.

Futebol de Salão em assembleia

Foi convocada para as 19 horas na Rua Cais de Santarém, 32, 2º (em Lisboa) a assembleia geral ordinária de Associação de Futebol de Salão de Lisboa que, entre outrestes, vai designar um representante efectivo e outro suplente para outorgarem a escritura pública de constituição da Federação Portuguesa de Futebol de Salão. É também apresentado a discussão e votação o Relatório e Contas do exercício de 1986 e, uito provavelmente, nomeada uma Comissão de Gestão para a Associação lisboeta. A convocatória da assembleia tem assinatura do Centro Paroquial de Caxias, Desportiv Asteróides e Grupo Desportivo do Páteo Alfacinha.

Entretanto, os funcionários da Associação de Futebol de Salão de Lisboa (Ana Paula Castro Ramos, José Jorge dos Santos Tavares e Paulo Alexandre da Silva Varela) tomaram público um comunicado (também visado pelo secretário da direcção, Fernando Louro) «alegando que até à data nunca abandonaram o local de trabalho, continuando a cumprir o horário estipulado».

Futre nos maiores do mundo

● Maradona: 23 mil contos por um jogo talvez não o convençam...

Paulo Futre será o único jogador português a integrar a selecção do Resto do Mundo, que no dia 8 de Agosto defronta (no Estádio de Wembley, em Londres) a selecção da Inglaterra. O encontro integra-se nas comemorações do 100.º aniversário da Liga Inglesa de Futebol.

O seleccionador da equipa do Resto do Mundo é o inglês Terry Venables (treinador do Barcelona, de Espanha) e o único jogador que ainda não confirmou a sua disponibilidade para integrar o conjunto é o argentino Diego Maradona, a quem foram oferecidas 100 mil libras (23 mil contos) para jogar em Wembley. Os jogadores seleccionados para a equipa do Resto do Mundo são:

- **Guarda-redes:** Dassaev (Spartak Moscovo) e Zubizaretta (Barcelona)
- **Defesas:** Josimar (Botafogo), Celso (Porto Alegre), Júlio Alberto (Barcelona), Berthold (Verona) e Butcher (Glasgow Rangers).
- **Médios:** Hysen (Florentina), Platini (Juventus), Zavarov (Dinamo Kiev), Bagni (Nápoles) e Detari (Eintracht Frankfurt).
- **Avançados:** Futre (Atlético de Madrid), Belanov (Dinamo Kiev), Elkjaer-Larsen (Verona) e Maradona (Nápoles).

TÊNIS: ANO DE CONSAGRAÇÃO DOS JOVENS LOBOS

O ano de 1987 tem vindo a assistir à renovação da idolatria do ténis mundial. Estarão os heróis cansados? Não! Ivan Lendl demonstrou-o em finais do ano passado, ao esmagar peremptoriamente o jovem alemão-federal Boris Becker, na final do Torneio dos Mestres, no momento em que este mais ameaçava o seu título de campeão do Mundo. Ainda muito temos a esperar dos grandes senhores do ténis. No entanto, isso não invalida o facto de estes «jovens lobos», que vêm desde há dois anos para cá, lenta mas seguramente, consolidando as suas posições, terem escolhido presente época para o assalto final aos chefes da matilha.

Muito se tem talado, nestes últimos anos, do avanço qualitativo que o ténis feminino apresenta hoje em dia e que se vem reflectindo no aumento de espectadores, bastas vezes superiores em número ao registado em encontros de jogadores masculinos.

A esta situação não terá sido alheia a espectacularidade dos jogos que opõem as duas maiores rivais de todos os tempos. Estamos, obviamente, a referirmo-nos a Martina Navratilova e a Chris Evert, as duas senhoras a quem o ténis feminino muito deve. Mas a idade não perdoa e os 31 e 32 anos (respectivamente) coeçam a fazer-se sentir. Mais tarde ou mais cedo teriam de enfrentar a nova geração que despontara na época anterior e já hoje desafia a sua supremacia. A

ex-cheica (naturalizada norte-americana) Navratilova, apesar de manter-se na liderança do «top» mundial, só obteve a sua primeira vitória nos inícios deste mês, no sempre gratificante «court» central de Wimbledon. É certo que temos de levar em conta a ruptura que a jogadora teve com Mike Estep, seu treinador desde 1982 o que, com certeza, afectou a sua conhecida frágil capacidade psicológica. Mas isso não explica tudo. Será também coincidência a queda de Evert? Pela primeira vez em dez anos, a jogadora arrisca-se a não vencer nenhum título do «Grande Slam». Não comparando na Austrália, derrotada nas meias-finais de Roland Garros e Wimbledon, parece remota a hipótese de vitória em Flushing Medow, num ano em que ainda

só angariou os títulos de Huston e Tampa. E não nos parece que o divórcio de John Loyd constitua a mais plausível das causas.

A verdade é que, apesar da concorrência que Hana Mandlikova (títular do «open» australiano) tem mantido com estas duas jogadoras, o maior perigo chegou esta época sob o nome de Steffi Graf. A jovem alemã-federal (de 18 anos, aabados de fazer) que ameaçara em 1986 ao atingir a final do «open» dos Estados Unidos, tem sido a protagonista desta temporada, vencendo em Boca Raton, Key Biscayne, Amélia Island, Hilton Head, Berlim, Roma e ROLAND Garros, antes de ser derrotada por Navratilova na final de Wimbledon. Mesmo que não seja nesta época, não faltará muito para que se afirme como a «número um» mundial.

A argentina Gabriela Sabatini, de 17 primaveras, também famosa pela sa beleza, é comumente apontada como a futura rival de Graf, mas para tal terá de versatilizar o seu jogo, baseado unicamente no «lift» do fundo do «court», o que não é de facto um estilo para todas as superfícies.

No sector masculino, a renovação processa-se mais lentamente, uma vez que os velhos «leões» como Connors (de 34 anos) persistem no topo da tabela. O campeão do Mundo, o checoslovaco Ivan Lendl, ainda não atingiu o máximo das suas possibilidades, mantendo a aspiração de um dia erguer o troféu no central do lendário «All England». Aos 23 anos, o sueco Wilander é já um «veterano» do circuito e, apesar de tecnicamente forte, parece contentar-se com a 2.ª ou 3.ª posições, preferindo uma boa partida de golfe ou um passeio com a mulher.

Afastado definitivamente da liderança neste ano, parece estar o controverso McEnroe. Finalista em Philadelphia e Dallas, o norte-americano perdeu na primeira ronda em Paris e não participou em Wimbledon, devido a uma

lesão. Mais uma vez parece estar comprovada a tese de que «número um» mundial não combina com casamento. Será Tatum a sua perda? Seja com for, espera-se o seu regresso. Talento não lhe falta e o ter acedido a representar os EUA na Taça Davis é já um bom prenúncio.

Os pretendentes ao trono, que eram liderados pelo ex-bicampeão de Wimbledon (Boris Becker) bem secundado pelo sueco Edberg (bicampeão do «open» australiano), assistiram em Londres à consagração de uma nova «estrela»: o australiano Pat Cash. Ex-campeão mundial de juniores, «líder» da selecção do seu país (levando-o à vitória na Taça Davis, em 1984 e 1986) Cash já demonstrara as suas pontualidades ao atingir as meias-finais de Wimbledon e Flushing Medow, em 1985. Afastado

dos campos o ano passado (por uma lesão) regressaria em força, perdendo a final do «open» do seu país, em cinco partidas. A derrota, logo na primeira ronda de Roland Garros, pôs apenas a descoberto o «calcanhar de Aquiles» que é a terra batida. As meias-finais do Queens seriam o prenúncio da consagração final, em Wimbledon.

Becker, Edberg e Cash significam o retorno do jogo puramente ofensivo, em detrimento do ténis de percentagem, tão a gosto de um tal Bjorn Borg, que pertence já ao passado. Ultrapassadas que estão as temporadas de terra batida e de relva, esperemos o que nos reserva a do chamado piso rápido.

Assunção Ribeiro

Máximos

Natação: recorde do mundo

A norte-americana Janet Evans estabeleceu novo recorde mundial dos 800 metros livres femininos, na 1.ª jornada dos campeonatos de natação dos Estados Unidos, que se iniciaram ontem, em Clo-

vis (Califórnia). Evans (15 anos) percorreu a distância em 8 minutos e 22,44 segundos, destruindo o recorde do mundo mais antigo na natação feminina, e que pertencia desde 5 de Agosto de 1978 à australiana Tracey Wickman, com 8.24,62 minutos, marca obtida em Edmonton, (Canadá) durante os Jogos da Comunidade Britânica.

Lisboa-Madrid Madrid-Lisboa Novo serviço Auto - Espresso

(De 4 de Junho a 21 de Setembro)



Grandes descontos nos Dias Verdes



Informe-se na sua agência de viagens ou na estação mais próxima

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA

3.ª PRODUÇÃO
ÉPOCA 86/87

3.ª a sábado
às 21.30

Últimos Dias
Até 6.ª feira

sub. S.E.C.

“OS DOIS CORCUNDAS E A LUA”

■ texto
RICHARD DEMARCY

■ encenação
JOÃO MOTA

■ musica
DOMINGOS MORAIS e J. PEDRO CAIADO

CURTA SÉRIE DE ESPECTÁCULOS / ATÉ FIM DE JULHO

PR. ESPANHA - T. 726 08 18

8.º JUÍZO DA COMARCA DE LISBOA

ANÚNCIO

ACÇÃO ESPECIAL DE DESPEJO N.º 4912 DA 3.ª SECÇÃO
AUTORES. ANTONIO LOPES FERNANDES e mulher MARIA AMÉLIA RIBEIRO LEITÃO FERNANDES.
RÉUS: MANUEL DA COSTA SILVA e mulher MARIA SILVA, com última residência conhecida no Largo da Igreja, n.º 4-1/c-Dt.º DAMAIA
CITAM-SE OS RÉUS acima indicados para comparecerem pessoalmente neste Tribunal, no dia 22 de Outubro de 1987, pelas 14 horas a fim de se realizar uma tentativa de conciliação das partes ou fazerem-se representar por mandatário com poderes especiais para este acto.
CITAM-SE AINDA OS RÉUS, para no prazo de DEZ DIAS, findos o prazo de dilatação, a contar da segunda e última publicação deste anúncio e da data da tentativa de conciliação, contestarem, querendo, o pedido formulado pelos Autores, de condenação na resolução de contrato de arrendamento, a despejar imediatamente a cave do n.º 14 sito na Praceta Francisco Lázaro na Reboleira - Amadora e ainda pagar as rendas vincendas, nas custas e procuradoria, isto se a tentativa de conciliação não vier a realizar-se ou ainda se se frustrar, sob pena de serem condenados no pedido.

Lisboa, 20 de Julho de 1987

O JUIZ DE DIREITO,
Jorge dos Santos
A ESCRIVÃ ADJUNTA,
Luísa Vaz Pinto

DL - 28/7/87 - 2.ª Pub

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

9.º JUÍZO

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm editos de trinta dias, que começarão a contar-se da 2.ª e última publicação do anúncio, citando os réus para no prazo de dez dias, findo o prazo dos editos, deduzir oposição, pagar ao Exequente a quantia de 6 541 289\$00 e juros, ou nomear bens à penhora nos referidos Autos abaixo identificados, sob pena de se devolver ao Exequente o direito de nomeação de bens à penhora. Tudo conforme melhor consta do duplicado da petição inicial que fica nesta Secção à disposição do Executado.

Execução: Ordinária n.º 4631
Exequente: Banco Fonsecas & Burnay
Executado: Custódio C. das Neves Ld.ª e Carlos Jorge Martins Neves Moreira, com última residência conhecida na Rua João de Deus n.º 4-4.º M. Restelo Lisboa.

Lisboa, 16 de Junho de 1987

O Juiz de Direito
a) Baeta de Queirós
O Escrivão de Direito
a) Marques da Silva

DL - 1.ª pub - 28/7/87

Processo n.º 8904 1.ª Secção 8.º Juízo

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

8.º JUÍZO

ANÚNCIO

Faz-se saber que por este Juízo e primeira secção, nos autos de EXECUÇÃO ORDINÁRIA n.º 8904, em que são EXEQUENTE - BANCO FONSECAS & BURNAY, EP e EXECUTADOS - JOÃO JOSÉ TORRES AHRENS TEIXEIRA ausente em parte incerta e com último domicílio conhecido na Av.º Gonçalo Velho Cabral, 10-2.º B, em Cascais e Outros.
Correm editos de TRINTA dias contados da data da 2.ª e última publicação do anúncio, citando o executado acima identificado, para, no prazo de DEZ DIAS, findo o dos editos, deduzir oposição à execução, pagar à exequente 549 536\$00 e juros acrescidos, bem como custas legais, ou nomear bens à penhora, sob a pena de tal direito ser devolvido à exequente, tudo como melhor consta da petição inicial cujo duplicado se encontra à disposição do citado neste tribunal.

Lisboa, 2 de Julho de 1987

O Juiz de Direito
a) João Manuel da Cruz

O Escrivão de Direito
a) José Maria Simões

DL - 1.ª pub - 28/7/87

MARÍTIMO VEIO APRESENTAR "PLANTEL"

No novo Restaurante Madeirense (mais uma iniciativa de Manuel Fernandes, desta feita no Centro Comercial Libersil, Avenida da Liberdade, em Lisboa) o Marítimo promoveu um almoço-convívio com a Comunicação Social, para apresentação do seu «plantel» e divulgação do programa de trabalhos antes do campeonato.

«O Marítimo sai daqui com vontade de fazer mais e melhor pelo desporto português», disse António Henriques (presidente do clube) acrescentando que «a Madeira, e especialmente o Marítimo, não têm razão de queixa

da Comunicação Social».

Depois de manifestar a sua satisfação pelo número de órgãos de Comunicação Social presentes à apresentação da equipa, António Henriques frisou: «Só espero que o Marítimo não vos decepcione, pois mesmo aqui, no continente, há sempre uma esperança de que o Marítimo se implante mais no espaço nacional». Dirigindo-se aos jogadores, o presidente do clube madeirense desejou-lhes «as maiores felicidades para a época que se avizinha».

O técnico Manuel de Oliveira disse estar «encantado com a

equipa e todos os jogadores», sublinhando que os reforços «eram as minhas aquisições: e, por isso, também nesse capítulo estou satisfeito».

Dois novos jogadores brasileiros chegam no dia 5 para o Marítimo: Vadinho e Everton (ambos da equipa do Noroeste) estando a decorrer ainda negociações para três novas aquisições (um defesa-central português, um médio e um avançado brasileiros). «O Marítimo vai jogar, esta época, para uma posição que o coloque nos seis primeiros lugares da classificação», sublinhou Manuel de Oliveira, frisando o

forte apoio que a direcção funchalense dá à equipa de futebol. Referindo-se ao Nacional da Madeira, o técnico Manuel de Oliveira disse que o clube «está este ano a apostar bem, e é o grande favorito a ganhar esta época na Zona Sul do nacional da 2.ª divisão».

O Marítimo, que começou a sua preparação no dia 16, deslocou-se ao Norte do País para uma série de jogos durante 15 dias, para regressar (dia 11) à Madeira, onde antes do início do campeonato vai participar no Torneio Autonomia. A equipa madeirense vai disputar o Torneio

de Fafe, descansa um dia e, depois, realiza dois jogos do Torneio do Mar (em Matosinhos, dias 8 e 9), antes de seguir para a sua ilha, onde juntamente com o Nacionl, o União e o campeão da Venezuela (o Marítimo) vai disputar o Torneio Autonomia.

Eis o «plantel» do Marítimo: **Guarda-redes:** Everton (ex-Noroeste de S. Paulo, três épocas); Tozé (ex-Olhansen, uma época) e Amândio (continua por mais duas épocas).

Defesas: Matos (mais duas épocas); Ricardo Aguiar (ex-Nacional, duas épocas); Oliveira

(ex-Benfica, duas épocas); Teixeira (uma época); Amaldo Carvalho (uma época) e Andrade (ex-Olhansen, duas épocas).

Médios: Artur Semedo, Bobó, Marquinhos, Osvaldo e João Luís (continua por mais duas épocas); Vadinho (ex-Noroeste de S. Paulo, três épocas) e José Luís (ex-Benfica, duas épocas).

Avançados: Collin Hill (mais duas épocas), Paulo Ricardo e João Paulo (continua por mais duas épocas); Jorge Silva (ex-Chaves, duas épocas) e Carlos Duarte (ex-União da Madeira, duas épocas).

Alexandre Yokochi: homenagem oficial

A Direcção-Geral do Ensino Superior promoveu hoje um almoço de homenagem a Alexandre Yokochi e à delegação portuguesa à Universiada-87, que atingiu resultados meritórios. O almoço, que é presidido pelo director-geral do Ensino Superior (professor Clemente Pedro Nunes), teve lugar no Restaurante Caleidoscópio, em Lisboa.

O nadador Alexandre Yokochi obteve a medalha de ouro (na prova de 200 metros/braços). Ainda em natação há a salientar os resultados das nadadoras Alexandra Nogueira (7.º lugar na classificação geral, na prova de 400 metros/braços) e de Helena Barros (que ficou em 11.º lugar na tabela geral, na prova de 200 metros/estilos).

Em ginástica, desportiva sobressaiu a actuação de Paula Barata, que atingiu média de nove, com um total de 31 150 pontos nos quatro aparelhos. Por sua vez, a equipa de remo ganhou a final B e ficou em 7.º lugar final. Em atletismo, José Luís Leitão participou na final A de triplo-salto, ficando em 7.º lugar, e António Abrantes participou na semifinal de 400 metros.

A delegação portuguesa deste ano alcançou os melhores resultados de sempre nas Universiadas (os maiores jogos mundiais universitários, que contam com a participação de atletas de todo o mundo). Este ano, estiveram representados 120 países, com um total de sete mil atletas.

Golfe: saliência lusa

A equipa portuguesa classificou-se em 1.º lugar (individual e colectividade) na fase de qualificação do torneio octogonal de golfe da Bélgica, na modalidade de «match-play», a decorrer no campo do clube de Rigenée, perto de Bruxelas. Após as duas voltas de qualificação, Portugal foi o 1.º classificado por equipas, seguido da Holanda, Bélgica, Suíça, Grécia, Luxemburgo e Checoslováquia, não tendo comparecido a selecção da Áustria.

Individualmente, Daniel Silva voltou a ser o melhor jogador português, obtendo o lugar de honra da classificação, com 146 pancadas (72-74), duas acima do par do campo. O segundo classificado na qualificação foi Ricardo Oliveira, que totalizou 154 pancadas (76-78). Carlos Alves fez 165 (83-82) e Miguel Nunes Pedro 168 (86-82) pancadas.

A equipa portuguesa, que descansa hoje, ficou apurada para as meias-finais, a disputar amanhã com o vencedor do Suíça-Grécia.

Colectividades

Clube Atlético e Cultural da Pontinha

Em consequência dos notáveis esforços que têm vindo a ser feitos pelo Clube Atlético e Cultural sediado na Rua Heróis dos Dembos (Pontinha) no desenvolvimento e formação das camadas jovens de futebol, vai aquele clube estar presente no torneio Internacional de Liège, que decorrerá entre 3 e 9 de Agosto próximo.

O torneio será participado por 72 equipas de 56 clubes dos seguintes 18 países: Portugal, Checoslováquia, França, Bélgica, Itália, Finlândia, Irlanda, Espanha, Polónia, Suécia, Inglaterra, Luxemburgo, Bulgária, EUA, Noruega, Holanda, Hungria e Suíça.

E P				
	T. 6 h	Min.	Pre.	Às 13 h.
Bragança	18	17	0,0	P. nub.
V. Castelo	19	17	0,0	P. nub.
Vila Real	19	19	0,0	M. nub.
Porto	22	19	0,0	P. nub.
Coimbra	26	22	0,0	Limp.
C. Carvoeiro	18	18	0,0	Limp.
Portalegre	25	25	0,0	Limp.
C. Branco	22	22	0,0	Bru.
Lisboa	19	19	0,0	Limp.
Évora	22	20	0,0	P. nub.
Beja	20	20	0,0	Limp.
Faro	19	18	0,0	Limp.
Sagres	19	18	0,0	Limp.
P. Delgada	20	18	0,0	Encob.
Funchal	18	18	0,0	Limp.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 35, Porto 32, Faro 31, Ponta Delgada 25, Funchal 25.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

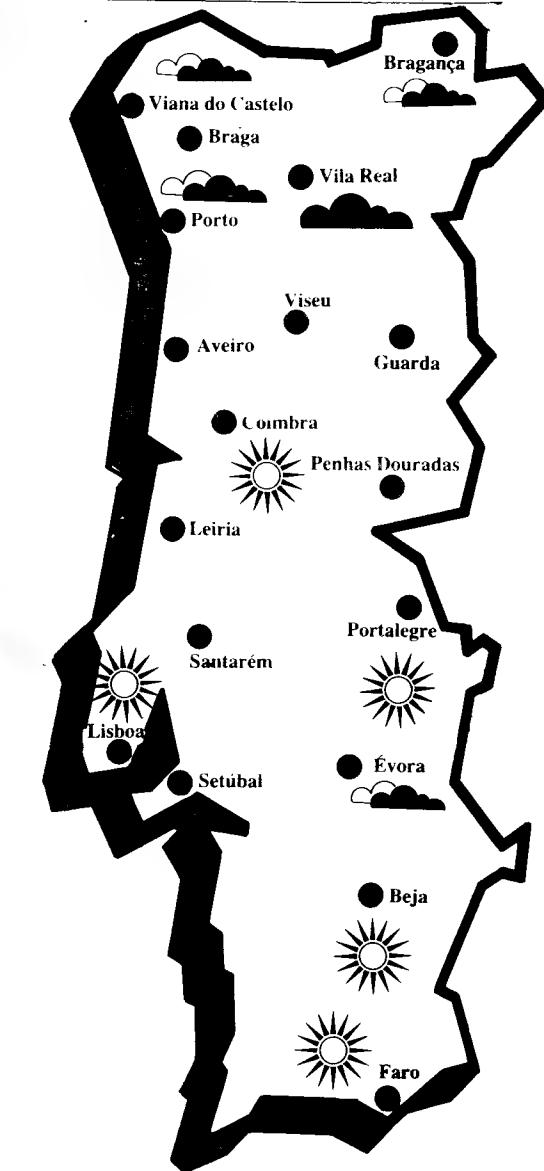
N E				
	T. 7 h	Min.	Às 13 h.	
Madrid	16	15	Limp.	
Londres	14	12	Muito nub.	
Paris	16	15	Muito nub.	
Bruxelas	11	9	Muito nub.	
Amsterdão	14	11	Muito nub.	
Genebra	15	14	Chuva	
Roma	23	18	Muito nub.	
Oslo	13	13	Muito nub.	
Copenhaga	13	10	Muito nub.	
Estocolmo	13	12	Muito nub.	
Berlim	12	11	Aguaceiros	
Viena	15	14	Muito nub.	
Varsóvia	13	12	Chuva	
Atenas	30	28	Limp.	
Moscovo	15	12	Muito nub.	

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

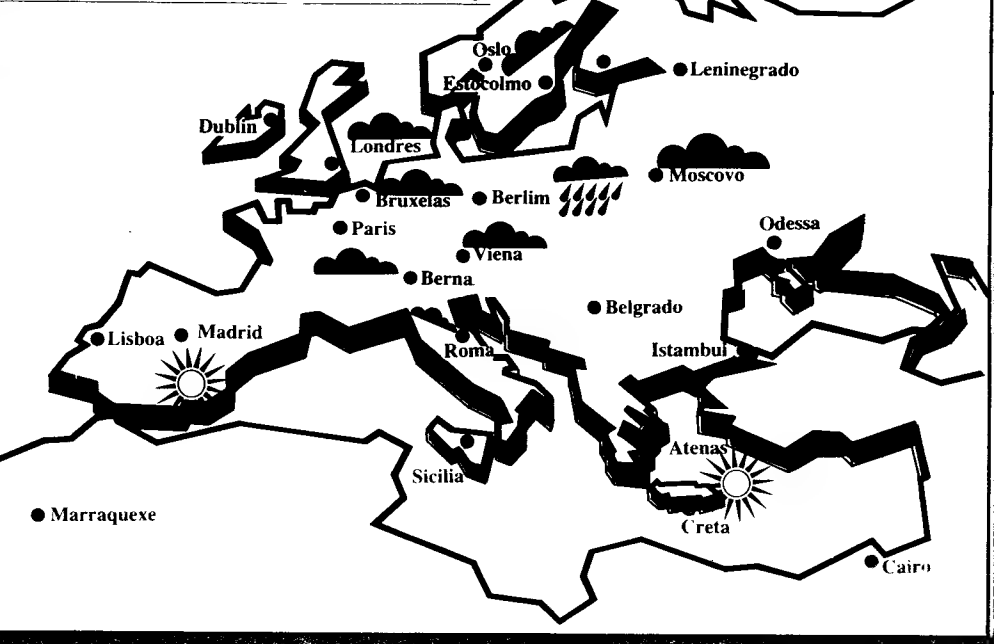
N M				
	Min.	Máx.	Às 13 h.	
Caracas	27	29	Nublado	
Joanesburgo	20	21	Nublado	
Los Angeles	-	-	-	
Montreal	-	-	-	
Nova Deli	-	-	-	
Nova Iorque	26	26	Nublado	
R. de Janeiro	-	-	-	
S. Francisco	-	-	-	
São Paulo	-	-	-	
Tóquio	18	20	Limp.	

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

PORTUGAL AMANHÃ



EUROPA ÀS 6 HORAS



TEMPO

HOJE

No Continente:

Céu pouco nublado ou limpo, apresentando períodos de muito nublado durante a tarde nas regiões do Interior onde há possibilidade de ocorrerem trovoadas. Vento fraco, por vezes moderado, de noroeste durante a tarde no litoral Oeste.

Estado do mar:

Costa Ocidental: Mar encrespado a de pequena vaga. Ondulação de noroeste de um a dois metros.

Costa Sul: Mar encrespado a de pequena vaga. Ondulação de sueste de um a dois metros.

Nos Açores:

Céu com períodos de muito nublado. Vento fraco a bonançoso do quadrante Leste. Aguaceiros fracos.

Estado do mar:

Mar encrespado a de pequena vaga. Ondulação de nordeste de um a dois metros.

Na Madeira:

Céu pouco nublado, apresentando-se com períodos de muito nublado nas encostas voltadas a norte. Vento fraco a moderado de nordeste.

Estado do mar: Mar de pequena vaga. Ondulação de norte de dois metros na costa Norte e ondulação inferior a um metro na costa Sul.

AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco soprando em regime de nortada durante a tarde no litoral Oeste. Pequena descida de temperatura na faixa costeira Ocidental.

DEPOIS

Céu pouco nublado ou limpo, temporariamente muito nublado durante a tarde nas regiões do Interior onde há possibilidade de ocorrência de trovoadas. Vento fraco soprando em regime de nortada no litoral Oeste durante a tarde. nevoeiros durante a madrugada e manhã no litoral Oeste a norte do cabo da Roca.

MARÉS

Hoje

Praia-Mar	Baixa-Mar
5.40 3,6 m	11.01 1,1 m
17.51 3,8 m	23.28 1,1 m

Amanhã

6.11 3,6 m	11.34 1,1 m
18.21 3,8 m	24.01 1,1 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

• Informação da agência Lusa

Uma certa saia vermelha...

«**L**e Jupon Rouge» é o primeiro filme de Geneviève Lefebvre — uma obra difícil e delicada pelo assunto e pelo tratamento, numa história cujo equívoco sentimental e sensual nunca é iludido, nem sofre exploração em termos de moda ouçada. Uma mulher ama outra que passa a amar uma terceira, e não se dá conta da traição que pratica, tal como a primeira só assim a si própria se entende. As duas situações amorosas são de revelação para júbilo, e para a terceira também, que na história entra naturalmente, jovem que é, sem outros amores de comparação.

Na fragilidade da organização dramática, sem acção, ou quase, entre encontros de crise, e um gosto discreto de carne, ou entre telefonemas que se cruzam, numa teia de aflições em que ninguém quer ferir o outro ou a outra — tudo depende da qualidade da interpretação e da confiança que entre as três atrizes se estabeleça. Se a jovem Guillemette Grobon é uma espécie de agente catalisador ou do destino, Alida Valli e Marie-Christine Barrault suportam o peso do drama sinuoso, para ambas inesperado.

A bela Valli de «Senso» envelheceu mal no seu corpo que a idade tornou disforme: só os olhos vivem ainda, com uma abertura de alma, na dor que lhe ficou de muitos anos dramáticos. A sua amiga, pela primeira vez, tem amores com uma mulher e jamais também suspeitara da situação de amizade em que vivia e não quer nem pode perder. Um amor vale sempre mais do que outro, que pode ser apenas índice de revelação do primeiro — inesperado índice de aflição... E se a situação lhe é posta em termos mortais, de deixar uma paixão em que o seu ser secreto se satisfaz quase inocentemente, ela aceita fatalmente a alegria que esse aceitar envolve para a velha amiga — e talvez para ela própria...

Assim, em dolorosas contradições se desenrola este filme, com seus defeitos de hesitação no dizer e no provas o que se quer dizer, na reserva pudica numa história que as morais não podem, finalmente, condenar — primeiro filme feito em meditação, e sem certezas.

J.A. França

"Peste e Sida" gravam primeiro disco

O grupo de rock «Peste e Sida» assinou contrato com uma empresa discográfica para a gravação do seu primeiro disco, um mini-LP, entrando em estúdio ainda este mês — disse a Lusa fonte da empresa discográfica daquele grupo.

O disco, cujo nome ainda não foi definido pelos «Peste e Sida», terá seis temas, um dos quais o «Gingão», dedicado a um bar do Bairro Alto, em Lisboa — acrescentou a mesma fonte.

Na formação dos «Peste e Sida», grupo que se constituiu há cerca de um ano, estão João Pedro Almendra (voz), João

Alves Sampaio (guitarra-baixo), Luís Miguel Varatojo (guitarra-solo), Orlando David Cohen (guitarra) e Fernando Raposo (baterista).

O grupo, que surgiu pela primeira vez em espectáculos ao vivo antecedendo os concertos dos «Xutos e Pontapés», assinou contrato com a Vitória Records, uma empresa cuja actividade se iniciou em Janeiro de 1987.

Um dos produtores do primeiro disco dos «Peste e Sida» será João Cabelreira, dos «Xutos e Pontapés» — acrescentou fonte da empresa discográfica.

Teatro de cordel no CITEMOR

Teatro de cordel dos séculos XVII e XVIII, peças de autores anónimos do século XV e obras de Jean Genet vão ilustrar o «Citemor», Festival de Teatro de Montemor-o-Velho, que decorre de 25 de Julho a 16 de Agosto.

Ações de rua e exposições de grupos musicais vão também assinalar a edição deste ano do ciclo de teatro de Montemor, que contará com nove espectáculos teatrais.

Um concerto com a Banda Filarmónica 25 de Dezembro e a exibição da peça «Morgado de Fafe Amoroso», de Camilo Castelo Branco, apresentada pelo Centro de Iniciação Teatral Ester de Carvalho, de Montemor, vão abrir o «Citemor».

Simultaneamente decorre uma acção de formação subordinada ao tema «O Actor e a Criação Teatral», dirigida por Castro Guedes.

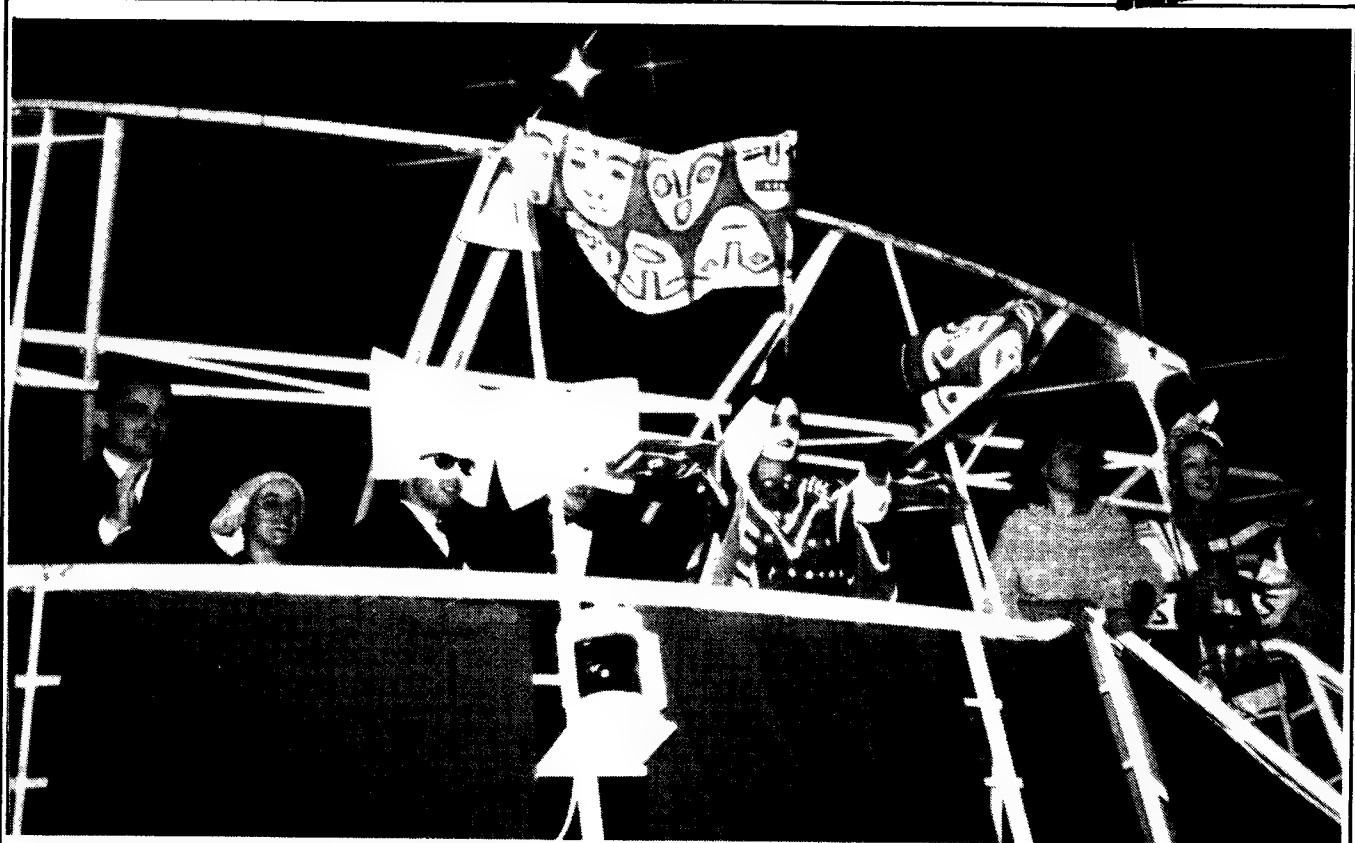
Festival "Atlântico" Setembro na Caparica

Communards, Working Week, Latin Quarter e Billy Bragg são os nomes já confirmados para o Festival de Rock «Atlântico» previsto para o primeiro fim-de-semana de Setembro na Costa de Caparica.

O festival, que se realiza na Praia Morena numa área de

200 por 400 metros, tem por objectivo comemorar «500 anos de trocas culturais através dos mares».

No festival, marcado para os dias 4, 5 e 6 de Setembro, participam também os principais nomes da música moderna portuguesa.



'COLOMBO': O OVO DE LISTOPAD

Carlos Porto

«CRISTOVÃO COLOMBO», de Miguel Ghelderode. Tradução: José Pestana e Maria José Capelo. Encenação: Jorge Listopad. Assistência: Clara Joana. Figurinos: Vera Castro. Música: Carlos Guerreiro. Assistência coreográfica: Margarida de Abreu. Participação: Dulce Cabrita. Interpretação: Carlos Jorge Pessoa, Elsa Freitas, Paulo Simões, Ricardo Jorge, Miguel Honrado, Carlos Duarte, Gonçalo F. de Carvalho, Manuela Andrade, Paula Cardoso, Rosa Veloso, Paula Soares, Tibéria Rosa, Elsa Giga, Cristina Duarte, Fernanda Ferreira, Grupo Teatro da Universidade Técnica. Estreia: A bordo dos navios Gil Eanes e Ponta Delgada / Cais de Alcântara — 1987-7-10 (1987-7-13).

Num artigo-entrevista publicado neste jornal, da autoria de Manoel Cintra, lê-se que Jorge Listopad nos já longínquos dias da sua vida checoslovaca produziu um espectáculo sobre «O Albergue Nocturno de Gorki» debaixo de uma ponte onde alguns mendigos tinham por hábito passar a noite. Ideia genial mas quão perigosa! O perigo consistia na possibilidade de o teatro se aproximar demasiado da vida e assim perder o que nele há de específico e que é a sua própria razão de ser, a sua teatralidade que é a sua artificialidade. Perigo, no entanto, superável graças à própria condição do teatro: a de ser ele capaz de impor ao espaço natural a sua razão anti-natural de ser (mesmo quando essa razão se queira naturalista...)

Quando um dramaturgo (Caudel, por exemplo), indica como material das suas peças, um barco, vento, noite, céu, luar, mar (ou rio), o encenador vê-se constringido (é essa a sua arte) a despertar nos espectadores as imagens que esses elementos despertam. Ou então pode fazer outra coisa, embora raramente o faça. Pode fazer o que fez Jorge Listopad: arranjar um ou dois navios e propor ao público uma viagem, embora se trate claro, de uma viagem imaginá-

ria: os marinheiros são actores, os passageiros são espectadores, as conversas são poesia, a luz é artificial — o sonho chama-se teatro.

No entanto, há a água parada do rio que tem um brilho que parece diferente; há o vento que bate no oleado e, quem andou no alto mar sabe como esse ruído é impressionante; há de facto um navio, dois navios, como realidade indiscutível. E uma proposta fascinante: estarmos ao mesmo tempo no real e no teatral. Tudo é possível, como o impossível.

Mas neste real, o texto e o espectáculo que nos propõem são os menos reais que é possível. Sendo embora a evocação de um homem histórico, de uma época histórica, o que dele resta é a sua irredutibilidade ao real e ao histórico.

Ghelderode, Michel de Ghelderode, escritor belga do século XX, não foi autor de uma única peça, esse «Escorial» tantas vezes celebrado em Portugal. Na verdade, Ghelderode escreveu dezenas de peças, além de outras prosas e de poesia. «Cristovão Colombo», a que o autor chamou «féerie dramática em três quadros» tem a data de 1927, o mesmo ano de «Escorial» e uma ano depois de «Imagens da Vida de São Francisco de Assis», per-

sonagem que também a ele tentou. Esta peça fora uma encomenda da companhia Teatro Popular Flamengo que era considerada o «grupo mais audacioso e prestigioso da Bélgica, o único que era ao mesmo tempo popular e de vanguarda» (foi o que escreveu Rolando Beyer num livro sobre o autor que estou a seguir). Embora, diz o mesmo autor, a peça sobre Francisco de Assis tivesse obtido um grande êxito, o grupo recusou a proposta de Ghelderode de estreiar «Cristovão Colombo» que foi considerada demasiado «laboratorial».

Talvez um «aviso ao encenador» do autor nos ajude a entender essa recusa: «Danças, luzes, músicas, acrobacia, patético, ridículo, trágico, uma tese para quem os aprecia. Esta peça é espectáculo e «féerie», deve ser representada em velocidade, sem pausas, com a óptica do sonho».

No espectáculo do grupo da UTL a «féerie» proposta pelo autor é substituída pela «féerie» da natureza (diminuída em noite fria) e pelo próprio cenário que não é teatral embora seja teatralizado.

O «Colombo» de Ghelderode não é a história de uma viagem, da descoberta de uma terra (a mensagem é bem clara: não existe nada por descobrir, a não ser a própria consciência do homem) — é a história de um sonhador, a história de uma aventura interior que se torna real através do contacto com os outros, amigos ou inimigos, a corte, os marinheiros, os jesuítas, os índios. É portanto a história de uma revelação e ao mesmo tempo a denúncia da desumanidade dos exploradores e dos fanáticos.

Numa linguagem de poesia que dificulta a sua apreensão a uma primeira leitura teatral, o texto de Ghelderode, que me pareceu muito bem traduzido,

propõe-nos um jogo de conflitos mas sobretudo uma rede de tensões poéticas que não nos impede de entender a realidade histórica.

Aproveitando as condições do cenário escolhido, Listopad criou dois espaços: no primeiro, o espaço do teatro imóvel, das relações de Colombo com o poder mas também com a solidão, o lugar do mito posto em questão (o ovo, a estátua) (nóvil Gil Eanes); o segundo, o espaço da viagem, da descoberta, da tempestade, do contacto com os outros povos (Ponta Delgada).

Interpretado por actores jovens e tecnicamente insuficientes, a peça perdeu-se por vezes na incapacidade de comunicar um texto que em certas passagens se alonga excessivamente, contrariando o propósito do autor da rapidez da representação; perdeu-se também em certos efeitos da encenação como o da interpretação ao vivo de uma área de ópera demasiado extensa.

O espectáculo vivia ao mesmo tempo, e com que fascinante beleza, da própria realidade em que se construía, e da nova realidade que era essa construção. Os factos de Vera Castro, a música de Carlos Guerreiro, a luz, as marcações, o trabalho do conjunto, em que é justo distinguir o do intérprete de Colombo, Carlos Jorge Pessoa, embora ele não aguentasse as passagens mais longas da parte da viagem, já referidas, estes elementos ajudavam a tornar realidade teatral o sonho que o texto exprime. Sonho que o ambiente, a noite, os barcos, a água do rio, o vento ajudavam a transformar em magia e ao mesmo tempo em teatro.

Foi pena que não tivesse havido um cuidado maior em relação à colocação de parte dos passageiros que tinham que fazer uma grande ginástica para ver o que se passava no outro navio já que estavam de costas para ele.

GRANDE RETROSPECTIVA DE MIRÓ NA ALEMANHA

Joaquim Rabago

Copyright Agência EFE/C&C.

A Staedische Kunsthalle de Dusseldorf dedicou uma extraordinária retrospectiva ao pintor espanhol Joan Miró, a mais importante desde a morte do artista em Palma de Mallorca, em Dezembro de 1983.

A exposição, que reúne cerca de 180 esboços e desenhos do artista catalão, além de diversos objectos e cerâmicas, foi preparada pelo dr. Felix Baumann de Zurique, pelo historiador de arte alemão, Jurgen Harten de Dusseldorf e pelo francês Jacques Dupon, um dos especialistas mais reputados na arte e obra de Miró.

Embora abarque praticamente todas as fases de produção de Miró, a mostra de Dusseldorf, que viajará posteriormente para o Museu Guggenheim de New York, depois de ter passado por Zurique, dedica especial atenção às obras dos anos vinte e trinta.

Experimentação constante

A retrospectiva prova que a aparente facilidade do artista catalão, não é mais que o fruto da sua constante experimentação formal, sobretudo, durante aqueles anos-chave para o desenvolvimento da sua obra.

Em Dusseldorf podem admirar-se, por exemplo, alguns retratos de traços impestuosos e expressivos, como o de Nubiola ou o primeiro nu feminino, datado de 1914, que seria quase violento se não estivesse neutralizado por um fundo de flores e de aves de cores vivíssimas.

Também estão algumas das

famosas paisagens de Montroig, nas quais se nota a influência técnica do cubismo picassiano e de Braque por um lado, e por outro, a grande arte românica catalã.

Entre essas paisagens, nas quais cada pormenor parece desligado do conjunto e estilizado ao máximo, destaca-se «La Ferme» de 1921-22, que pertenceu ao romancista norte-americano Ernest Hemingway e hoje figura na National Gallery de Washington como legado da sua viúva.

Hemingway estava tão orgulhoso com a sua aquisição, que chegou a escrever que não a trocaria por nenhuma pintura do mundo, e o próprio Miró considerava este quadro o fundamento e a chave da sua obra.

Também de grande valor é o seu «auto-retrato» de 1919, também com influências do cubismo sintético. Este quadro ficou com Picasso durante o resto da sua vida e hoje encontra-se no Museu Pablo Picasso de Paris.

A sua paisagem catalã de 1923-24 marca uma nova fase na obra de Miró: nela o pintor renuncia a toda a ilusão de perspectiva a favor da pura superfície pictórica, enquanto que as figuras, árvores ou animais, sofrem uma metamorfose e transformam-se em signos e ideogramas.



Continua a fase monocromática entre 1925-27, influenciada pela descoberta surrealista da escrita e da pintura automáticas e pelo inconsciente freudiano, na qual Miró parece traduzir à pintura puros seus movimentos anímicos mais profundos.

Reveladores, são também os retratos e paisagens imaginários, entre os quais figura na exposição o chamado «Chien aboyant à la Lune» ou «La Liebre», animais metamorfosados pela fantasia poderosa do artista.

Em 1929 e 1930, Miró parece querer ir mais longe que a pintura e treina a Tridimensionalidade com «assemblages» de diferentes materiais e produtos, embrião das suas obras escultóricas posteriores, muito importantes dentro da sua produção.

Bastante singular dentro da

obra de Miró, é o quadro pintado no Verão de 1930, enquanto experimentava as combinações de material e intitulado apenas «Pintura», onde se apreciam uns elementos de violência, erotismo e drama, ausentes do seu lirismo anterior, e que relembram Picasso.

Todavia, Miró continua a experimentar, e em 1933 realiza uma série de colagens e de pinturas que figuram entre as obras mais musicais e abstractas, as mais rítmicas e cromáticas de toda a sua obra.

2ª fase «selvagem»

A fase selvagem inicia-se em 1934 como se o artista anteviesse já a tragédia iminente da guerra civil espanhola e do fascismo europeu. Nessa altura, começa a pintar uma série de figuras biomorfas, imagens de terror e de

pesadelo que parecem emergir de um espécie de líquido amniótico.

Uma das pinturas mais impressionantes da exposição da Kunsthalle é um quadro intitulado «Nature morte au vieux soulier», de 1937, no qual alguns quiseram ver uma espécie de homenagem a Van Gogh.

Mostra uma série de objectos de uso quotidiano, mas através da magia visionária do artista, esses objectos transmutam-se numa paisagem em chamas que pefigura a Guerra Civil.

Dessa época são também um retrato alucinado do artista e «Femme en Revolt», de 1938, hoje no Museu de Arte Moderna de Paris, e uma das poucas obras do artista que se referem directamente ao conflito fratricida, se se exceptuarem as obras encomendadas pelo governo de Es-

panha, como o famoso cartaz com a legenda «Aidez L'Espagne».

Na evolução de Miró é também importante a série de constelações, composições a guache, criadas durante o exílio do artista em Montroig e Palma, e que o surrealista francês André Breton se encarregou de juntar.

Nessas obras, inspiradas na contemplação da noite e das estrelas, enquanto os nazis avançam sobre a Europa, Miró parece reflectir a sua confiança numa ordem cósmica, como contraponto para o desespero ante os trágicos acontecimentos no Velho Continente.

Simplificação da linguagem

Em outras obras posteriores, como a chamada «Danseuse Espagnole», Miró encontra novas fontes de inspiração na poesia, na música, na dança, ao mesmo tempo que simplifica a sua linguagem simbólica e reduz a sua paleta a acentos cromáticos puros.

Dos últimos anos da vida fecunda do artista ficaram-nos sobretudo desenhos, mas também alguns trabalhos em cerâmica, fruto da sua colaboração com Llorens Artigas, os quais se adequam perfeitamente, pelo seu lirismo, à obra pictórica de Miró.

Concluindo, a retrospectiva de Dusseldorf traz uma nova luz sobre a obra de um dos grandes criadores deste século e permite ver a sua obra em constante tensão entre o primitivismo e a modernidade, entre o surrealismo e a arte abstracta, entre a tradição e a realidade que viveu.

CML

**uma cidade limpa
é uma cidade viva**

**TRIBUNAL DO TRABALHO
DE LISBOA**

ANÚNCIO

Faz-se saber que pelo 9.º Juízo - 1.ª Secção - do Tribunal do Trabalho de Lisboa correm seus termos uns autos de Liquidação de Parte Líquida de Sentença, registados sob o n.º 48/87, em que são: Requerente - Eugénio Tavares Cardoso e Requerida - M. A. TAVARES JÚNIOR, Lda, em Lisboa, e nesses correm editos de trinta dias contados da 2.ª e última publicação do respectivo anúncio citando a referida Requerida para, no prazo de 10 (dez) dias, findo o dos editos, contestar a acção sob pena de ser fixada a obrigação no montante de 1 806 594\$00.

Lisboa, Tribunal do Trabalho, aos 22 de Julho de 1987

O Juiz de Direito,
António Luis Soares de Andrade
O Escrivão de Direito,
Albertino Farinha Pereira

DL 28/7/87 - 2.ª pub.

tel

TEATRO VASCO SANTANA
tel 768609
metro: Entrecampos

Apresenta

**as Senhoras
das Quintas-feiras**
de Ioléh Bellon

encenação: Luzia Maria Martins

de ter. a sáb. às 21.30
Dom. às 16 horas

(SMIRNOFF)

NOVO grupo apresenta

CICLO DE PEÇAS INÉDITAS PORTUGUEAS

**A SEGUNDA VIDA
DE FRANCISCO DE ASSIS**

De José Saramago

Encenação e Cenário: Norberto Barroca
Figurinos: José Costa Reis
Música: Paulino Garcia

Interpretação
Adriano Luz
Amílcar Botica
Argentina Rocha
Francisco Pestana
Isabel Ribas
João Baião
Jorge Gonçalves
José Gomes
José Pedro Gomes
Laura Soveral
Melim Teixeira
Miguel Martins
Teresa Sobral

**APOIO
DIÁRIO
DE LISBOA**
Quintas e Sextas
e Sábados às 21.30
Domingos - Matinée às 16 h

TEATRO

APOROS: ALPWA ET OMEGA-T.L.R.-DATA GENERAL-DIGICONTA-RANK XEROX
COMPANHIA SUBSIDIADA PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

**DIGA SIM
À VIDA**

SEJA VISTO

Jovem, sexo feminino,
25 anos, 12.º ano, curso
de Dactilografia, procura
emprego compatível
na zona de Lisboa.

Telefone 203 06 29

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

HUMILHAÇÃO

(maiores 18 anos)

14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

PRIMAS

(n/acons. m. 18 anos)

14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

BLUE VELVET —

VELUDO AZUL

(maiores 16 anos)

14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4

FILHOS DE UM DEUS

MENOR

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa Cine

T. 763319

COMBOIO EM FUGA

(maiores 12 anos)

14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 1

BLUE VELVET —

VELUDO AZUL

(maiores 16 anos)

14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

O NAVIO

(maiores 6 anos)

14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

HUMILHAÇÃO

(maiores 18 anos)

13.45, 16.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 4

SALVADOR

(maiores 16 anos)

14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 5

PIRATAS

(maiores 12 anos)

13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 6

COMBOIO EM FUGA

(maiores 12 anos)

13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Apolo 70

O NAVIO

(maiores 6 anos)

14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Avila

— T. 539930

A FRONTEIRA DO

PERIGO

(maiores 16 anos)

15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

— T. 547163

O GRANDE GOZO

(porno)

(interdito men. 18 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

PIRATAS

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h



Uma cena do filme «Os Loucos Anos 50» uma realização explosiva de Peter Zadek a estrear brevemente no Estúdio 444

Capitório

— T. 372358

VÍBORA DO SEXO

(Int. m. 18 anos)

15.15, 17.30, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

ACADEMIA DE POLÍCIA

(A Patrulha do Cidadão)

(maiores 6 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebolso

SEXO ESCALDANTE

(maiores 18 anos)

12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

O MAIS QUENTE

ESPECTÁCULO DO

MUNDO

(porno)

(interdito men. 18 anos)

23.30 h

Cine Camões

T. 324194

O SOLDADO

AVENTUREIRO

(n/acons. m. 18 anos)

14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

CHRISTINNE — O

CARRO ASSASSINO

(maiores 18 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Cine Portela

— T. 2524761

ET — O

EXTRATERRESTRE

(maiores 6 anos)

16.00 e 21.45 h

Estúdio Shara

A VIÚVA NEGRA

(maiores 12 anos)

15.30 e 21.45 h

City Cine

— T. 549999

CONTA COMIGO

(maiores 6 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes

— T. 322523

O FUZILEIRO

IMPLACÁVEL

(maiores 16 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

A FRONTEIRA DO

PERIGO

(maiores 16 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

NOVE SEMANAS E MEIA

(maiores 18 anos)

14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

O BELJO DA MULHER

ARANHA

(maiores 16 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

BARRY LINDON

(maiores 13 anos)

15.00, 18.15 e 21.30 h

Forum Picoas

— T. 541037

UMA MULHER SÓ

(interdito men. 13 anos)

19.00 e 22.00 h

Fonte Nova

— T. 7145109

A COR DO DINHEIRO

(maiores 12 anos)

14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

SALVADOR

(maiores 16 anos)

14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

PIRATAS

(maiores 12 anos)

14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Gemini

— T. 734009

PRIMAS

(n/acons. men. 18 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 806847

A COSTA DO MOSQUITO

(maiores 12 anos)

14.15, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h

O FUZILEIRO

IMPLACÁVEL

(m. 16 anos)

14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 24 h

Império

— T. 555134

ACADEMIA DE POLÍCIA 4

(Patrulha do Cidadão)

(maiores 6 anos)

15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

O FUZILEIRO

IMPLACÁVEL

(maiores 16 anos)

14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

SELVAGEM E PERIGOSA

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

SELVAGEM E PERIGOSA

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

HUMILHAÇÃO

(maiores 18 anos)

13.45, 16.15, 18.45 e 21.30 h

BLUE VELVET

VELUDO AZUL

(maiores 16 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

LONDRES

(n/acons. men. 18 anos)

23.45 h

Sala 4

TAXI DRIVER

(maiores 18 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

A BATALHA DE ARGEL

(maiores 12 anos)

00.45 h

Roma

T. 889192

CONAN — O DESTRUIDOR

(maiores 6 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

O DESEJO DE MORTE

(maiores 18 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

CURTO-CIRCUITO

(maiores 6 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

CROCODILHO DUNDEE

(maiores 6 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

Sala 3

A COSTA DE MOSQUITO

(maiores 12 anos)

14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

7.ª Arte

— T. 730715

ACADEMIA DE POLÍCIA

IV

(A Patrulha do Cidadão)

(maiores 6 anos)

14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

CURTO-CIRCUITO

(maiores 16 anos)

15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

ACADEMIA DE POLÍCIA —

A PATRULHA DO

CIDADÃO

(maiores 6 anos)

14.00, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h

Tivoli

— T. 570595

HUMILHAÇÃO

(maiores 18 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

A ÚLTIMA REPORTAGEM

(maiores 12 anos)

15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon

T. 368480

MULHERES DA RUA

(maiores 18 anos)

14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodiaco

— T. 570151

Exibição permanente de

filmes indianos

(m. 13 anos)

15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro

— «Comando», às 21.30 h

(maiores 12 anos)

AMADORA — Cinestúdio

— «Filhos de Um Deus Me-

nor», às 15.30 e 21.30 h

(maiores 12 anos)

AMADORA — Babilónia

— «Academia de Polícia IV —

A Patrulha do Cidadão» às

14.00, 16.30, 19.00 e

21.30 h (maiores 6 anos)

ALGUEIRÃO — Cine Tea-

tro Chaby — «Salvador», às

21.30 h (maiores 16 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flo-

res — Encerrado para des-

canso do pessoal

MEM MARTINS — Estú-

dio Dois Eme — «Duma Vez

por Todas», às 21.30 h

(maiores 16 anos).

"O RECADO", DE FONSECA E COSTA

Um «recado» a reter. É de José Fonseca e Costa e estará nos pequenos ecrãs esta noite, a partir das 21.35 horas (RTP-2). É um filme de 1971, o primeiro deste realizador, quando acabava o seu trabalho como assistente de Antonioni. História policial, contém alusões evidentes à sociedade portuguesa anterior ao 25 de Abril. Mas nada de falsas ilusões: Fonseca e Costa está ainda longe da qualidade dos seus últimos filmes. Mas a história vale pelo tempo em que decorre e, também, porque é indispensável a quem se interesse pela carreira de um dos mais importantes realizadores portugueses actuais. Para além

disso, «O Recado» vale também pela interpretação de Maria Cabral, que repete o êxito do seu papel em «O Cerco», de António da Cunha Telles. O drama de Lúcia, a heroína interpretada por Maria Cabral, é, antes do mais, o de uma jovem que se descobre colocada entre duas forças contraditórias: António, elemento da mesma classe social, representa um mundo de segurança garantida, quase mórbida na sua rotina, incapaz de satisfazer o seu desejo de evasão e no vidade; Francisco, pelo contrário, é a promessa de um universo desconhecido, cheio de perigos e enigmas, e também de encanto e sedução.



EXPOSIÇÕES

ASSOCIAÇÃO CULTURAL E RECREATIVA DE TONDELA: até dia 29, na Sala-Estúdio da ACERT, a primeira exposição individual de Ana Mamede, aluna da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Trata-se de um curioso conjunto de escultura e pintura que parte de um tema - A Migração - através do qual, numa viagem de regresso às origens se observa aquilo que o desgaste do tempo ocasionou: a textura dos muros e das portas velhas, a fotografia de uma avó agora transformada em busto, em três dimensões, o braço que a escultura tem e do qual necessita para transformar a matéria, braço esse agora posto ele mesmo, em tom verde e fundido em plástico, material moderno que fala com outros tempos, mais recuados, em que nem a celulose por cá andava. Possuindo o curso de Escultura da ESBAL (incompleto), Ana Mamede é professora do ensino secundário, tendo conciliado, na feitura da exposição, mais esse ingrediente: embora de sua concepção, a maquete que dá origem à disposição dos vários elementos que a constituem (colagem, pintura, escultura) foi executada por alunos seus, na Escola Secundária de Tondela, onde é actualmente professora.

CENTRO COMERCIAL PÃO DE AÇÚCAR - Olivais: até 31 de Julho, por iniciativa da Junta de Freguesia dos Olivais, uma exposição de Fotografia de Carlos Sargedas, patente todos os dias das 10 às 22. **BAR «ACERCADANOITE»** (R. da Cerca, Almada Velha): até 7 de Agosto, pintura e desenho de Maria Manuel Estrela. **CONVENTO DOS CAPUCHOS:** no âmbito do Festival de Música dos Capuchos, uma exposição de desenhos, pinturas e esculturas intitulada «Nocturnal», com a



Colagem com pintura de Ana Mamede

participação de Jorge Martins, Joaquim Bravo, David Almeida, Rui Matos e Luiz Cruz.

GALERIA EMI (R. da Cruz dos Poiais, 111): pinturas de Angelo de Sousa, Álvaro Lapa, Jorge Martins, António Sena e Ana Marchand. **GULBENKIAN** (Exposições Temporárias): «Antropologia e Memória - visão actual da arte galega», uma mostra de Pintura.

GALERIA DE ARTE DO CASINO ESTORIL: VII Salão Nacional de Pintura «Naive» até 10 de Agosto, patente ao público todos os dias das 15 às 24. **CASA DAS ARTES DE TAVIRA:** pintura de Teresa Dias Coelho até 10 de Agosto, todos os dias das 18 às 22. **ESCADA-CENTRO DE ARTE** (R. da Bela Vista à Graça, 81-A): colectiva de pintura de Álvaro Espadanal Ramos, Jorge Humberto, José Catrola, José Loureiro, José Narciso, Maria João Cortegaça e Vera Velez; escultura de Jorge Camões. Patente até 13 de Agosto de segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 10 às 14.

GULBENKIAN: patentes duas exposições - comemorativas do primeiro centenário do nascimento de Amadeo de Sousa Cardoso e de Stuart Carvalhais.

GALERIA CHAGAL (Leiria): esculturas de Moreira, uma exposição patente até 4 de Agosto, de segunda a sábado das 15 às 20.

CASA DOS TABUENSES (R. dos Poiais de S. Bento, 74-B): pintura de Gila Letras, a primeira exposição individual desta jovem pintora que frequenta o curso da AR. CO, todos os dias das 18 às 21,30, hora a que tem início o espectáculo teatral «Bela Calígula» de Augusto Sobral, pelo Grupo Maizum.

VIRAGEM - Associação de Artes Plásticas de Cascais (Av. Marechal Carmona, 6-B): até 15 de Agosto, a 3ª Exposição dos Sócios, coincidente com a inauguração da 1ª fase do seu espaço-sede.

OLHÃO (Biblioteca Museu da Câmara Municipal): até 15 de Agosto, uma exposição de Pintura-Vitral com obras de Cargaleiro, Bertino, João Carlos Rodrigues, Branquinho Pequeno e José David.



Patente nos dias úteis das 16 às 20, sábados das 10 às 12 e das 14 às 20.

ÓBIDOS: por iniciativa do Departamento de Turismo da Câmara Municipal de Óbidos decorre até final de Agosto, patente ao público todos os dias das 10 às 20, a «BIO 87», I Bial Internacional de Cerâmica. **ALTAMIRA** (R. Filipe Folque, 48-A): pintura do artista moçambicano Victor Sousa, até 6 de Agosto. **BAREM** (R. Bartolomeu Dias, 65-69): exposição de pintura de Fátima Ribeiro, todos os dias até 31 de Julho.

ECOMUSEU MUNICIPAL

DO SEIXAL: até 2 de Agosto, uma exposição de pintura intitulada «Amor com Arte», com obras da autoria de Marizé e Mateus Duarte.

COOPERATIVA ÁRVORE (Porto): patentes ao público duas exposições: uma de Dana Michaelles - «Desenhos de Moçambique» e outra de Isabel Padrão - «Escachados».

GALERIA DA VOZ DO OPERÁRIO (R. Voz do Operário, 13): pintura de Belmira Nunes, Fátima Afonso, Manuela Rosa, Mara Peres da Silva, Marilene Leão, Teresa Caria e Tomás Maia, até 14 de Agosto nos dias úteis das 14 às 19, sábados das 15 às 19.

ARTEX-GALERIA DE ARTE (R. Nova do Almada, 87): até 29 de Agosto, uma exposição de serigrafias de António Carmo, Cargaleiro, Cesariny, Chichorro, Emília Nadal, Guilherme Parente, Henrique Mourato, Hogan, João Cutileiro, João Vieira, Joaquim Rodrigo, Jorge Marcel, José de Guimarães, Martins Pereira, Moniz Pereira, Palolo, Romualdo, Silva Palmeira e Teresa Magalhães. **PALACETE POMBAL** (R. das Janelas Verdes): a exposição «Conservação e Restauro no Instituto José de Figueiredo».

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: patentes duas exposições - «Retrospectiva de Tapeçaria de Eduardo Nery» e «Mantas de Monsaraz». **GALERIA BERTRAND DO CHIADO:** até final de Agosto, patente uma colectiva dos pintores Martha Teles, Margarida Medina, Ruibal, Dario Alves, Carlos Carreiro, J. Baltazar, Graça Pereira Coutinho, Rocha de Sousa, Mike Felten e Nadir Afonso.

ATELIER 15 (R. Freitas Gazu, 24-D): desenhos de Carlos Martins Pereira com o título «Jardim das Delícias» até 31 de Julho, de segunda a sexta das 18 às 22, sábados das 15 às 19.

JERÓNIMOS: patente ao público, no refeitório, a exposição do casapiano Gil Teixeira Lopes intitulada «Gitelo - um retorno». Até final de Setembro.

GALERIA DE ARTE ARCADE (Arcadas do Parque do Estoril, 18): uma colectiva com trabalhos de António Viana, Ema Berta, Francisco Ariztia, Guilherme Parente, Helena Lousinha, João Queiroz, José Alves, Paiva Raposo, Rocha Pinto e Rui Azevedo. Patente todos os dias excepto segundas-feiras, das 11 às 22.

ESPELHO DE ÁGUA (Belém): Feira de Artesanato Português até final de Agosto, patente às sextas, sábados e domingos das 10 às 23; segundas, quartas e quintas das 14 às 23; cerâmica, madeiras pintadas, tapeçaria, bonecas de pano, arte africana, trabalhos em latão, etc.

CAMARA MUNICIPAL DO BOMBARRAL (auditório): exposição de pintura de Branco Cardoso, patente até 3 de Agosto nos dias úteis.

GALERIA DIFERENÇA: exposição de arquitectura de Alcino Soutinho, «Uma Obra» e ainda a exposição «Arquitectos de Lisboa e Porto», até 30 de Julho, de terça a sexta das 16 às 20, sábados e domingos das 15 às 19.

GALERIA DO RESTAURANTE ESCORIAL (R. das Portas de Santo Antão, 47): pintura de Martinez até 31 de Julho, diariamente das 12 às 24. **LIVRARIA BARATA** (Av. de Roma, 11-A): «Terras», cerâmica portuguesa contemporânea da autoria de Artur José, Isabel Mota Jorge Palmela, Grasiela Albino, Jorge Meaiha e Marita Ferro. Patente até 29 de Agosto.

ARTESANATO

VIII FEIRA DE ARTESANATO DA REGIÃO DE AVEIRO: patente em Aveiro. Inclui cerâmica artística e artes decorativas. Esta é a sua oitava edição.

CINEMA

AUDITÓRIO CARLOS ALBERTO (PORTO), numa iniciativa da Federação Portuguesa de Cineclubes, prossegue o ciclo «A escolha de Alves Costa». Hoje, às 18 horas, exibição de «Viridiana», de Luis Buñuel; quarta-feira, à mesma hora, «Tempos Modernos», de Charles Chaplin e dia 30 «Luzes da Cidade», do mesmo realizador.

TEATRO

COMPANHIA DAS LUZES: em cena com o espectáculo «Jogos de Paria», de E.A. Whitehead. Todos os dias, às 21.30, na galeria Monumental, ao Campo dos Mártires da Pátria, 101.

FOTOGRAFIA



ARTE NO BAR, rua da Imprensa Nacional, 46. Exposição de fotografias de António Carvalho e Carlos Manuel Gomes. Todos os dias até 30 de Agosto.

ETNOGRAFIA

MUSEU MUNICIPAL DE SANTIAGO DO CACÉM: «O homem, o animal e a vida», exposição patente desde sábado. Tendo como centro o animal, procura através de conjugar as actividades produtivas do homem e a forma como a partir deste binómio se contrói um modo de vida próprio e profundamente ligado à terra.

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE
— **ALCANTARA:** Proibidade, R. de Alcântara, 15-A-B (T. 638589); **ALVALADE - ESTADOS UNIDOS:** Rio de Janeiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C (T. 881409); **AREFERO** — **DEIRO:** Lusa, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (T. 892803); **BAIRRO ALTO:** Gonçalves, R. da Rosa, 176-178 (T. 362687); **BAIXA:** Cortez, R. de São Nicolau, 93 (T. 325378); **BENFICA:** União, E. de Benfica, 592-504 (T. 700092); **CAMPO DE OURIQUE:** Elma, R. D. Maria Pia, 358-A (T. 686176); **INTENDENTE:** Intendente, L. do Intendente Pina Manique, 50-51 (T. 547838); **LUMIAR:** Central do Lumiar, Al. das Linhas de Torres, 354-B (T. 758063); **MARQUÊS DA FRONTEIRA:** Ronil, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (T. 683438); **PAMPULHA - JANELAS VERDES:** Nazário Pinto, R. Presidente Arriaga, 39 (T. 667460); **RESTELO:** Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C (T. 610741); **SALDANHA:** Dalva, Av. Duque de Ávila, 125 (T. 545225); **CARNAXIDE:** H. Amaral, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); **ODIVELAS:** Central de Odivelas, Al. Infante D. Henrique, 1 (T. 9811203); **PONTINHA:** Pontinha, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).
REFORÇO — ALAMEDA - CHILE: Lusa, Av. Almirante Reis, 199-A (T. 521269); **AREIRO - PRAÇA DE LONDRES:** João XXI, A. João XXI, 16-A (T. 886462); **BOA HORA:** Sepol, C. da Boa Hora, 94-A (T. 631958); **CASTELO:** Silva, C. de Santo André, 16 (T. 862074); **ENTRE SETE RIOS E 2.ª CIRCULAR:** Da Luz, E. da Luz, 124-A (T. 723179); **ESTRELA:** Gama, C. da Estrela, 130 (T. 660339); **FEIRA POPULAR:** Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 283-A (T. 763016); **OLIVAIS SUL:** Higiene, R. Cidade de Vila Cabral, lote 43 (T. 310026); **PICHELEIRA:** Marluiz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **RATO:** Cunha, R. da Escola Politécnica, 18 (T. 325455); **XABREGAS - MADRE DE DEUS:** Conceição, C. D. Gastão, 30-32 (T. 381279); **BRANDOA - AMADORA:** Correia, Urbanização Alfomelos, célula G, lote 137, loja B, poente (T. 990122); **BURACA - AMADORA:** Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO:** Nova, R. dos Acores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO:** Matos, T. das Prioras (T. 2519939).
Outra Banda — ALMADA: Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE:** Avelar da Silva, R. Dr. Alberto Araújo, 19 (T. 2750337). Permanente; **MONTE DE CAPARICA:** Nova, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA:** Carlos, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **LARANJEIRO:** Baptista Marques, R. da Boa-Vontade, 17-B (T. 2298572). Até às 22 horas; **SESIMBRA:** Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO:** J. Consolado, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO:** Silva Inácio, P. Gomes Teixeira, 45 (T. 2071862). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA:** Teixeira, B. de Moçambique, 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas; **CORROIOS:** Lino, Alfarrim, Sesimbra (T. 2232841). Até às 19 horas; **AMORA:** Nova Amorense, E. Nacional, 10, bloco A, loja A, Paivas (T. 2216824). Até às 22 horas; **ARRENTA:** Lu-

sitana, P. Cândido dos Reis, 10 (T. 2210007). Até às 22 horas; **MONTEJO:** União Mutualista, R. Almirante Reis, 93 (T. 2310035). Até às 22 horas; **MOITA:** Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 2390029). Até às 22 horas; **ALHOS VEDROS:** Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE:** Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2340100). Até às 19 horas; **SE-TUBAL:** Oliveira Rodrigues, Vale das Cerejeiras, lote 11 (T. 31567). Permanente; **Louro, R. Frei António das Chagas (T. 24491).** Permanente; **Bocagana, R. do Romeu (T. 23425).** Até às 22 horas.
Linha de Cascais — ALGÉS: Cabrita, P. de Miraflores, lote 12 (T. 4101486). Permanente; **LINDA-A-VELHA:** Pinto, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610). Até às 19 horas; **TIRES:** Guimarães, L. Duarte, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHÊ:** Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO:** Ferreira Bastos, R. D. Fimino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA:** Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS:** Trindade Brás, R. de Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Até às 22 horas; **OEIRAS:** Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Permanente; **CARCAVELOS:** Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA:** Godinho da Silveira, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PARADE:** Brandão, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Permanente; **SÃO PEDRO DO ESTORIL:** São Pedro, R. 9 de Abril (T. 2683052). Até às 22 horas; **SASSOIEIROS:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE:** Imani, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA:** Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA:** Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL:** Lopes, R. Hangar, 3 (T. 260008). Até às 22 horas; **CASCAIS:** Cordeiro, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170). Permanente.
Linha de Sintra — AMADORA: Romero, Urbanização Casal de São Brás, lote 116 (T. 4949050). Permanente; **São Jorge, R. Pedro del Negro, 5, Reboleira (T. 4938703).** Até às 22 horas; **DAMAIA:** Confiança, R. Bartolomeu Ias, lote D (T. 971023). Permanente; **QUELUZ:** Serra & Pinto, Av. D. António C. Sá, 50-GE (T. 4377619). Permanente; **CAMARATE:** Batalha, R. Albino S. Oliveira, 5 (T. 2571069). Até às 19 horas; **CACÉM:** Rico, L. Adriano S. Gil, Agualva (T. 4312833). Permanente; **ALGUEIRÃO:** Vitor Manuel, E. de Algueirão, 123 (T. 9217814). Permanente; **MERCÊS:** Claro Russo, R. Abade de Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA:** Dumas Brousse, C. da Rinchoa, 2 (T. 9260404). Até às 22 horas; **SINTRA:** Marrazes, L. Afonso de Albuquerque, 24 (T. 9230058). Permanente; **COLARES:** Abreja (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA:** Valentim (T. 9230456). Permanente.
Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Santa Bárbara, R. Francisco M. Beato, 75-A (T. 2518918). Permanente; **SACAVÉM:** Maria, R. Salvador Alende, lote 2 (T. 2514369). Até às 22 horas; **LOURES:** Sálvia, Av. d República, 29 (T. 9831240). Permanente; **AVEIRO:** Capitão Filipe, R. Eng. Costa Cascais, 21 (T. 21283). Permanente.

TEATROS

TEATRO ABERTO

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

5.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«A SEGUNDA VIDA DE FRANCISCO DE ASSIS», de José Saramago. Cenário e encenação de Norberto Barroca. Figurinos de José Costa Reis. Música de Paulino Garcia. (Com o apoio do «Diário de Lisboa»)

Porto — Sala do Povo Português

R. de Camões, 578 — Tel. 38 21 31

De terça a domingo, às 21.15; domingo, às 16.00

«O TIO VÂNIA», de Tchekhov. Pela Seiva Trupe. Encenação: Fernando Umaña.

Teatro da Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 32 00 00

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingo, às 16.00

«TRILOGIA DA GUERRA» (1.ª parte), de Edward Bond. Tradução de Miguel Cintra, Luís Lima e José Manuel Mendes. Encenação de Luís Miguel Cintra.

Vasco Santana

Av. da República, 16 — Tel. 76 86 09

De terça a sáb., às 21.30; domingos, às 16.00

«AS SENHORAS DAS QUINTAS-FEIRAS», de Loleh Bellon. Pelo Teatro-Estúdio de Lisboa. Tradução e dramatização Monique Rutler. Encenação de Luzia Maria Martins. Intérpretes: Carlos Vieira de Almeida, Clara Joana, Luísa Ortigoso, Manuel Medonça e Maria Dulce.

Estoril — Teatro Mirita Casimiro

Av. Fausto de Figueiredo — Tel. 267 03 20

De 5.ª a sábado, às 21.30; sábado e domingo, às 17.00

«TARTUFO», de Molière. Pelo Teatro Experimental de Cascais. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretação de Santos Manuel, Marília Costa, João Vasco, Luísa Salgueiro, Paulo B., Alexandra Lencastre e Luís Rizo, entre outros.

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 23.00; domingos e feriados, às 16.00

«LISBOA, TEJO E TUDO», de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira.

Teatro do Triângulo

R. da Cintura do Porto de Lisboa, Santos — Tel. 67 61 91

De terça a sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

«O FÍSICO PRODIGIOSO», de Jorge de Sena. Adaptação e encenação: André Nuno.

Teatro Mazum

R. dos Poais de São Bento, 75-B, 2.º — Tel. 60 18 66

«BELA-CALÍGULA», de Augusto Sobral. Encenação: Rogério Vieira. Cenários: Augusto Sobral. Figurinos: Jasmim. Intérpretes: Manuel Cintra e Silvina Pereira.

Teatro Galeria Monumental

Campo dos Mártires da Pátria, 101 — Tel. 53 38 48

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

«JOGOS DE PRAIA», de E. A. Whitehead. Pela Companhia das Luzes. Encenação: Diogo Dória e João Canijo. Intérpretes: Diogo Dória, Rita Blanco, Susana Borges e Vitor Norte.

Setúbal — Teatro de Bolso

R. Dr. Anibal Álvares da Silva, 9 — Tel. 291 30

Quinta, sexta, sábado e domingo, às 21.30

«BOAVIDA» e «O DIPLOMA», de Pirandello. Pelo Teatro de Animação de Setúbal. Encenação: Carlos César.

A Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

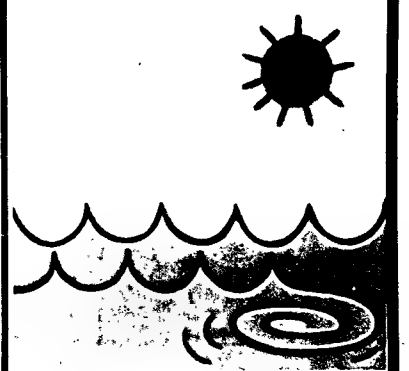
«OS DOIS CORCUNDAS E A LUA», de Richard Dörmay. Encenação: João Mota. Música: Domingos Morais e José Pedro Caiado. Intérpretes: Almeno Gonçalves, Carlos Paulo, Isabel Medina, Jorge Loureiro, Manuela Couto e Paulo Ferreira.

Sala 1

Quartas, quintas e sábados, às 22.30

«O URSO NA CAMA», de Zé Gouveia. Pelo Grupo Sete Ofícios. Encenação de Geraldo Tuché e Zé Gouveia. Interpretação de Geraldo Tuché e Octávio Rocha.

PROCURE
zonas sem rebentação
ou remoinhos

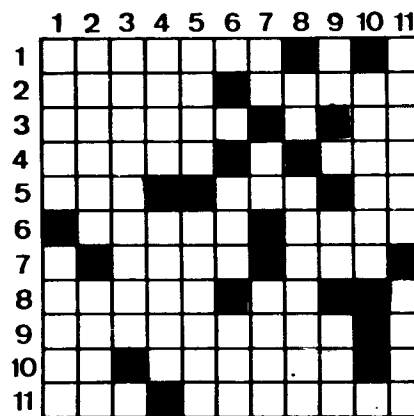


PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 17094

HORIZONTAIS:

- Prender com amarra. Artigo definido.
- Molhar com baba. Sai do solo.
- Dividir em toros. Carta de jogar.
- Falhas. Apelido.
- Irmã da mãe (inv). Mil e quatroem romano. Antes de Cristo.
- Danço o samba. Metal precioso de cor amarela.
- Zombará. Despidia.
- Nome de planeta. Átomo.
- Concluíram.
- Ruténio (s.q). Latda.
- Sufixo que designa abundância. Pedaco de pano com que se conserta uma parte do vestuário.



VERTICAIS:

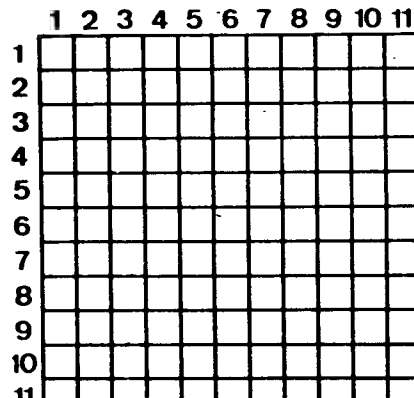
- Arruine. Asno.
- Assassinais. Culpados.
- Fracassaram.
- Involgar. Escavar.
- Esteiros. Rebentar.
- Triture. Estimé.
- Rubídio (s.q). Nota musical. Lavram.
- Letra grega. Desejo.
- Contração da preposição de com artigo. Género de palmeiras do Brasil. Ilha inglesa no mar da Irlanda.
- Pesa para abater a tara.
- Relativo a oásis. Senhorio.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 15919

HORIZONTAIS:

- Dá mensagens a. Anui.
- Ae africana. Pescador na ex-Índia Portuguesa.
- Atasca. Escamece. Milímetro.
- Cidade do Japão. Cabelos brancos.
- Pautados (papéis).
- Nome de letra. Pátria de Abraão. Doutor.
- Bário (s.q). Tempo do verbo ir. Boi selvagem (inv).
- Nome de homem. Ouro (s.q). O mais.
- Mãe de Rómulo e Remo. Prudente.
- Tornavas a virar.
- Messes. Letra grega.



VERTICAIS:

- Tomaras amante.
- Freguesia do concelho de Castelo Branco. Oportunidade.
- Vai em auxílio de. Falha.
- egai. Género de palmeiras do Brasil. Érbio (s.q).
- Açotava.
- O mesmo que ocre (mineral). Reles.
- Rio da Suíça. Ir para fora.
- Duzentos e um em romano. Digníssimo. Empregar.
- Európio (s.q). Canto de muitas vozes reunidas. Antepassado.
- Nome de jogo. Porto abrigado por terras mais ou menos altas.
- Manuscrito. Glutão.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 17093

HORIZONTAIS:

- Arredar. Ser.
- IE. Ir. Ao.
- Amoladas. MI.
- Os. Nicaria.
- Fr. Calara.
- Ódio. Sana.
- Ri. RDA. SC.
- Tasca. Aço.
- Um. OTAN. Res.
- Avança. Ga.
- Armas. Assas.

VERTICAIS:

- A. FORTUNA.
- Remordiam.
- Rios. Am.
- Corcova.
- Diana. Datas.
- Ardil. Anca.
- Saca. Anca.
- Asaras. As.
- Só. Rançar.
- E. Mi. CEGA.
- Relas. Rosas.

PROVERBIO: A fortuna é cega.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 15918

HORIZONTAIS: VERTICAIS:

- | | |
|------------------|------------------|
| 1 Maços. Pesam. | 1 Mais. Servil. |
| 2 Atolo. Acama. | 2 Atais. Suíno. |
| 3 Ias. Pagamos. | 3 Costas. MC. |
| 4 Sitiado. El. | 4 Lo. Imo. Ova. |
| 5 Sam. Id. Agi. | 5 Sopa. Rias. |
| 6 Sor. Erram. | 6 Adi. Ara. |
| 7 És. Ias. Oro. | 7 Pagodes. Sra. |
| 8 Rum. Ar. ER. | 8 Eça. |
| 9 Viçosas. Amo. | 9 Sameiro. Agá. |
| 10 In. Regos. | 10 Amolgaremos. |
| 11 Lotaria. Aso. | 11 Mas. Amoroso. |

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rock-lândia; 18.00: Regressos; 19.00: Informação e música; 20.00: No estúdio e no estúdio; 20.15: Música portuguesa; 20.30: A voz da solidariedade; 21.00: Musical; 21.30: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

15.30: Compositores portugueses; 16.30: Álbum musical; 17.00: A voz dos instrumentos; 17.25: Contrastes; 18.40: Música do nosso século; 19.00: Integrais; 19.34: Espaço sinfónico; 20.40: Obras, para flauta; 21.00: Ciência e tecnologia... a procura sem fim; 21.25: Transmissão directa, das Ruínas do Carmo, em Lisboa, de um concerto pela Orquestra Sinfónica da RDP; 00.00: Música coral; 00.50: Último andamento; 01.00: Fecho. noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; 17.00: Feira mágica; 20.00: Peça que a gente passa; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo e resultados; 23.00: 24.ª hora; 01.00: É de noite... já se vê; 03.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; 17.00: Rock em stock; 18.00: Circulo em FM; 19.00: Ao fim e ao cabo; 20.00: Nova geração; 21.00: O sabo da música; 22.00: As mil e uma noites; 23.00: Em órbita; 00.00: Morrison Hotel; 02.00: O rock pode esperar; 03.00: Guarda-noc-turno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Fim-de-tarde; 20.00: Programa da LAR; 20.30: Cidade nova; 21.0: Luzes da ribalta; 23.00: Bola branca; 23.30: Suplemento especial; 23.55: Meditando.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Grande bazar.

Voz de Lisboa

15.00: Rádio da cidade; 18.00: Bola branca; 18.30: Sete colinas; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço; 21.00: Música no espaço; 22.00: Vamos aos fados; 23.00: Bola branca; 23.30: As canções da meia-noite; 23.57: Meditando.

Vo do Porto

15.00: Passeio alegre; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Informação e música; 20.00: Porto de abrigo; 20.30: Meia de música; 21.00: Palácio de Cristal; 23.00: Bola branca; 23.30: Porto final.

RTP

15.15 - Matinée

«Waco»: Um antigo pistoleiro é contratado para impor, pela força, a lei numa cidade onde campeava a corrupção e a desordem... Ao chegar, descobre que a sua antiga namorada tinha casado com um pastor local...

16.40 - Documentário

Falar de Macau - «O Ano Chinês»

17.00 - Brinca Brincando

«Fábulas da Floresra Verde»

17.30 - Sumário

18.30 - A Família Bellamy

16º Episódio: Georgina Worley diverte-se, frequentando a moderna sociedade londrina. São muitos os jovens que estão apaixonados por ela, e um especial... Enquanto Lord e Lady Bellamy estão no estrangeiro, Georgina dá uma festa, tendo como tema a liberdade e para que não falte de beber, cada convidado trará as suas próprias garrafas.

Entretanto os criados, assim como William e Alice, aguardam apreensivos a chegada de uma nova governanta, esperada na noite da festa. Tudo indica que será uma noite cheia de perigos...

19.45 - Trânsito

2º Programa

20.00 - Telejornal

20.30 - Bolsa Dia a Dia

20.35 - Boletim

Meteorológico

20.45 - Dona Santa

21º Episódio



O 2º episódio da série «Brigada Especial», às 22.40 no 1º canal

21.45 - Portugal Sem Fim

22.40 - Brigada Especial

2º Episódio: A vida de Anderson corre perigo quando o chefe de uma quadrilha jura matá-lo. A tentativa de roubo de um carregamento de barras de ouro é desmascarada e anulada pela Brigada Especial e Freddie Roberts, o chefe do grupo, contrata um homem para afastar Anderson do seu caminho.

Mas não é essa apenas a sua intenção.

Realizador: Arch Nicholson

23.35 - Notícias



António Beringela numa cena do filme «O Recado» de José Fonseca e Costa, às 21.35 no 2º canal



17.16 - Os Imigrantes

28º Episódio

18.00 - Countdown

19.00 - Simon Show

20.00 - Modelo e Detective

21º Episódio: Madie fica admirada quando David consegue descobrir o mistério que envolvia um crime. David enche-se de glória e Maddie fica muito intrigada.

Realização Christopher Hibler

21.00 - Jornal das Nove

21.30 - Montra de Livros

21.35 - Cinemadois

«O Recado»: António tenta seduzir Lúcia, mas esta mantém-se fiel à memória de Francisco, um marginal que já há algum tempo não lhe aparece. Um dia, Lúcia recebe um recado de Francisco através de «Maldevivre», um vagabundo: vai regressar muito em breve. Mas Francisco é morto num ajuste de contas. No dia marcada, Lúcia espera-o numa praia deserta...

Interpretes: Maria Cabarl, Paco Nieto, Luis Rocha, Luis Mariani, António Beringela, Luis Barradas

Realizador: José Fonseca e Costa

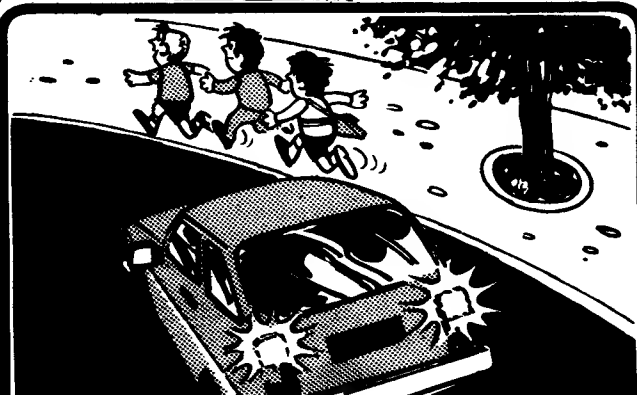
AMANHÃ

RTP-1

10.01 - As Dez
12.15 - Cambalacho
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - Desenhos Animados
13.50 - Foi Exito na TV
14.30 - Desenhos Animados
15.00 - Clipomanias
17.00 - Brinca Brincando
17.30 - Ponto por Ponto
18.30 - Sumário
18.35 - A Família Bellamy
19.30 - Cinência - Invenção do Futuro
20.00 - Telejornal
20.30 - Bolsa Dia a Dia
20.35 - Boletim Meteorológico
20.40 - Vamos Jogar no Totobola
20.55 - Dona Santa
21.50 - Lotação Esgotada
23.40 - Notícias

RTP-2

17.16 - Os Imigrantes
18.00 - Countdown
19.00 - Simon Show
20.00 - Modelo e Detective
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - Artistas Portugueses
22.05 - Clube de Imprensa
22.35 - O Som da Surpresa



AOS CONDUTORES



«Reduza sempre a velocidade ao avistar um grupo de crianças, porque estas vão normalmente distraídas e não dão atenção ao trânsito.»

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1

22.40 -
Brigada Especial

RTP 2

21.35 - Cinemadois

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.

Rua Bento Jesus Caraca, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef. 4197570



«Dona Santa»



PORTE
PAGO



Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 — 32 02 71 2 3 Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro: 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex: 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte, 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 — 32 22 04 — 32 07 84

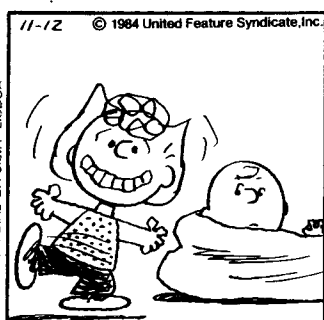
Preço do "DL" na Madeira: 40\$00

DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Fundador **Joaquim Manso**

Director **A. Ruella Ramos**

Director adjunto **Fernando Piteira Santos**



ÚLTIMA HORA

Fernando Barata, presidente do Farense, muito apoiado na mais emotiva e participada Assembleia Geral nos últimos anos, afastou toda a oposição directiva à sua liderança. «Não há vencidos nem vencedores», proclamou dirigindo-se aos cerca de dois mil associados que enchem um cinema de Faro, ávidos por consagrarem o «seu presidente» e sempre prontos a apressarem as vozes não concordantes. A Assembleia, conduzida por Cabrita Neto, acabou por aprovar o relatório e contas da última época sem quaisquer oposições.

Morrer de calor: como, porquê?

Continuação da pág. 1

Os primeiros sinais clínicos são alarmantes: enfraquecimento geral, sede intensa, câimbras musculares, dores abdominais, anomalias do comportamento, etc. A pele muda de aspecto, torna-se vermelha, escaldante, e observa-se frequentemente uma paragem brutal dos mecanismos de sudoração.

O doente entra então num coma de intensidade variável, podendo igualmente surgirem convulsões. O «golpe de calor» provoca profundas alterações no organismo, como hemorragias, paragens respiratórias, renais ou hepáticas.

As hipóteses de cura tem como ponto base a precocidade do diagnóstico e a rapidez com que o tratamento é aplicado. As pessoas afectadas devem, com urgência, ser colocadas em repouso ao abrigo do sol, despidas e aspergidas com água fria. Deve, em seguida, ser-lhes ministrado oxigénio e rehidratadas por via venosa.

Desde que entrem num hospital, serão «arrefecidas» com precaução e por recurso a várias técnicas (imersão em água fria, perfusões geladas, lavagem gástrica gelada, etc.). Apesar de uma reanimação intensiva, a mortalidade provocada pelo «golpe de calor» é avaliada, em todas as publicações médicas, entre 30 e 50 por cento.

Apesar da sua promoção

Pinto Hespanhol mantém-se à frente da PJ do Porto

Ao contrário do que chegou a constar, o dr. Manuel Pinto Hespanhol não irá abandonar o cargo de director da Polícia Judiciária do Porto na sequência da sua promoção a procurador-geral adjunto por despacho do procurador-geral da República.

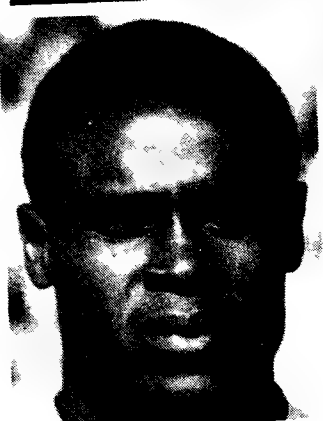
Tal como Pinto Hespanhol, também os directores adjuntos da PJ, drs. José Alberto Braga Temido e José Luís da Silva Teixeira, irão permanecer em funções na Gomes Freire apesar das suas promoções, respectivamente a procurador-geral adjunto e procurador da República.

Lotaria Popular

1º—198296.....	1 000 000\$00
2º—029280.....	250 000\$00
3º—190780.....	150 000\$00
4º—230736.....	100 000\$00
Números terminados em 296	50 000\$00
Números terminados em 280	10 000\$00
Números terminados em 780	2 500\$00
Números terminados em 736	1 000\$00
Números cujos dois algarismos finais sejam 02, 05, 32 e 59	400\$00

Nota— Esta informação não contempla a anulação de prémios nem dispensa a consulta da lista oficial.

D/E/C/A/R/A/S/



URBANO TAVARES RODRIGUES publicou a 3ª edição de «Casa de Correção». A 2ª edição fora prefaciada por José Saramago, para a 3ª edição o prefácio é da autoria de Eduardo Lourenço que, logo nas primeiras linhas, afirma: «Ninguém na nossa geração escreveu mais à flor do tempo que Urbano Tavares Rodrigues». Seis novelas compõem esta «Casa de Correção», que, no dizer do prefaciador, é como «uma viagem no interior do horrível quotidiano português, inundado de luz exterior e sepultado em doçuras piores que todos os suplícios». Edição de Publicações Europa-América. Capa, muito conseguida, de Francisco de Almada.

PEDRO VAN DUNEM, ministro angolano da Energia e Petróleo, está a terminar uma visita oficial de dois dias ao Brasil, onde manteve contactos com o Presidente José Sarney e o Presidente do Congresso, Ulysses Guimarães. Trata-se de contactos em que o pano de fundo é a situação actual do relacionamento entre os dois países e com o objectivo de encontrar meios para ampliar a cooperação já existente. Como sinal do bom clima das relações entre os dois países, assinale-se que o ministro brasileiro dos Estrangeiros

condenou o regime do «apartheid» e condenou o regime sul-africano pela sua política desestabilizadora da África Austral.

MADONNA chegou a um acordo com o município londrino e os organizadores dos seus concertos no Estádio de Wembley, marcados para Agosto, e que estiveram para ser cancelados depois de vendidos 200 mil bilhetes, devido a queixas apresentadas por moradores da vizinhança do estádio que manifestavam o seu receio de incómodos. O município acabou por ceder o estádio depois de um compromisso dos organizadores no sentido de tomarem medidas para evitar distúrbios e outras anomalias possivelmente desencadadas pela assistência.

MAPUATA: calma, Belenenses! O zaireense já se apresentou ao trabalho, alegando que o não fizera na data mencionada com os azuis (dia 21) por ter jogado pelo seu país e, depois, não arranjar passagem aérea para Lisboa. De qualquer modo, o pontade-lança está a treinar sob as ordens de António Dominguez, técnico que substituiu Depireux enquanto a equipa do Restelo estagia na Bulgária.

JOHN DEMJANJUK negou em Jerusalém a acusação que lhe é feita de ter prestado serviço como guarda no campo de concentração de Treblinka ou ter cometido atrocidades durante a II Guerra Mundial. Subindo pela primeira vez à barra para depor, desde o início do seu julgamento há cinco meses, o acusado negou ser «Ivan, o terrível», um guarda que torturou milhares de prisioneiros antes de os enviar para as câmaras de gás, na Polónia ocupada. «Não sou o carneiro que vocês pensam», explicou.

KENNETH KAUNDA foi ontem eleito por unanimidade presidente da OUA, em substituição de Denis Sassou-Nguesso, presidente do Congo. Kaunda foi apresentado à cimeira da OUA que decorre em Adis Abeba, pelo seu homólogo do Mali, Moussa Traoré. A cimeira começou ontem à tarde com um minuto de silêncio pelos 368 mortos do massacre de Homoine, em Moçambique. Assistem à conferência 20 chefes de Estado africanos que ouviram do presidente cessante um discurso com um apelo no sentido de que o Ocidente aplique as sanções contra Pretória.

Praia de Santo André tem "bandeira azul"

A praia da costa de Santo André, situada no concelho de Santiago do Cacém, foi distinguida com a bandeira azul da CEE, galardão atribuído por preencher os requisitos de análise bacteriológica e ambiental necessários para tal atribuição.

Segundo o Município «esta distinção confirma as excepcionais condições naturais desta praia e da faixa costeira dos concelhos alentejanos no distrito de Setúbal».

«A intervenção do Gabinete da Área de Sines na área territorial de Santo André, retirando competências às autarquias locais desde 1971 até agora, é a grande responsável pela situação de degradação urbanística, consequência da ausência de uma política de ordenamento territorial», sublinha o comunicado, realçando que «a Câmara Municipal de Santiago do Cacém está vivamente empenhada nesse reordenamento», esperando «encontrar as soluções mais adequadas e justas que contemplem na generalidade a maioria das situações criadas com a construção ilegal na costa de Santo André, em especial na primeira duna».

Jornais a 45 escudos a partir do dia 1

Os preços dos jornais diários subirão para 45 escudos por exemplar durante a semana, a partir de 1 de Agosto — anunciou a Associação de Imprensa Diária.

«O aumento dos custos que se verificou desde Abril, de 1985 justificaria um preço substancialmente maior, mas a preocupação de servir os leitores e de lhe evitar um maior encargo, levou as empresas jornalísticas a limitar a correcção do preço dos jornais diários, àquele reduzido montante — justifica aquela Associação».

SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72. TELEX 12363.

King Lear, de Godard, apresentado em Avignon

Como um coração bombeando vários sangues

Sete horas da tarde: multidão diante do cinema *Le Palace*, em Avignon submersa sob o seu festival, para ver o *King Lear* de Jean-Luc Godard. Expectativa, calor, trocas de impressões animadas, mais febre do que diante dos teatros...

NUM café, sentado na penumbra, Jean-Luc Godard, empilhado numa camisa de todas as cores. Está — e incrível que o esteja, no ponto a que chegou — roído por inquietações. Diz ele:

«Estive a ouvir o som da sala, não é lá muito bom... O report óptico do som fui fazê-lo a Londres, é bastante doce... Vais ver o filme? Perguntava a mim próprio se terás mudado... Não percebes inglês? O filme é em inglês... Li várias traduções, mas não se pode traduzir Shakespeare, como não se pode traduzir Puchkine ou Racine... Não, o texto da peça propriamente dita entra muito pouco, eu não ia agora filmar à peça, o filme é outra coisa... É uma aproximação... anda à volta dela...»

Na sala. O escuro. O filme.

Talvez um velho rei, um velho em todo o caso. É o escritor Norman Mailer. Percorre uma página com o olhar, assina-a, afasta-se. Entra uma rapariga, talvez sua filha Cordélia, que por sua vez lê a página. Algo lhe desagrada.

É como se o próprio filme, pouco seguro de si antes de se lançar, procurasse um apoio, tivesse ao menos um pensamento para os pais compreensivos, de ideias largas, cinco ou seis rostos cruzam o ecrã como se andassem na rua, Tati, Renoir, Bresson, Cocteau...

Este jovem de cabelos rebeldes, magro, cujo sono é sem dúvida frugal, e que, nesta floresta invernal, parece procurar alguma coisa que não perdeu exactamente, é Shakespeare.

As gaivotas têm um voo sereno, mas gritos cruéis. Sentado de trás num rochedo, Shakespeare escreve, muito rapidamente, uma dezena de linhas. O bater das ondas enchárcalo e o caderno e a camisa. Na noite negra, a chama de uma vela desloca-se lentamente diante um deus de Goya que devora as suas criaturas. Cordélia reencontra o pai diante de uma toalha branca, copos de cristal, pratos de porcelana; eles não se falam. Através de uma janela, um lago reflecte a luz. Jean-Luc Godard, com a cabeça coberta de cabos



eléctricos entrançados — as fraquezas da corrente são um dos contratempos das tomadas de vistas, no cinema — traduz para um inglês trapalhão uma frase de Marguerite Duras.

É o cinema de Jean-Luc Godard, essa telescopia dos olhares distantes, de vozes e ruídos contrários que, correndo juntos passo a passo, formam um fluxo coerente, luminoso, vigoroso, alegre, com dolorosos golpes de vento, bruscos, que desaparecem mal se viram, como se um coração único, batendo 36 vidas por segundo, bombeasse diferentes sangues, diferentes consciências, diferentes futuros.

Um cavalo branco fugiu e galopa

nos seixos da margem do ribeiro; será o do rei, em troca do seu reino? Uma rapariga está em terra deitada de costas; deixou ela a vida? Uma tecedeira que talvez não tenha confiança na cola do cinema cose, com linha e agulha, dois bocados de película, e por cima espeta um alfinete de ama, para se tranquilizar. O Rei Lear, surpreendido de costas, olha o mar que desce. Woody Allen, mudo uma vez sem exemplo mas não verdadeiramente desconcertado, faz frente ao filme de Godard, desbobinado, que invade o quarto como uma ténia sem cabeça nem cauda. The End.

Vinte minutos mais tarde, Godard, mais descontraído, trinca uma salada sob um plátano:

«Era o Rei Lear e sua filha Cordélia que eu tinha em mente, um pouco com Deus e Maria, no outro filme... Acabamos sempre por ter de enfrentar Shakespeare, por mais desvios e atalhos que se tenham escolhido... Ele era um poeta, um actor, fazia viver o seu teatro, e também era um homem, leste os seus sonetos?»

«Tentei, ao fazer este filme, chegar-me um pouco a ele... Seria incapaz de escrever o Rei Lear, incapaz de escrever teatro, de escrever A Gaivota, incapaz, também, de escrever uma tocata de Bach, de escrever um poema de Rimbaud... são coisas com que eu sofri... E um dia descobri que havia outros poetas, vi um filme de Jean Vigo, outro de Renoir, e aí disse para mim próprio — parece-me que também podia fazer uma coisa assim...»

«O que me espantou, foi que os escritores ingleses se calam acerca de Cordélia, porque ela não aparece senão no princípio e no fim da peça... Mas, o pai pensa nela todos os dias, num momento ou noutro... Desta vez, não pude filmar senão no Inverno... Não pude filmar uma floresta no Verão... e isso faz falta no filme, notaste? Shakespeare é, também, a floresta, no Verão...»

Michel Cournot
Exclusivo Le Monde/DL

dossier Moçambique país mártir

O massacre de Homoíne, perpetrado no passado dia 19, é mais um desses momentos que vêm confirmar à opinião pública mundial a barbaridade e a desumanidade da guerra que assola Moçambique. Um jornalista do *Le Monde* acaba de regressar de um longo périplo pelo país mártir: ouviu responsáveis e visitou a população, observou o esforço miliar feito pelo regime de Maputo para sustar as acções da Renamo. É o seu testemunho que, ao abrigo do acordo de «exclusivos» que mantemos com o prestigiado diário francês, publicamos neste número do «Sete Ponto Sete».

Págs. 3, 4 e 5



Retratos no Teatro

Ruy Furtado

Por MANUEL CINTRA

Dizia Artaud que sem um elemento de crueldade o teatro não é possível. Eu vejo na cara deste homem a confirmação. A vida não o poupou. Talvez por isso mesmo seja um dos maiores actores do nosso teatro. Ter visto o teatro nascer na sua vida com toda a força para depois ter que interromper a sua carreira durante mais de vinte anos por questões de sobrevivência e retomar, até hoje, a sua actividade como actor terá sido o percurso que fez com que esta cara espantosa, expressiva, me esteja agora a mergulhar no tempo ao ouvi-lo falar.

O Teatro apaixonou-o logo em miúdo. Apesar de ter tido dificuldades, foi mais tarde no Conservatório, que aprendeu na altura, em três anos, a arte de representar.

(Na mesa está um pratinho com rissóis, deliciosos, que o jornalista, sempre a correr e esfo-meado, vai comendo. Com extrema delicadeza, uma delicadeza que se perdeu, Ruy Furtado, fala de outros tempos, enquanto as suas mãos seguram na garrafa de sumo de laranja. Oferece um gin, junto-lhe eu o sumo e trocamos então a conversa. O tempo parece parar. Tenho devagar consciência de que este actor um dos mais expressionistas que o teatro português forjou, me está a trazer de tempos, em que eu ainda não tinha nascido ensinamentos que talvez se percam, talvez não. Não só os da arte de representar, que essa terá escolas para a apoiar, mas também os da arte de assimilar as feridas da vida, de as transformar em arte, de as entregar dignamente ao tempo, para que ele as guarde, no seu tesouro, sem fundo. Quando os rissóis chegarem ao fim, iremos os dois, continuando a conversa rua fora, ele em direcção ao médico, eu ao metropolitano, que me tentará mais uma vez, engolir, embora sem sucesso. E não haverá nesse dia tempo para jantar. O sonho terá alimentado tudo.)

Na primeira noite, em que pisou o palco, como profissional, porém, o autor era português, o Estado estava a assistir, e aborrecu-se: retirou-se antes do fim. Não fala disso com desconsolo; antes com compreensão. Compreensão talvez seja a palavra-chave para este homem. Já compreendeu tanta coisa da vida, que as suas lembranças chegam já carregadas de sentido ao gravador. De vez em quando, perante uma confidência, pede-me que pare a gravação, e então eu paro. Quando mais tarde oiço em casa o resultado, tenho a sensação de ouvir sobretudo aquilo que não foi gravado aquilo que me pediu, delicadamente, para não revelar, por ser privado, por ser falta de respeito atraiçoar a verdade se-

creta quando ela era para ser secreta. Talvez por isso mesmo eu tenha a sensação de triagem, de minuciosa triagem que o jorro de lembranças deixa no ar. Ruy Furtado, fala muito, fala imenso, seria possível ficar dias a fio a ouvi-lo, e no entanto, só nos são permitidas horas. Parece uma viagem fantástica, desculpem o entusiasmo. Ter visto este actor tantas vezes no palco, ter apreciado o rigor do seu trabalho, a marca do seu estilo, e compreender agora a interminável trama de experiências que lhe dão todas essas qualidades deixa-me por fim meio tonto e combinamos que voltarei, já não para entrevistar mas sim para conversar. Aprender.

Talvez seja assim que se chega ao presente, ao seu mais recente sucesso, o conto de Agustina Bessa-Luís que Manoel de Oliveira encenou para o teatro em Itália e virá (esperemos) brevemente a ser apresentado em Lisboa, no Centro de Arte Moderna da Fundação Gulbenkian. Mas disso já deu parte, recentemente, este órgão informativo. O ponto aqui é o facto de se tratar precisamente, no caso do conto de Agustina, da explicação dessa vida como um poço com fundo. Estaremos então, no fundo, simplesmente mergulhados, os dois no mesmo poço, a conversar.

A conversa é desconexa, aos borbotos, as lembranças surgem como um rio imparável, será mais tarde difícil fazer a escolha, entre tanta riqueza, das jóias mais notáveis conservadas no cofre simples e sincero da pequena mesa à qual me recebe.

Refere-se, por exemplo, a essa altura em que tinha parado de trabalhar e retomou, a pedido de Luís Miguel Cintra, a sua actividade, ensaiando, com Márcia Breia, Luís Lima Barreto e o próprio Luís Miguel Cintra a leitura de «Primeiro Fausto» de Pessoa, com a qual iria a Paris e a Londres, texto esse que tenta também explicar e entender o sentido da vida.

E depois às três peças de Strindberg que interpretou, no Teatro da Cornucópia, tendo sido previsto de início apenas



participar na primeira, PAI, cujo papel, embora curto, terá sido dos que mais lhe agradaram em toda a vida.

«Aquele papel é um brinde para qualquer actor»

Pelo contrário, «Sonata dos Espectros», integrada no mesmo ciclo, provocou-lhe pelo contrário uma reacção diferente: aceitou, mas não gostava tanto do papel. Viria a apaixonar-se por ele mais tarde, chegando a uma espantosa interpretação por mãos daquele encenador.

Depois regressa ao passado. Ao passado mais longínquo. Ao tempo em que para sobreviver, para dar de comer a si e à mulher Julieta, a mesma que entra discretamente para perguntar se não é preciso mais nada e depois torna a sair, esse tempo em que foi preciso interromper o teatro, talvez para sempre, e fazer outras coisas: rádio, e sobretudo escrever romances policiais. Tal como outros autores portugueses, veja-se o caso de Diniz Machado, era na altura necessário, para que os livros policiais se vendessem, assinar com nome americano, pois um livro policial era americano. Mas o caso de Ruy Furtado foi mais complexo: era ele, ao escrever, o pseudóni-

mo de um pseudónimo, e quem entregava os livros já prontos, colectando a totalidade e pagando-lhe apenas um pouco, fingia tê-los escrito, enriquecendo à sua custa, nas suas costas. Amigos policiais, particularmente um chefe da Polícia que conheceu, contavam-lhe histórias verdadeiras, algumas do tempo do RE-PÓRTER X de que tanto se falou recentemente, histórias que ele depois, em combinação com o suposto autor, executava, escrevendo o romance por vezes em duas semanas, por vezes um mês, para ganhar a extraordinária quantia de setecentos e cinquenta escudos por volume, não se aludindo aqui quanto era o lucro daquele para quem ele escrevia, como uma sombra obediente, apertada pela fome.

Lembra-se de passar durante esses vinte anos muitas vezes à porta dos teatros sem entrar, tal era o seu desgosto de ter parado. E este drama verdadeiro está-lhe na cara. Reparem, estou a dizer o que sinto. Mas sentirei com exagero? E o drama, não será por definição uma coisa exagerada?

A dado momento, no Porto, por um espaço de dois anos, trabalhou com António Pedro, encenador inesquecível para todos os que por ele passaram. Guarda

dessa época a melhor lembrança.

Quando abre o álbum para mostrar fotografias, a memória vai abrir-se de novo e não tem tempo. O jornalista interrompe-o, está na hora da sua consulta ao médico. Este texto ficará, ao contrário de outros, como uma pincelada de um complexo quadro, um quadro que o tempo ainda não acabou de pintar. Não é possível fazer em seis páginas dactilografadas o retrato de Ruy Furtado. Ou não será possível para este jornalista, em todo o caso. Então pensei propor o dobro do espaço. Mas a razão não seria, também, o dobro do tempo, mas a abundância interior deste actor, no fundo um homem simples que viveu, representou, sofreu, aprendeu, e agora, cada vez que pisa o placo, se torna numa lição viva de tudo isso, num pedaço de vida em carne e osso, essa vida que tem a pujança dos heróis fictícios, a energia solar dos caminhos percorridos, o frio de uma epopeia, de uma derrota. A simplicidade de uma mão que segura numa garrafa de sumo de laranja, que diz palavras delicadas, que enche o copo de sumo e depois o leva aos lábios, molhados no instante em que algo de novo morrerá, para algo de novo nascer.

Moçambique, país mártir

Contando com os anos de luta contra o antigo colonizador português, Moçambique está em guerra há mais de vinte anos.

A proclamação da independência, em 1975, não pôs de modo algum fim às provações de uma população que depressa se viu entre o exército da Frelimo e a Renamo (Resistência Nacional de Moçambique), em luta contra Samora Machel, e depois da morte deste, o ano passado, contra o presidente Chissano.

Este estado de guerra interno levou mais de quatro milhões de pessoas a deslocar-se para regiões de difícil acesso, onde estão, segundo um relatório da FAO, ameaçadas de fome.

Sentada num banco, no hospital geral uma criança de sete anos, de olhar grave, espera. Um empregado está a ajustar-lhe a sua prótese. Uma dupla prótese para as duas pernas retalhadas por uma mina e que tiveram de ser amputadas pelo meio da tibia.

Dentro de seis meses, voltará aqui de novo, à secção dos amputados, um «atelier» montado pelo CIRC (Comité Internacional da Cruz Vermelha) para que seja adaptada outra prótese às suas pernas que continuam a crescer. As crianças pagam um pesado tributo à guerra. Quarenta e cinco a cinquenta por cento morrem antes dos cinco anos em Moçambique, 140 000 em 1986, devido a carências alimentares e por falta de cuidados.

O «atelier» do CIRC fabrica bengalas, próteses, cadeiras de rodas. Mil e duzentos dos dois mil amputados de Moçambique podem de novo deslocar-se. Oitenta por cento deles são vítimas da guerra. Tal como Angola, Moçambique está a tornar-se «uma nação de estropiados». No entanto, o governo do Maputo podia com justa razão orgulhar-se de uma política de saúde unanimemente considerada um êxito. Uma realização que a guerra reduziu a pouca coisa. Moçambique dá a impressão de um enorme atoleiro, de um potencial sabotado.

Cahora Bassa, a maior barragem hidroeléctrica da África é disso uma ilustração exemplar. Uma construção soberba que em onze anos de funcionamento mal forneceu um ano da sua capacidade de produção. Actualmente, Cahora Bassa só trabalha a 0,7% dos seus meios máximos, isto é, a 2075 Megawatts por hora. Sete anos de trabalhos, somas fabulosas só para 10 a 15 Megawatts por hora, isto é, praticamente nada ou muito pouco. Para quê produzir se é impossível encaminhar a electricidade?

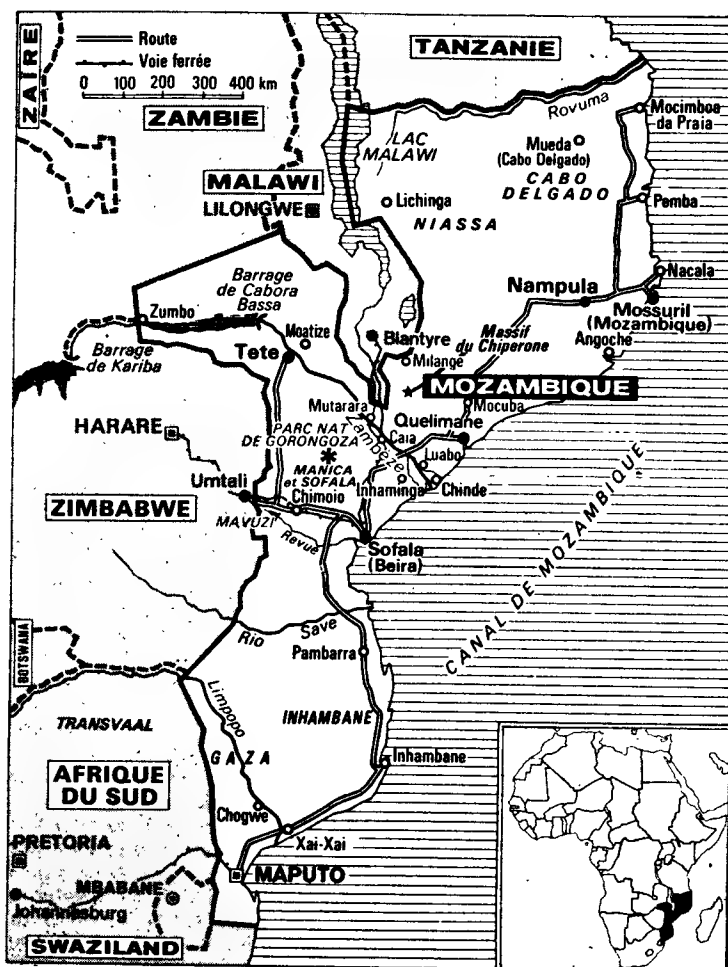
As linhas de alta tensão são constantemente sabotadas. Dos 6400 pilares das linhas que conduzem a Joanesburgo, 515 foram destruídos. O contrato de fornecimento de 1450 Megawatts assinado em 1984 com a África do

Sul é, desde Fevereiro de 1985, letra morta. O sul de Moçambique e a capital são abastecidos pelo ESCOM, o EDF sul-africano. Os portugueses que detêm 81% das partes da barragem, bem queriam cedê-las ao governo de Maputo, que não as quer. Para quê possuir por inteiro um trabalho que não dá nada e suportar as suas despesas de manutenção?

Podiam multiplicar-se os exemplos das esperanças perdidas por um conflito que não poupa nenhum sector de actividade ou serviço público. Na província da Zambézia, onde há vinte e uma fábricas de chá, só uma funciona a 10% da sua capacidade. Segundo um membro de uma organização humanitária, a comercialização dos produtos recuou quarenta anos. Os bens de consumo são raros. O metical, moeda nacional, já não permite comprar o indispensável. Símbolo dessa penúria, o grande armazém John Orr quase só mostra prateleiras vazias, mas os vendedores continuam fiéis, nos seus lugares. O país importa pouco, por falta de divisas. Tornou-se praticamente dependente da ajuda internacional.

A produção baixou em média 90%, diz-se no Ministério do Comércio. A comercialização dos produtos locais só permite satisfazer 7,5% das necessidades para o ano de 1987-1988. Algumas culturas foram reduzidas a nada. Só se obtiveram 18 000 toneladas de arroz. Houve quedas dramáticas, da ordem dos 90% e mais. As fábricas trabalham por vezes a um terço da sua capacidade. O sabão, os cobertores (um por 70 habitantes), o calçado (um par por 8 moçambicanos), as roupas, são produtos raros. «A necessidade de roupas é tão crucial como a de alimentos, diz um representante das Nações Unidas. O problema da nudez é grave. Como não têm nada para vestir os homens e as mulheres não vão aos campos nem aos centros de assistência. As crianças fogem da escola». Mais de 87% da população total não tem acesso a água potável.

Se Moçambique não está no fundo do precipício, é graças ao auxílio internacional que afluí de



toda a parte. Com efeito, este país mártir suscita uma enorme corrente de simpatia. Mais de cinquenta organizações humanitárias participam na sua salvação.

520% de desvalorização

Foi adoptado no fim de Janeiro um programa de reabilitação. O seu objectivo, segundo Eneas Comiche, governador do Banco Central é «Reactivar a economia e reduzir o défice». «Devemos deter a queda», diz ele. Como? Através de uma série de medidas tomadas nos domínios fiscal, salarial, financeiro e dos preços: antes de mais desvalorização da moeda em 420%, depois 100% em fim de Junho, aumento dos salários de 50 a 100%, introdução de novas taxas, crescimento dos preços de 200 a 400%, redução das despesas do Estado, controlo da massa monetária, introdução da noção de lucro e aumento das taxas de juro para os depósitos bancários.

O programa comporta incitações do relançamento mas também medidas de restrições porque a situação necessita de «sacrifícios patrióticos», como o vincou o presidente Chissano. Uma série de medidas em que certos princípios marxistas foram abandonados e em que um dos objectivos principais é favorecer a produção agrícola cujos preços foram multiplicados por quatro. Em contrapartida, os cidadãos começaram a engolir uma pílula bastante amarga. Como sobreviver com 10 000 meticais, o salário médio, quando um quilo de carne custa 1500, e um ovo ou uma laranja, 100? Graças ao mercado negro, a célebre «candonga», graças à permuta, graças ao mercado

paralelo, únicos meios para conseguir o pão nosso de cada dia.

Este programa, inspirado nos conselhos do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial, fora adoptado nas suas grandes linhas pelo presidente Samora Machel. O actual chefe do Estado, Joaquim Chissano, afirma ser o simples executor das vontades do seu predecessor. Uma segunda série de medidas acaba de ser decidida: aumento das tarifas públicas e subidas dos salários em 50% a partir de 1 de Agosto. Moçambique obteve o rescalonamento de vinte anos sobre 15 milhões de dólares de vencimento de uma dívida avaliada em 3,2 mil milhões de dólares.

Entrou Maputo no caminho do liberalismo económico, rompendo com uma tradição marxista? «Nós construímos o socialismo, declara Comiche, e isso deve ser claro. Queremos criar as condições para que a população possa ter alimentos, vestuário, o que lhe é necessário». Ele faz notar que já há sinais encorajadores. Segundo ele, os resultados provam-no. Aumentos de 17% da produção industrial e 8% da produção agrícola no primeiro trimestre de 1987, em relação ao mesmo período do ano precedente.

O início de uma nova fase, o fim de uma derrocada? Os optimistas acreditam nisso. O regime entrou no caminho do pragmatismo, ao dar-se conta dos prejuízos causados pela aplicação exacta das teorias marxistas inabilmente impostas. É preciso de futuro «defender e consolidar a independência nacional» seriamente ameaçada, como o proclama um «slogan» da Frelimo.

Negociar com os «bandidos»?

A tarefa do presidente Chissano, no poder desde Novembro, é particularmente difícil. Em todo o caso

espera-se em Maputo que 1987, ano do vigésimo quinto aniversário da criação da Frelimo, verá o início do bom caminho. O chefe do Estado decidiu agir em todas as frentes, à sua maneira, sem barulho, sem jactância, para que o país «saia da mendicância a que a Renamo o levou», como o disse no fim de Junho o próprio Chissano. A linha política não mudou oficialmente em Maputo. O actual governo prossegue a obra empreendida por Samora Machel: não-alinhamento, acolhimento indiscriminado de todos os Estados interessados em ajudar Moçambique, tanto do Leste como do Oeste. As autoridades afirmam que as decisões tomadas não são mais do que as directivas saídas do IV Congresso do partido, em 1983, que o presidente Machel não teve tempo de tornar realidade.

Ainda é cedo para definir o estilo de Chissano, um diplomata cuja calma se opõe à fuga do pai da independência, Samora Machel. No entanto ele vai a pouco e pouco procedendo a ajustamentos, mudando os quadros da geração saída da luta de libertação, por homens considerados mais eficazes e hábeis na gestão em tempo de crise. Metade dos governadores de província, isto é, cinco em cada dez, foram substituídos. O Exército está a ser reorganizado. Lentamente, o presidente Chissano imprime a sua marca na direcção dos negócios do país. Moçambique tem que se erguer para evitar a asfixia. Mas o fim do túnel ainda não está à vista. Claro que o Exército retomou a iniciativa. Ele reconquistou terreno. Mas quanto tempo será necessário para restabelecer uma segurança mesmo precária? Em Maputo tem-se a consciência de que a aposta da reabilitação económica não pode ser ganha sem reduzir sensivelmente as actividades da Renamo. Mas será isso possível? Não será necessário um dia negociar com os «bandidos armados»?

Uma solução que é categoricamente rejeitada pelas autoridades. Nem pensar em se sentarem à mesma mesa com os que são considerados mercenários a soldo do estrangeiro, e principalmente da África do Sul. Rumores persistentes vindos de Lisboa dão, no entanto, conta de contactos secretos que o poder se apressa a desmentir. No dia 16 de Junho, em Mueda, o presidente Chissano afastou de novo qualquer possibilidade de conversações com a Renamo. «Essa gente, declarou ele, pede, de facto, ao povo moçambicano que entregue as armas com as quais conquistou a sua independência. A diferença entre a Frelimo e a Renamo, acrescentou, é que a Renamo recebe ordens da África do Sul e de Lisboa; enquanto a Frelimo as recebe do povo.» Joaquim Chissano ofereceu no entanto aos «bandidos que se rendam, a amnistia», porque Moçambique, conclui, nunca procurou, mesmo no passado, vingar-se dos inimigos.

Michel Bole-Richard

(enviado especial do Le Monde no Maputo)

Também nas pags. 4 e 5

19 mil soldados estrangeiros em reforço contra a Renamo

No aeroporto da Beira, dois DC-3 imóveis de nariz erguido para o céu, são enchidos de víveres. Um pouco mais de três toneladas cada um, essencialmente cereais, para acalmar a fome das vítimas da guerra. Todos os dias os dois Dakota pilotados por sul-africanos fazem várias vezes o vaivém na direcção das várias cidades ao longo do rio Zambeze, Inhalinga. Caia, Sena. Pontes aéreas para socorrer as populações «afectadas», como lhes chamam as autoridades. Camponeses desamparados que abandonaram as suas terras e as suas aldeias para escapar às atrocidades da guerrilha. Juntaram-se então nas vilas e nas cidades, únicas ilhas de segurança, visto o campo ter sido deixado aos rebeldes da Resistência Nacional de Moçambique (Renamo ou RNM).

Não há dúvida que sem essas salvação vindas do céu, único meio de comunicação, os habitantes das margens do Zambeze morreriam praticamente de fome. À entrada de Caia, as duas pontes, a ferroviária e a automóvel, foram destruídas. André, o piloto sul-africano, efectua um apertado círculo sobre aquilo que parece uma grande aldeia afogada no mato. «Nunca se sabe, um dia talvez tenham missões», diz ele. Prudência desde que, em Inhalinga, um avião apanhou alguns tiros.

O Dakota, aterra numa pista arenosa, solidamente guardada pelas tropas governamentais abrigadas numa trincheira. Uma boa parte dos 3.500 habitantes assiste ao desembarque dos víveres, sacos de milho, feijão, pacotes de leite em pó (dádiva do governo suíço) e alguns embrulhos com vestuário. No meio dos militares, crianças, vestidas com pedaços de sacos, com ventres inchados onde se vêem umbigos enormes, observam, com olhar grave, a operação de descarga. Logo que esta terminou, precipitam-se, munidos de latas de conserva enferrujadas, a fim de apanhar os grãos que caíram dos sacos. Entretanto, os adultos recuperam no solo do DC-3 a farinha que se entornou e os cereais que caíram dos sacos. Está tudo limpo. Nem uma migalha escapa a esses deserdados da guerra. No entanto, o entreposto onde estão empilhados os víveres, apresenta-se bem guarnecido. Pelo menos durante algum tempo a sobrevivência está assegurada. Um total de 600 toneladas foi entregue em pouco mais de um mês, nessa região do norte da província de Sofala, sob o controlo da RENAMO desde a ofensiva do Outono passado.

Caia, caiu muito antes, em Dezembro de 1985. Por altura do ataque, a população fugiu.

A 20 do passado mês de Fevereiro, as tropas da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) reconquistaram essa capital de distrito, a 250 quilómetros a Norte da

Beira. Caia é hoje uma cidade devastada, onde os habitantes estão acampados por entre ruínas. Famílias inteiras que a busca de alimento trouxe até aqui vivem em casas sem telhado, de janelas e portas deventradas. Sentados ao canto das salas, os camponeses de olhos arregalados pela fome, de olhar resignado, cuidam da cozedura de seu alimento quotidiano numa fogueira que arde no chão. Toda a actividade desses refugiados parece unicamente voltada para um único objectivo: alimentar-se.

Francisco Semo, jovem responsável do distrito, não se lamenta. Ele mostra o que resta da sua cidade entregue a uma empresa sistemática de demolição. Dos edifícios da administração e do partido, da escola, só restam as paredes. Todas as instalações foram saqueadas, as banheiras e os lavatórios quebrados. Nenhuma mobília, nenhum traço de vida: o universo da desolação. A Praça da Independência está invadida por ervas. Nas paredes do município, os «Matsanga» (nome de um dissidente da Frelimo que lançou o primeiro ataque contra uma patrulha governamental), deixaram algumas inscrições: «Moçambicanos, peguem em armas e lutem contra Machel», o antigo presidente de Moçambique. Os soldados que ocupam o local replicaram: «O 'apartheid' é o nazismo da nossa época», ou ainda: «Viva a independência de Moçambique». As janelas, estão em posição soldados armados de metralhadoras. Num canto jaz um cofre-forte violado.

Um médico para 80 000 habitantes

Francisco Semo não mostra nenhum ódio, limita-se a contestar mostrando o seu antigo gabinete de trabalho destruído: «Coisas como esta só podem ser feitas por bandidos. Durante a guerra de libertação nunca se fizeram coisas destas. Eles devem bater-se contra as tropas e não combater a população.» A vista daquilo que resta do hospital, aflige-o. No interior só há papelada, persianas quebradas, máquinas estragadas. Nenhum mobiliário, armários vazios, vidros partidos. As



inscrições «maternidade», «rouparia», «sala de cuidados», levam-nos a salas vazias.

De hospital fantasma para carga de edifício, os habitantes e os soldados deambulam como que num mundo irreal. No chão uma senhora idosa treme de febre sob a esteira que lhe serve de cobertor. Cachos de crianças refugiam-se atrás das mães de seios chatos. Em todo o sector há um só médico para 80 000 habitantes. Tem que se ir buscar água a 2 quilómetros de distância. Não há redes suficientes para pescar no Zambeze. Em Caia falta tudo, mas fazem-se coisas com aquilo que há. Dois homens confeccionam caçarolas com chapa metálica recuperada de engenhos militares. A electricidade já não é mais do que uma longínqua recordação.

Para proteger a existência precária dessa gente sem esperança, mantém-se no local um forte contingente de tropas governamentais. O inimigo não está longe, a poucos quilómetros de distância. Ele ataca de noite e tenta roubar alimentos. A última ofensiva data de meados de Maio. Foi repelida sem dificuldade por esses soldados regulares, bem armados e bem vestidos que fizeram de Caia uma praça forte. Entre os mortos, um jornalista italiano que acompanhava a Renamo.

Se, durante o dia, a situação é calma, a noite deixa planar um silêncio de morte. Nas trincheiras e nos fortins, os combatentes da Frelimo velam, matando o tempo a jogar às damas com cápsulas de

obuses de morteiro ou tocando numa guitarra improvisada, em contraplacado. Uma espera interminável em face de um adversário inatingível porque em perpétuo movimento, que se abastece de comida e de mulheres nas aldeias cujos habitantes se tornaram reféns. Alguns conseguem fugir e vão ter às cidades reconquistadas.

Manifestamente, a contra-ofensiva da Frelimo lançada no princípio do ano deu os seus frutos nas três províncias de Sofala, Tete e Zambézia, invadidas a partir do Malawi, pela Renamo. Um bom número de aglomerados urbanos foram retomados, mas o resto do território continua dominado pelos guerrilheiros. As vias de comunicação são impraticáveis, a não ser por comboios armados. O avião é o único meio de transporte, à excepção de alguns comboios no «corredor» da Beira, protegido pelas tropas do Zimbabwe, ou em certos troços do caminho-de-ferro de Nacala, a norte. O Exército do Malawi mandou uns mil homens para uma parte desse troço, devido a um acordo de segurança assinado a 18 de Dezembro com Moçambique.

Ingerências sul-africanas

No total, quase 19 000 soldados estrangeiros vieram ajudar o Exército da Frelimo: 12 000 do Zimbabwe, 1000 do Malawi e 6000 da Tanzânia, instalados no porto de Quelimane. O papel de todos eles é

de protecção. Os tanzanianos, por exemplo, têm por missão manter sob o seu controlo certas terras reconquistadas.

Uma reconquista a fórceps que teve por consequência o deslocamento mais para norte e mais para sul dos guerrilheiros, como o prova a recrudescência dos incidentes nas províncias de Nampula, de Inhambane e de Gaza. Nos territórios situados à volta da ponta do Malawi, a libertação está longe do seu fim. Aparentemente Milange e a base de Morumbala continuariam nas mãos da Renamo.

Os bandidos armados não só levaram a guerra a outros lugares, como teriam sido, segundo as autoridades do Maputo, fortalecidos e abastecidos ultimamente a partir da África do Sul. A rádio do Exército, Voz do Combate, anunciou em fins de Maio que mil homens se tinham infiltrado através da fronteira ou haviam desembarcado na costa. A agência de Imprensa oficial AIM acusa regularmente Pretória de violar o espaço aéreo moçambicano e de treinar, por 300 rands por mês, refugiados que teriam a escolha entre o repatriamento e a entrada na Renamo. «Acusações infundadas», replica a África do Sul.

Há vinte anos que Moçambique está em guerra. Um conflito que, depois do acordo de Nkomati em Março de 1984, se agravou, e parece sem saída enquanto a guerrilha tiver o apoio, negado mas inegável, de Pretória. Se o Malawi aceitou cooperar com Moçambique na luta contra a insegurança, isso não significa que as bases da Renamo tenham sido eliminadas do seu território. Nos últimos anos a guerra de Moçambique internacionalizou-se e já ultrapassa as fronteiras. Já por duas vezes a Renamo atacou aldeias do Zimbabwe, executando assim a declaração de guerra de Afonso Dhlakama, o seu dirigente, em Novembro passado.

É certo que o Exército da Frelimo está a ser reorganizado. Alguns comandantes provinciais foram substituídos. No dia 21 de Junho, o presidente Joaquim Chissano designou um novo chefe do Estado-Maior, o antigo comandante-em-chefe do Exército do Ar, general António Hama Thai, que assim substituiu o general Armando Panguene, que, em Outubro passado, sucedera ao general Sebastião Mabote. Duzentos oficiais foram já formados pelos ingleses no campo de Nyanga, no Zimbabwe, a fim de reforçar o enquadramento. Um treino acelerado de três meses. Foi também dada grande importância à constituição de unidades especiais mais apropriadas à luta antiguerrilha do que o Exército regular.

Será, sem dúvida, necessário bastante tempo para que as tropas moçambicanas, calculadas entre quinze mil a vinte mil homens, possam ter uma posição vantajosa. A missão parece mesmo impossível, em face de um inimigo que afirma controlar 85% do território.

Michel Bole-Richard
em Caia

Perto de dois milhões de deslocados

Há quatro anos que a estação ferroviária da cidade mineira de Moatize se encontra num quente torpor. Nenhum comboio se move. A via férrea Beira-Moatize está inqualificável, com pontes destruídas e linha sabotada. A casa do chefe da estação foi alugada a uma organização humanitária.

ESTE importante centro ferroviário, situado a 20 quilómetros a norte da capital provincial Tete, transformou-se num centro de refugiados, uma encruzilhada dos deslocados. Os vagões de mercadorias, agora inúteis, servem-lhes de abrigo. Em cada um encontram-se em média cinco famílias. No total 1500 pessoas, à espera, desde Outubro, não de voltar às suas casas mas de encontrar, ao menos, uma palhota e um pedaço de terra.

A maior parte são empregados do caminho-de-ferro que, não podendo fazer andar os comboios, moram neles depois de terem sido expulsos pelos combates. Vêm do vale do Zambeze, de Caia, de Mutarara, duas cidades reconquistadas pela Frelimo em Fevereiro e em Maio, mas cuja situação está longe da normalidade. Arranjaram os vagões como puderam. Pedacos de tecido servem de parede entre as famílias. Ali vivem, dormindo sobre tapetes de junco ou de bambu, refugiando-se de dia no único local onde há sombra, debaixo da caruagem, entre os carris. É também aí que está instalada a lareira onde se coze a farinha de milho. Pneus velhos servem de bancos ou de escadas para subir para o que é a sua casa.

A vida é calma nesse comboio da espera, ritmado pelo abastecimento de água e alimentos. Tudo chega em quantidade suficiente. Foram instalados reservatórios de água. Uma grande barraca branca de Médicos sem Fronteiras serve de dispensário a esses desenraizados. Mais dois mil refugiados vivem na periferia em tendas e palhotas. O coordenador do campo, Pedro Viages, explica que todas as semanas chegam mais dez famílias do Malawi, deixando um campo para encontrar outro. Num hangar abrigam-se evacuados recentes, testemunhas de Jeová, que, acampados por entre guas, pás mecânicas e «bulldozers», remendam roupas ou fazem cestos.

Máquinas, vestígios da construção da barragem de Cahora

Bassa, como os silos de cimento, e que, todas elas, se vão enferrujando. Universo petrificado pela inutilidade, animado pelas vítimas de uma guerra cujas consequências são simbolizadas por esta estação ferroviária morta. Em cima de uma árvore, um pequeno cartaz, recorda que os combates só terminarão com a vitória final, como o mostra uma citação em letras pretas do presidente Joaquim Chissano: «Na luta contra os bandidos armados não pode haver compromisso.»

Moatize, como a maior parte das cidades moçambicanas foi in-

chão conta que foi presa pela Renamo e que conseguiu fugir para a Zâmbia. Cinco dias a andar. Um dos seus quatro filhos morreu no caminho. O marido também morreu recentemente no hospital de Tete.

Ela não pensa poder regressar um dia a Macanga, a sua aldeia, a 150 quilómetros de distância, onde era empregada doméstica. O seu futuro é um ponto de interrogação.

O problema dos refugiados não é fácil de resolver. Privados de recursos eles devem pelo menos produzir o seu alimento. Mas alguns hesitam em ir a Bengua, a 10 quilómetros,

criados pela insegurança, entre elas 400 000 só são acessíveis por via aérea. Pelo menos 300 000 estão completamente isoladas do mundo.

A UNICEF calcula que 6,8 milhões de moçambicanos necessitam de auxílio alimentar isto é, mais de metade da população, avaliada em 14 milhões. No Ministério do Comércio calculou-se que, para poder fornecer 250 calorias por dia a cada habitante, seriam necessárias, entre Maio de 1987 e Abril de 1988, 878 000 toneladas de auxílio e as promessas feitas são só de 530 000 toneladas. Os campos produzem pouco e, quando há excedentes,

das cidades, refúgio de segurança e certeza de ter que comer. «O seu estado de indiferença é por vezes total. Só aspiram à paz. Este conflito provocou uma mudança das estruturas tradicionais e quebrou as relações comerciais. Uma parte da população está desolada sem esperança em melhores dias», constata o responsável de um programa humanitário.

Não podendo restabelecer uma vida normal nos campos, o governo propõe-se instalar as populações afectadas nas cidades e na sua periferia, e reconstruir uma economia naquilo que se tornou o país útil. As organizações internacionais submetem projectos de assistência de toda a espécie a fim de evitar que uma parte da população se transforme numa geração de assistidos. O que não se faz sem dificuldades devido às carências de toda a ordem e à impossibilidade de deslocação.

Por exemplo, em Tete, onde a população passou de 50 000 para 90 000 habitantes, o governador da província está consciente de que o país não pode viver indefinidamente com o auxílio internacional e que é necessário reorganizar a produção local, adaptar-se à situação. «Não estamos paralisados» diz Muthemba, que se lembra de que durante os anos 1981-1982 os camponeses tinham colhido 26 000 toneladas de milho, ao passo que este ano mal se conseguirão 1000 toneladas. Ele reconhece que a situação é «difícil». Como plantar se se utilizam as sementes para ajudar aqueles que chegam dos campos?

700 caloriais por dia

No campo número um de Moatize as rações alimentares só permitem fornecer 700 calorias por pessoa e por dia, calculam os Médicos Sem Fronteiras, que empreenderam uma avaliação sanitária e nutricional. E, no entanto, a vida continua. Um bebé acaba de nascer na tenda dessa organização. A sombra de um baobá serve de escola. Continua a extrair-se carvão da mina mesmo que este se acumule numa gigantesca montanha, por não haver meios de transporte.

Na estrada, perto da escória da mina, está a formar-se um «comboio». Chamam-lhe «a coluna». Ele vem do Zimbábue e dirige-se para o Malawi. O exército de Harare assegura a sua pretensão, com veículos blindados. «A coluna» pode ser constituída por uma centena de camiões. À frente do primeiro veículo um painel indica Zobué, a cidade fronteiriça a 106 quilómetros de distância.

Só a estrada de Cahora-Bassa é considerada segura. O resto está entregue ao desconhecido. O Zambeze continua a correr, majestoso e imperturbável. Nas suas margens, um cinema ao ar livre anuncia o seu programa, um filme de guerra dos países de leste intitulado *Quando as macieiras derem outra vez flor*. Sim. Quando?

M.B.R.



Os refugiados instalam-se em vagões de mercadorias enquanto esperam encontrar uma palhota e um pedaço de terra

vadida pelos refugiados. A população duplicou. Outro centro da periferia desta cidade de 30 000 habitantes acolhe mais 2300 deslocados vindos de dois distritos do Norte. Reunidos à sombra de um imenso baobab, eles esperam receber uma provisão de óleo, dívida do governo americano.

Camponeses privados das suas terras, que se aborrecem nas suas palhotas de junco. Oitenta e quatro famílias não têm abrigo. Para um campo e a aldeia contígua há um só local com água.

Totalmente isolados do mundo

Evarista parece ter mais idade do que na realidade tem: cinquenta e nove anos. Um saco serve-lhe de saia. Olhando para o

por recearem os ataques da RENAMO. Um projecto similar está previsto em Estima, perto da barragem de Cahora-Bassa. Aí, região parece ser mais segura. O governo tenta criar estruturas com o objectivo de repatriar os que se refugiaram no Malawi, e cujo número o governador da província calcula em 203 000. Mais 41 000 estão no Zimbábue e 36 000 na Zâmbia.

No total, segundo o departamento de prevenção e de luta contra as calamidades naturais, 1 570 000 habitantes foram obrigados a deslocar-se no interior do país. Acrescente-se a este número 350 000 no exterior. Todos eles fugidos à fome e à guerra.

Para fazer um cálculo da amplitude do drama que Moçambique vive actualmente, basta citar alguns números: 4 600 000 pessoas são consideradas «afectadas» pelos males

caso bastante raro, eles não podem ser encaminhados para as cidades, cujos habitantes se alimentam, embora mal, graças ao auxílio internacional.

Embora a nutrição deficiente exista um pouco por toda a parte, Moçambique não é a Etiópia. Mas que se passa em certos cantos isolados, inacessíveis? E certo que alguns conseguem manter-se vivos comendo folhas, a casca das árvores ou frutos selvagens. As populações, às vezes sem nada para vestir, vão mudando de lugar. Um membro de uma organização internacional diz que os camponeses já não têm ferramentas e escavam o solo com as mãos à procura de água.

Cura de água.

Cada paragem, cada tentativa de instalação é sempre transitória e pode ser necessária uma nova fuga. Uma fuga sem fim que os leva junto

Fotografia 23 — Figuras do Espanto

Unhas, dedos dos pés e cabelos: a conjecturabilidade do ínfimo

TIVEMOS já oportunidade de trazer a estas páginas a passagem do «Moisés de Miguel Ângelo» em que Freud se refere, tão respeitosa quanto interessadamente, ao crítico de arte italiano Giovanni Morelli, referência em que se deixa bem marcado o enunciado de uma importante analogia de métodos. Morelli, médico e crítico de arte, conseguiu nesta última actividade ser ao mesmo tempo um dos mais famosos e um dos mais controversos do seu tempo: com efeito, as retumbantes atribuições por si levadas a cabo nas mais importantes galerias da Europa não podiam deixar de causar sensação e, não raro, indignação, tanto mais que os seus métodos e procedimentos se afastavam em muito dos processos então consuetos, em uso na crítica dominante.

Morelli (também conhecido pelos pseudónimos de Ivan Lermoliev e de Johannes Schwarze) baseava a eficácia do seu novo método numa *atenção às pequenas insignificâncias* que um olhar atento podia encontrar e explorar nas obras dos grandes mestres. Essas pequenas insignificâncias, que davam corpo à obra sem que, até então, a anatomia da arte as tivesse julgado dignas de um olhar clínico, como caracterizá-las? Em primeiro lugar, elas esquivam a consciência do pintor, acontecendo através dele mais do que sendo por ele feitas; em segundo lugar, até Morelli elas não se tinham furtado menos ao olhar da crítica, mais preocupada em referir a obra, à espessura subjectiva do autor, tendendo a considerá-la como o resultado acabado do desenrolar pleno de uma «vontade artista»: todos esses detalhes, insignificantes porque involuntários, situavam-se numa zona de indistincção entre as contingências dos materiais e as contingências do fazer artista e eram, portanto, perigosamente refractários em relação à sua recuperação por qualquer mitologia criacionista da expressão estética.

A diferença de Morelli, e também a sua novidade, está no modo como ele está disponível para apreender a densidade problemática dessas insignificâncias, densidade que se manifesta de um modo assaz imbricado. Porque, por um lado, o que até há pouco era tido como o insensível da obra é apreendido agora como suficientemente pesado de consequências para, tornando-se problema, poder perturbar um saber maior, constituído e instituído sobre essa obra; por outro lado, porque a consideração dessas particularidades como detalhes problemáticos apenas é possível pela consideração de que, já para o pintor, eles correspondem a problemas que apenas admitem uma solução pessoal: e, por aí, é toda a problemática moderna da identidade que se vem instalar no campo da arte, no interior dessa prática em tudo judiciária que

é a atribuição. E esta afirmação é tudo menos temerária, ou proveniente de um qualquer delírio detectivesco, no sentido em que já Edgar Wind, comentando o método de Morelli, pôde afirmar: «os livros de Morelli diferem dos de qualquer outro crítico de arte. Estão recheados de ilustrações de dedos e orelhas, *registos atentos dos pormenores característicos através dos quais um artista se revela*, como um criminoso pode ser identificado por uma impressão digital... uma galeria de arte estudada por Morelli começa a parecer-se com uma galeria de malfeitores» (1).

Orelhas, unhas, dedos dos pés e cabelos são pois exemplos que bem dão a ver como é que a complicação, a minúcia ou a infinidade são capazes, no pintor, de determinarem algo como uma tipificação involuntária do fazer: e a pressuposição de que esta tipificação corresponde à singularidade de uma resposta pessoal a um conjunto de problemas concretos, singularidade essa observável e assinalável na sua repetição, fornece aqui o fundamento metodológico para este tipo de investigação.

Desde o famoso ensaio de Carlo Ginzburg, em 1980, sobre as origens de um *modelo conjectural de construção do conhecimento*, modelo esse colocado sob os auspícios lógicos das teorias peirceanas da *abdução*, que se tem repetidamente enunciado o parentesco estreito que une os métodos de Morelli, Freud, e ainda aqueles que são descritos por Arthur Conan Doyle, e personificados por Sherlock Holmes. Estes três métodos, diz Ginzburg, «fornecem a chave para uma realidade mais profunda», realidade que, como uma doença, se esconde por detrás dos sintomas ou indícios que, quase insignificantes, a manifestam sem contudo a mostrarem inteiramente.

Como o nota ajustadamente Nancy Harrowitz, «a importância do modelo conjectural não está na noção de leitura de signos codificados... mas antes no facto de que os sistemas que Ginzburg discute foram desenvolvidos e investidos de significado através de um processo muito semelhante ao da abdução. As regras foram postuladas para explicar os factos observados, se bem que não fosse provada uma causalidade, não fosse verificada a hipótese. Como na abdução, é requerido para codificar um sistema um conhecimento cultural ou experimental» (2). Assim, a aceitação de uma hipótese problemática depende de duas exigências que podem ser concorrentes, alternativas, ou mesmo contraditórias: a exigência de uma convenção ou associação geral de ideias que funcione como o fundamento cultural de um conhecimento, convenção essa que constitui uma espécie de solo mínimo a partir do qual a con-



jectura se torna possível, e que pode ser explícita ou implícita (e cabe aqui uma referência a Heidegger e a Foucault, pensadores do impensado como solo constitutivo da própria abertura de um campo do saber); e, por outro lado, a exigência de um contacto perceptual capaz de permitir, em alguns casos, uma ratificação pela observação dos enunciados problemáticos que constituem a hipótese cogitativa avançada.

No que diz respeito aos métodos de Morelli, e à força que lhes con-

feriu toda a sua notoriedade polémica, devemos desde já dizer que ela não se ficou a dever tanto ao vigor com que ele respeitou as convenções do saber e da estética quanto à potência própria dos meios de observação e registo de que ele pôde dotar-se: com efeito, a emergência de uma problematização do detalhe, e a resolução técnica do problema das atribuições possibilitada por essa problematização, não teriam sido possíveis sem o concurso importante de uma nova tecnologia, então ainda há

pouco tempo disponível, a fotografia.

Pedro Miguel Frade

Notas

(1) Citado por Nancy Harrowitz, «O modelo do detective: Charles Sanders Peirce e Edgar Allen Poe», in *Il Segno dei Tre: Peirce, Holmes e Dupin*, colectânea de ensaios reunida e apresentada por Umberto Eco e Thomas Sebeok, publicada nas edições Bompiani, Milão 1983. Ver também os capítulos «Spie: radici di un paradigma indiziario» de Carlo Ginzburg e «Le orme del Pensiero», de Gian Paolo Gapretini.

(2) Idem.

Notas sobre a arte-video (5)

«A construção de um simulacro informa-nos sobre as nossas próprias capacidades».

P. Virilio.

É sem falácia que se admite, normalmente, hoje em dia, que a inovação técnica modula a expressão artística. A pujança inerente à invenção tecnológica esporeia, sem esforço, nostalgias, incrementa espaços inéditos que, imperceptivelmente, invadem o quotidiano, promove a fascinação, a neofilia e, até mesmo, uma certa neofagia. Nessa variedade incalculável de novos «elementos» são capitalizados *intervalos* que supõem, de si, metamorfoses que a *doxa* além de não as suspeitar não consegue activá-las instrumentalmente a fim de lhes garantir a manifestação. É adentro dessas carências, ou desses espaços *tresmalhados* que a actividade artística se imbrica, ordenando duplicidades, fenomenalizando séries activas preñhes de *virtualidade*.

A arte-video é um «espaço» que desencadeia a *de-monstração* pela qual as transformações produzidas pela inserção de um novo objecto técnico no campo das práticas artísticas estão conectadas com a re-organização das relações entre o campo de tais práticas e o espaço social no seu aspecto global. Todavia, o que nos interessa sublinhar situa-se, de preferência, na condição que se impõe ao artista, que o trans-porta a uma *acomodação* da complexidade técnica e que reveste, na prática, a apropriação concreta dos meios técnicos. Além disso, a acuidade artística é directamente investida no momento *imediato* da actualização do «produto» técnico, agindo em *simultaneidade*, comprovando a permeabilidade sem ênfase do seu poder *mimético de assimilação*.

As duas características apontadas — que pertencem mais ao meio artístico que à tecnicidade do objecto — revelaram desde os anos 60 as orientações actuais do video e que, resumidamente, consideramos a continuação da escultura cinética — a que os *VIDEASTAS* chamaram *instalações* — assumindo o papel de agente desmistificador da televisão; por outro lado, ao seu modo de expressão potencialmente interactivo reúne as qualidades de um *utensílio* social dotado de uma força enorme. Mas o que merece atenção são, antes, as rupturas que o objecto inscreve em vez da função a que concretamente se submete: são as pequenas descontinuidades — *catástrofes* — que, finalmente, cristalizam em termos de coerência interna na tecnicidade do objecto. É por tal razão que, à medida que a sua coerência interna aumenta, se verifica, na estrutura do objecto, um *acréscimo* de saber. O objecto *crece* em informação, afectando-o a tal ponto que se torna

cada vez mais *abstracto*. Ora, o elevado grau de abstracção que o objecto atinge está, de antemão, inscrito no processo de concepção e de realização, visto a integração das funções supor, a priori, um conhecimento mais agudo das propriedades intrínsecas da matéria que as compõe. Desta feita, a evolução técnica do objecto contribui, indubitavelmente, ao fixismo do seu carácter estrutural e dificulta cada vez mais a possibilidade de «détour». O artista vê-se constringido a submeter-se à orientação técnica planificada na composição do objecto. Tal estratégia é, aliás, confirmado pela produção video dos videastas das duas gerações pioneiras cujas experiências foram muito mais *auto-reflexivas*, a primeira, «voltando-se» a segunda geração para a *desconstrução* das propriedades do medium.

Neste intervalo de reinterpretação que nos é reservado, diríamos que a primeira geração foi a que realizou o voto de J.-F. Lyotard (La condition post-moderne, Le post-moderne expliqué aux enfants), i.e., actualizou o «*experimentalismo*» — (no sentido que John CAGE exigia à «*experiência*», ao «*work in progress*») — em que o saber complementar do sujeito em relação ao que se encontra inscrito no objecto atingem um certo equilíbrio, indemonstrável aliás, mas que corresponde a uma franja do pensar ocidental.

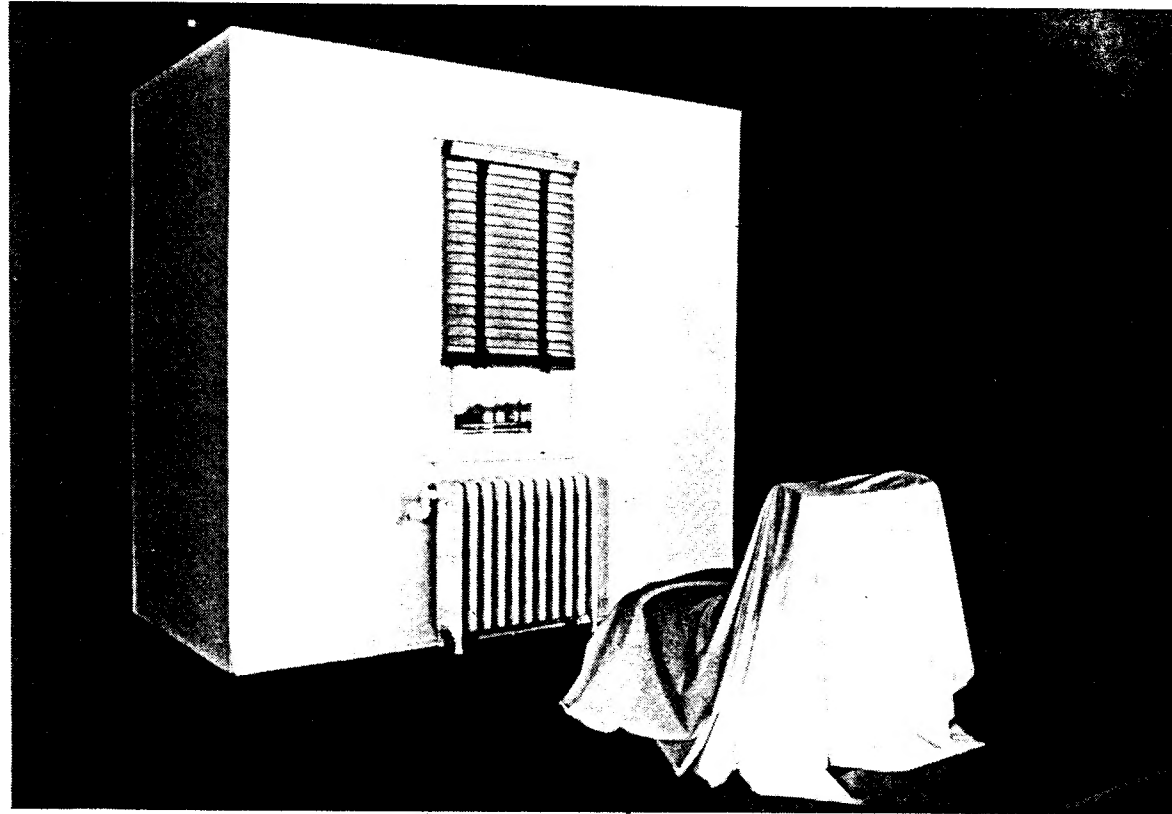
A segunda geração, devido à complexidade tecnológica que o objecto alcançou, tenta, por sua vez, desconstruir o médium, transmitindo para a *narratividade*. O que, criticamente, supomos é a intermutabilidade do(s) saber(es), na primeira fase, e a intermutabilidade do(s) sujeito(s), na segunda. De uma para a outra o objecto ganhou autonomia, o que, inevitavelmente, modificou o modo de apropriação.

Desse modo, também é a modalidade de apropriação, o *estilo*, que separa «espaços» — o doxológico e o artístico —, além de revelar a sua própria liberdade que se reformula na capacidade do seu esvaecimento, doxologicamente sem objecto.

E, se nos pronunciámos já por uma *AN-ESTÉTICA VIDEO* é para melhor(?) sublinhar a renúncia teimosa do campo artístico, o qual advém na articulação de uma prática e de um saber operativo, *TECNO-TRÓNICO*. Donde, qualquer que seja a atitude, ainda que irrisória, sob um certo ângulo, não promove uma alternância pertinaz nas componentes estruturais do objecto-video. O video impõe, sobretudo, um comportamento de negação, i.e., o objecto é negado, mas não pervertido. O artista tende a pôr em cena a sua *vontade de negação* por ser incapaz de des-montar a abstracção material incluída no objecto cuja combinatória genética lhe



Nam June Paik, TV Zen



Barbara Steinman, quarto para alugar

escapa.

Chegado ao nível o objecto técnico não só reúne mas controla implicitamente um conjunto de dispositivos que lhe garantem o domínio directo da feitura do produto visual. A forma complexa das funções assim aferida e subentendida na apropriação dos saberes operatórios, e, por ricochete, à complexidade de tais funções, corresponde imediatamente a *performatividade* do objecto.

Rafael Godinho

Notas

Georges Simondon, Du mode d'existence des objets techniques Paris, Aubier, 1969.

Paul Virilio, «Images publiques» TRAVERSES 40 - Avril 1987 (Théâtres de la mémoire).

Na quinta-feira

TER-ESGREVER

Igreja — «privatização» e «comunhão»

A palavra de um católico perante a sociologia da experiência eclesial: a «privatização» da fé contraria o espírito pentecostal, que deveria caracterizar a intervenção da Igreja no mundo de hoje, e que é marcado pela irradiação e a missão — aquilo a que, em política, se chama militância.

Há duas realidades para que temos vindo a despertar na Igreja: a primeira é a vocação baptismal como fonte de co-responsabilidade eclesial; e a segunda é a experiência comunitária como eixo da existência cristã.

Vamos estabelecer um confronto dessas realidades com os dados da sondagem sócio-religiosa à população do patriarcado. Essa sondagem, feita em 1984, contém indicativos que têm vindo a ser estudados por vários sociólogos e que nos permitem conhecer mais a fundo os comportamentos e tendências religiosas da população estudada.

Tenho perante mim um estudo de Marinho Antunes, um desses sociólogos, que analisa a projecção da fé ou da posição religiosa das pessoas. Se trago aqui esses dados, é porque entendo que o nosso optimismo deve arrancar da realidade, mesmo que ela contradiga a esperança apontada. Na verdade, continuo a pensar que estamos a viver uma nova época pentecostal que tem afinidades com aquilo que a comunidade cristã primitiva experimentou. Todavia trata-se de um novo despertar, que a frieza dos números da sondagem parece contradizer. Tal facto, longe de nos desanimar apenas nos fará ser mais realistas e objectivos na estratégia pastoral que

haveremos de desencadear a fim de que o Espírito não seja abafado e possa efectivamente provocar esse despertar, cujos sinais são, quanto a mim, inequívocos.

Privatização da fé

Que nos diz, entretanto, o trabalho já referido? passo a citar: «O conjunto de resultados apurados sobre a projecção da vida religiosa na vida pessoal, a partir da sondagem sócio-religiosa à população do Patriarcado, converge no sentido de comprovar a hipótese de estar em curso um processo de privatização da fé entre os católicos do Patriarcado, ilustrado pela tendência para a fé ser reconhecida como produtora de efeitos importantes sobretudo nas dimensões mais pessoais da vida ou no âmbito das relações familiares ou de círculos próximos da esfera da vida privada e menos nos círculos da actividade pública».

É este processo de privatização da fé, de que nos fala o sociólogo Marinho Antunes, que tem de ser contrariado, pois esse não é o dinamismo do Pentecostes. Pelo contrário o espírito pentecostal é o espírito de irradiação, de diálogo, de missão.

Desinteresse da participação

Existe, aliás, um outro dado que nos é fornecido por Manuel Carvalho no estu-

do que faz sobre a participação social e centros de interesse a partir da mesma sondagem. Aí se fala do «elevado grau de desinteresse pela participação em relação a quase todos os assuntos (excepção feita aos da família) e sobremaneira em relação a assuntos muito próximos dos interessados». No estudo deste sociólogo são-nos fornecidos os seguintes dados no que respeita aos católicos praticantes: «os católicos praticantes participam, principalmente, nos sindicatos (9,3%), nos pequenos clubes (6,2%), nas associações de solidariedade social (5,6%), nas recreativas (4,2%), nos grandes clubes (3,5%), nas associações de moradores (2,4%), nas religiosas (2,3%), e nas cooperativas (2,2%)». Note-se que somando todas as percentagens não se vai além dos 32,7% de filiação associativa, o que significa que mesmo entre os católicos praticantes é muito baixo o grau de abertura à participação comunitária e social. Neste aspecto os dois trabalhos citados convergem e corroboram-se mutuamente. Impressiona sobretudo o dado respeitante à participação em associações religiosas, que é apenas de 2,3%.

Espírito cristão

Significa isto que estamos mesmo no princípio dum processo de renovação eclesial que, para atingir o objectivo visado terá de vencer a tendência para o individualismo e a privacidade na maneira de viver a fé e de a projectar na vida pessoal e comunitária. Está ligada a esta batalha contra uma existência cristã reduzida a um culto e a uma religiosidade individual, a vitória do genuíno espírito cristão. Com efeito a originalidade está na comunhão que ela gera e

que se configura numa fraternidade humana, animada pelo espírito de Cristo e aberta à Paternidade divina. Severino Dianich, teólogo italiano, diz a propósito disto: «Uma Igreja que se declare necessária, mas que se apresente como estrutura anónima, onde o anúncio se resume a meros textos doutrinários e Cristo é comunicado apenas por gestos rituais estereotipados, seria uma Igreja que não possuiria efectivamente os títulos que tornam válida a sua pretensão». Onde o mesmo autor retira algumas consequências, que volto a citar: «Antes de mais pede-se à Igreja que seja uma rede de relações interpessoais. Onde isto é impossível por causa da dimensão excessiva de uma comunidade, ou por causa do peso excessivo sobre ela de estruturas burocráticas anónimas, ou ainda devido ao decaimento das relações entre pessoas, está verdadeiramente em causa a existência autêntica da Igreja. O mero apelo a valores objectivos da doutrina, dos sacramentos ou da legitimidade das estruturas e funções, não basta. Todos estes elementos não podem substituir aquela comunhão verdadeira de vida que se forma na comunidade interpessoal da experiência de Cristo.» (S. Dianich, Chiesa Mistero di Comunione).

Entre esta doutrina e os factos evidenciados pela sondagem já referida existe um hiato. Mas é aí, precisamente nessa lacuna, que se situa a acção do Espírito que, como no Pentecostes, nos fará, já está a fazer, abrir as portas, sair para o exterior e promover a aliança fraterna e transcendental que há-de mudar a face da terra e preparar o advento do Reino de Deus.

Carlos Paes



Mensagens Pessoais

Advogado

Honesto e competente. Preciso para tratar questão laboral (vencimento em atraso e tentativa de despedimento) Tel. 988 34 84 (Loures) depois 19.30.

Biblioteca vende-se

Medicinas Naturais e práticas alternativas de vida — Biblioteca especializada de 800 volumes, vende-se motivo de emergência — Telefone 243 65 29 depois das 19 horas.

Pedras De'l Rei

Alugo apartamento TO com quatro camas, cinco pessoas nos meses de Julho, Agosto, Setembro e Outubro, completamente equipado, com piscina, courtes de ténis, transporte privado para a praia do Barril, etc. Informa os telefones 084-2 65 64 das 9 às 19 horas e 084-2 23 52 a partir das 19 horas.

Correspondente Brasil

Formado em Letras, 30 anos, trabalho em publicidade. Gostaria de trocar correspondência com portugueses, a fim de saber sobre a vida e o trabalho em Lisboa, mandando em troca informações do Brasil. Obséquio mandar cartas para: José Carlos Lopes — Rua Monte Santo, 140/102 — Vila da Penha — 21231 — Rio de Janeiro — RJ — Brasil.

Correspondente Bissau

Jovem guineense de 24 anos deseja corresponder-se com portugueses e guineenses residentes em Portugal. Chama-se Seco Camará e deve-se dirigir a correspondência ao cuidado de Homem André. Banco Nacional da Guiné-Bissau, Caixa Postal n.º 38, Bissau, Guiné-Bissau.

Pen Pals from Portugal

Jovens do Ghana que também procuram correspondentes: Miss Sabaina De Cole, P.O. Box 672, OGuaah City, Ghana (26 anos); Miss Millie Summer, P.O. Box 909, Cape Coast, Ghana (23 anos); Miss Newlong Tano, P.O. Box 672, Cape Coast, Ghana (25 anos); Rosemonde Boache, P.O. 672, OGuaah City, Ghana (23 anos); Victoria Yiadom, mesmo endereço. Correspondência exclusivamente em inglês.

Volkswagen

Volkswagen Club de Portugal — Apartado 282 — 4401 V.N. Gaia. O que é? É uma associação de carácter cultural, recreativo e desportivo, que agrega proprietários e simpatizantes de Volkswagen com motor arrefecido a ar. Estamos à sua espera, escreva-nos.

Emprego

Sou um jovem com 18 anos e o 10.º ano, procuro emprego em qualquer ramo. Telef. 32 36 19.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o Diário de Lisboa de Lisboa podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais» Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.